



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

BRENO BERSOT DA SILVA

**Flashes de famílias: relações de gênero no Brasil
através de fotografias (séculos XX e XXI)**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Agosto / 2016



S586 Silva, Breno Bersot da.

Flashes de famílias: relações de gênero no Brasil através de fotografias (séculos XX e XXI) / Breno Bersot da Silva. – 2016.
148 f. ; il.

Orientadora: Angela de Castro Gomes.

Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de História) –
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e
Filosofia, Departamento de História, 2016.

Bibliografia: f. 141-148.

1. Gênero. 2. Família. 3. Ensino de história. 4. Fotografia. I. Gomes,
Angela de Castro. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

BRENO BERSOT DA SILVA

**FLASHES DE FAMÍLIAS: RELAÇÕES DE GÊNERO NO BRASIL
ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS (SÉCULOS XX e XXI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal Fluminense como pré-requisito para a obtenção do Título de MESTRE em Ensino de História

Orientadora: Profa. Dra. Angela de Castro Gomes

NITERÓI - RJ

2016

BRENO BERSOT DA SILVA

**FLASHES DE FAMÍLIAS: RELAÇÕES DE GÊNERO NO BRASIL ATRAVÉS DE
FOTOGRAFIAS (SÉCULOS XX e XXI)**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Título de Mestre em Ensino de História no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal Fluminense.

Niterói, 23 de agosto de 2016.

Professor _____

Coordenador do curso de _____

BANCA EXAMINADORA

Profa.

Profa.

Orientadora

Profa.

Profa.

*À minha família, especialmente meus queridos
avós. Meu avô Iberê, que já partiu...
Aos meus amigos mais íntimos.*

Agradecimentos

Agradeço a Capes, pela bolsa que me foi concedida, e pela oportunidade de poder compartilhar conhecimentos através de um programa de mestrado tão auspicioso como o Profhistória se revelou.

Aos familiares e aos amigos. Pedro Portocarrero e Fábio de Medina, em especial, pelas grandes contribuições que me deram para que este material se aperfeiçoasse.

Aos mestres que tive a honra de conhecer ao longo da vida, inclusive durante todo o período desta pesquisa no Profhistória. Especialmente, à minha orientadora, Angela de Castro Gomes, pela enorme dedicação, paciência, e, claro, pelas trocas de conhecimento.

“Atualmente as famílias são formadas por diversas estruturas: por exemplo, há mães solteiras com seus filhos; pais com filhos adotivos; famílias formadas por casais que já tiveram outros casamentos com filhos e decidiram ter outros filhos dessa união; temos ainda famílias formadas por um casal e um “animal de estimação”... e, também, se questiona se podemos considerar família o solteiro adulto que vive sozinho.

[...] O flagrante da revolução contemporânea, porque passa a população e a família brasileira, se completa com núcleos familiares formados por minorias como os homossexuais (com casamento e adoção de crianças) e por conta das novas técnicas de reprodução (inseminação artificial, doador de esperma, barriga de aluguel, etc.).”

(Arlindo Mello de Nascimento)

“[...] como as alunas constroem um sentimento de si mesmas, de existência e continuidade ao longo do tempo, se a impressão que elas têm é a de que nunca existiram? Como elas se representam? Como um outro, como uma falta? E quanto ao tipo de consciência histórica construída? Ou seja, como elas se posicionam em relação ao tempo? Compreendem que ‘o ser mulher’ é algo histórico? Que suas experiências são relativas de contexto para contexto? O mais provável é que se pensem como sujeitos atemporais, pois não é comum que se historicize suas experiências nas aulas de história.”

(Anadir dos Reis Miranda)

RESUMO

O trabalho consiste em parte escrita e material didático, em Power Point, sobre relações de gênero através do tema “família”, para ser utilizado por professores de história em suas aulas, como uma nova possibilidade de trabalho com esse tema. Para tanto, nos utilizamos de fotografias de família como principais fontes, para observar como, do início do século XX até início do século XXI, as famílias brasileiras foram se transformando e assumindo arranjos e modelos os mais variados. Tais temas partiram da preocupação de que há na sociedade brasileira uma forte propagação de preconceitos em forma de homoesbotransfobia, machismo e racismo que estimulam a violência física e simbólica, sobretudo contra as mulheres, população LGBT e minorias raciais. Procuramos dar destaque a esses temas para serem devidamente discutidos na escola de forma complexificada, trabalhando a diversidade de modelos familiares, sem deixar de tocar na temática racial também. Assim, foi necessário, primeiro, diagnosticar como esses temas vinham sendo abordados nos livros didáticos de história. Percebeu-se que, na poucas vezes em que apareciam, eles eram trabalhados como apêndice, devido ao fato de os livros didáticos privilegiarem tudo o que se relaciona à esfera pública, e, portanto, política, em detrimento das questões relacionadas ao âmbito da vida privada. Também se notou como esses conteúdos eram tratados, com algumas exceções, de maneira muito superficial pedagogicamente, quase sem articulação com a aprendizagem histórica, defendida por Circe Bittencourt, Jörn Rusen e Anadir Miranda dos Reis. Por isso, de maneira conjunta, o material didático também contemplou um pouco da história social da fotografia, pois, era necessário que as mesmas perdessem o caráter meramente ilustrativo e passassem a ser entendidas pelos alunos como um documento de grande valor histórico.

Palavras-chave: Gênero. Família. Ensino. História. Fotografia

ABSTRACT

This work consists of a written part and a teaching material, in Power Point format (.ppt), on gender relations through the “family” theme, to be used by History teachers in their classes, as a new possibility to work with this subject. For this purpose, we have used family photos as main sources, to observe how, from the early twentieth century to the early twenty-first century, Brazilian families were changing and presenting themselves in the most varied arrangements and models. These themes have come up from the finding that there is in Brazilian society a widespread proliferation of prejudice in the form of homophobia, machismo and racism that prompts physical and symbolic violence, mainly against women, racial minorities and the LGBT population. We tried to highlight these issues to be properly discussed in school in a complexified way, working with the diversity of family models, while addressing the racial issue as well. Thus, it was necessary to first diagnose how these issues were being previously addressed in History textbooks. It was noticed that, in the few times they appeared, they were presented as an appendix, due to the fact that History textbooks in Brazil tend to favour everything that relates to the public sphere, and therefore politics, at the expense of issues related to the scope of private life. Also it was noticed how those contents were dealt with, despite some exceptions, generally in a very superficial way pedagogically speaking, with almost no connection to the historical learning advocated by Circe Bittencourt, Jörn Rusen and Anadir Miranda dos Reis. So, put together, the courseware also included some issues of social history of photography, because it was necessary that the photographs lose the mere illustrative character and from now on to be understood by students as a document of great historical value.

Keywords: Gender. Family. Teaching. History. Photograph

SUMÁRIO

Introdução.....	12
------------------------	-----------

Capítulo 1: Gênero, Família e Aprendizagem Histórica.....	15
--	-----------

1- A Categoria Gênero.....	15
1.1. O Aspecto relacional do Gênero.....	18
1.2. Relações de poder no gênero: a microanálise foucaultiana.....	20
1.3. Gênero e cotidiano: ampliando os horizontes heurísticos e hermenêuticos.....	21
2- As famílias.....	23
2.1. Os estudos de demografia.....	25
3- Gênero e Aprendizagem Histórica.....	34
4- Relações de gênero, imagens e “aprendizagem histórica”	37

Capítulo 2: Como os livros didáticos trabalham as famílias e as relações de gênero?.....	42
---	-----------

2.1- Família e relações de gêneros nos livros didáticos: os estudos existentes.....	43
2.2- Família e relações de gêneros nos livros didáticos: um exercício de análise.....	46
2.2.1. O uso de Boxes e o silêncio do tempo presente.....	48
2.2.2. A estratégia da personalidade.....	51
2.2.3. Livros didáticos e seus conteúdos para ensinar gênero: os usos da iconografia.....	61

Capítulo 3: O uso da fotografia na composição do material didático e sua utilização pelo professor.....	66
--	-----------

3.1- Uma periodização.....	68
3.2- O uso de fontes complementares e legendas.....	71
4- Tutorial para a utilização do material didático “Flashes de Família”	73
4.1- Procedimentos para a leitura das fotografias de família.....	74
Verbetes.....	136
Referências bibliográficas.....	141

Introdução

“Você concorda com a definição de família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, prevista no projeto que cria o Estatuto da Família?”. É essa pergunta que se lê na enquete veiculada no site da Câmara dos Deputados do Brasil sobre o Projeto de Lei que trata do Estatuto da Família (PL 6583/13), de autoria do deputado Anderson Ferreira (PR-PE)¹. Desde fevereiro de 2014 até setembro de 2015 era possível que toda a população brasileira, com acesso à internet, votasse contra, a favor ou se abstinhasse ante uma questão complexa e polêmica, em torno de relações de gênero. Segundo definição proposta pelo Artigo 2º do PL 6583/13, “define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.”². Prevê, através desta definição, assegurar a proteção da parte do Estado aos arranjos familiares que se enquadrem nela.

Foram mais de 10 milhões de votos apurados, numa disputa acirrada, na qual 51,62% votaram contra e 48,09% a favor do modelo de família proposto, gerando, inclusive, suspeitas de fraude:

A enquete bateu o recorde do site da Câmara, com 10,2 milhões de votos, e movimentou grupos em defesa dos direitos da comunidade LGBT e lideranças da bancada evangélica. Militantes se mobilizaram nas redes sociais pedindo votos para os dois lados³.

Embora a maioria da população que se manifestou tenha votado contra a definição de família proposta pelo Estatuto, em agosto de 2015, a maioria dos deputados que integrou a Comissão Especial sobre o Estatuto da Família votou a favor. Esse projeto tramita, até o momento em que escrevo (maio de 2016), no Senado

¹Acesso em maio de 2016 através do link:

<http://www2.camara.leg.br/enquetes/pesquisaEnquete/?jsessionid=6FDE93F27FABDEDD21504DC40FF8932C.node1>

²Acesso em maio de 2016 através do link: [http://amp-](http://amp-mg.jusbrasil.com.br/noticias/124514593/congresso-polemiza-com-projeto-de-lei-sobre-conceito-de-familias)

[mg.jusbrasil.com.br/noticias/124514593/congresso-polemiza-com-projeto-de-lei-sobre-conceito-de-familias](http://amp-mg.jusbrasil.com.br/noticias/124514593/congresso-polemiza-com-projeto-de-lei-sobre-conceito-de-familias).

³Acesso em maio de 2016 através do link: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/08/28/camara-detecta-fraudes-e-muda-sistema-de-enquetes.htm>

para ser votado. Contudo, em 2011, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) já haviam reconhecido, por unanimidade, a união estável entre pessoas do mesmo sexo como uma família, praticamente igualando direitos e deveres de casais heterossexuais e homossexuais. E, em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) regulamentou a união homoafetiva, por meio de resolução que obriga os cartórios a realizarem o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.⁴

Minha pesquisa encontra-se no bojo desta e de muitas outras polêmicas acerca da temática da família e das relações de gênero, a exemplo daquelas relacionadas às violências físicas e emocionais de homens contra mulheres no Brasil, presentes nas relações cotidianas. Dados divulgados por instituições como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre outras, vêm revelando uma tendência de crescimento médio das taxas de violência contra mulheres, incluindo os homicídios, no Brasil e no mundo. O caso do Brasil é ainda mais delicado, como se vê abaixo:

O significado dessas magnitudes, pouco percebido e muitas vezes ignorado, pode ser melhor apreendido ao comparar nossa situação com a de outros países do mundo. Segundo dados da OMS, nossa taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, em 2013, nos coloca na 5ª posição internacional, entre 83 países do mundo. Só estamos melhor que El Salvador, Colômbia, Guatemala e a Federação Russa, que ostentam taxas superiores às nossas. Mas, em relação a países tidos como civilizados, nós temos:

- 48 vezes mais homicídios de mulheres que o Reino Unido;
- 24 vezes mais homicídios de mulheres que Irlanda ou Dinamarca;
- 16 vezes mais homicídios de mulheres que Japão ou Escócia.

Nesses 83 países analisados, a taxa média foi de 2,0 homicídios por 100 mil mulheres. A taxa de homicídios femininos do Brasil, de 4,8 por 100 mil, resulta 2,4 vezes maior que a taxa média internacional. São claros indicadores de que nossos índices são excessivamente elevados, considerando o contexto internacional. (WAISELFISZ, 2015, p.72)

Com base nesse preocupante diagnóstico, esta pesquisa pretende trabalhar com a questão das relações de gênero, destacando sua importância para o ensino de

⁴Acesso em setembro de 2015 através do link:
http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf

História no ambiente escolar. Seu objetivo principal é analisar as mudanças que ocorreram nas relações de gênero na sociedade brasileira, ao longo do século XX, chegando ao início do século XXI. Para um melhor tratamento do tema, de forma a se conseguir um eixo norteador, elegi trabalhar com as relações de gênero sob o foco da família, por ser esta uma instituição absolutamente decisiva no processo de socialização dos indivíduos e organização da sociedade.

Conforme pude observar, já para os anos iniciais do ensino fundamental, a segunda versão da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) elencou o tema família como parte das propostas de “objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da História”, tais como: “Conhecer as histórias da família e escola, identificando o papel desempenhado por diferentes sujeitos”; “Identificar mudanças e permanências nas formas de organização familiar”; “Reconhecer as diversas configurações de família, acolhendo-as e respeitando-as” (BRASIL, 2016, p.302).

Dialogando com tais objetivos propostos pela BNCC, ao longo desta pesquisa pretendo explorar possibilidades de se tratar a temática de gênero no ensino de História, estendendo-a para as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e turmas do Ensino Médio. Também pretendo trabalhar com a questão racial, embora secundariamente, pois, devido ao fato de o Brasil se mostrar um país diverso em termos étnicos, as questões de gênero sofrem fortemente o impacto dessa variável. Trata-se então de uma dimensão a ser incorporada dentro da problemática das relações de gênero nas famílias. As fontes mais importantes para me auxiliar em um levantamento preliminar, sobre como gênero vem ou não sendo tratado, são os livros didáticos. Aliás, a maior parte das pesquisas sobre tal tema, na área de ensino de História, debruçou-se sobre eles. Por fim, a partir do diálogo com os livros didáticos, vamos propor formas de se trabalhar em sala de aula com a questão de gênero no ensino de História, através da construção de um material didático que explore fotografias de famílias como fonte principal.

Capítulo 1: Gênero, família e aprendizagem Histórica

O conceito de gênero vem sendo desenvolvido e apropriado por muitos intelectuais desde os anos 1960/70, no contexto nacional e internacional. Isso se deveu, principalmente, ao vigoroso debate proposto pelo movimento feminista em seus vários campos de atuação. Porém, no Brasil, tal como nos informa a historiadora Raquel Soihet, esse debate só chegou, nos anos 1980, especialmente na área da História (SOIHET, 1998).

As décadas de 1970/80, para a historiografia, têm uma relevância especial. Elas assistiram a uma profunda transformação no que tange a seus métodos, teorias e também aos objetos históricos contemplados nas pesquisas. Após um período de domínio da história das mentalidades e da história social da Escola dos Annales, ambas as perspectivas voltadas a análises estruturalistas e de longa duração, vão ganhar espaço outras perspectivas, expressas na chamada nova história política e na história cultural:

A historia cultural é mantenedora, em grande medida, do interesse da historia social pelos “de baixo”, sem excluir os “de cima”, já que se preocupa com o estudo das relações, amplia o espectro, incluindo não apenas as classes, mas também os gêneros, as etnias, as gerações e múltiplas formas de identidade, além de buscar diferenças entre todos, excluindo qualquer pretensão de homogeneidade. (SOIHET, 2003, p.18)

1- A categoria gênero

Em meio a tal contexto de mudança dos paradigmas científicos, que atingiu não só a historiografia, mas outros campos da ciência social (como o da antropologia), é possível situar melhor as contribuições da categoria gênero. Ela tanto é resultado como também é produtora desse desmonte epistemológico de concepções fixas, tão em voga nas pesquisas funcional-estruturalistas, dominantes até então, como elucida a historiadora Joan Scott:

Ademais, e talvez o mais importante, o “gênero” era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. (SCOTT, 1990, p.3)

Scott, logo em seguida, cita as feministas Ann D. Gordon, Mari JoBuhle e Nancy ShromDye:

Aprendemos (...) que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. Não é exagerado dizer que por mais hesitante que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história. (SCOTT, 1990, p.3-4).

A seguir visualizaremos os aspectos que julgo mais relevantes de serem evocados quando tratamos da categoria gênero, que é muito complexa. É importante ressaltar que gênero é, ela própria, uma categoria que sofreu alterações ao longo do tempo, sendo bastante disputada nas formas como era apropriada tanto política como epistemologicamente. Não pretendo, contudo, mostrar todas as apreensões anunciadas por Joana Pedro, representadas pela primeira e pela segunda “ondas” feministas.⁵ Desejo apenas trabalhar com a sua mais recente acepção, percebida principalmente nas obras dos historiadores Maria Odila Dias, Rachel Soihet, Joana Pedro, Margareth Rago, Durval Muniz Albuquerque Júnior e, sobretudo, Joan Scott.

⁵ Conforme explica Joana Pedro: “O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: “o privado é político”. Foi justamente na chamada “segunda onda” que a categoria “gênero” foi criada, como tributária das lutas do feminismo e do movimento de mulheres. PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In HISTÓRIA, SÃO PAULO, v.24, N.1, P.77-98, 2005, p. 79-80.

A historiadora Joan Scott pertence ao hall de feministas pioneiras anglo-saxônicas que conseguiram não só construir a categoria gênero, como também refiná-la à luz de forte envergadura crítica de viés pós-estruturalista, inspirada fortemente nos trabalhos de Michel Foucault e de Jacques Derrida.

O primeiro aspecto que podemos observar em relação à constituição da categoria gênero é o caráter histórico e cultural da mesma. Entende-se que a forma como se concebem os papéis sexuais nas relações sociais não dizem respeito às determinações biológicas do ser humano. Sendo assim, mulher é uma construção social, bem como homem. Podem ser detectadas muitas variações de masculino e de feminino não só entre as sociedades, mas também dentro de uma mesma sociedade, ou seja, tanto sincronicamente como diacronicamente. Isto nos permite visualizar o caráter múltiplo das sociedades na história, no que tange à forma como construíram papéis, representações simbólicas, arquétipos, subjetividades as quais serviram para distinguir as pessoas entre si em função da anatomia física e biológica.

Como podemos observar, Scott captura o elemento histórico, plenamente sociocultural, de que se reveste conceito de gênero ao mostrar que

No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. (SCOTT, 1990, p.3)

Como nos mostra Joana Pedro, desde os trabalhos da antropóloga Margareth Mead na primeira metade do século XX, passando pelos trabalhos de Simone de Beauvoir, e chegando ao presente, há rupturas nas formas como as feministas se apropriaram dos conceitos para análise, mas há também continuidades, e uma dessas continuidades pode ser destacada na incessante tentativa de desnaturalização dos fenômenos relacionados a papéis sexuais. (PEDRO, 2005, p. 79-80)

Joan Scott mapeia muito bem como andam as pesquisas sobre gênero dentro do campo da História, principalmente entre as feministas anglo-saxônicas, e demonstra certa frustração ao perceber, ora um estilo meramente descritivo de história sendo narrada, ora uma tentativa mais ousada de um viés teórico de história,

os quais não lhe agradam definitivamente. O primeiro porque não consegue ir além de uma História das mulheres, do feminino, e não consegue romper com a tradicional ideia equivocada de separar privado e público, familiar e político, mulheres e homens, como se não fossem esferas fundamentalmente relacionais, tal como será explorado no próximo aspecto. O segundo porque sempre recai num tipo de determinismo, que vai desde o de ordem biológica daquelas que estudam as origens do patriarcalismo; passando pelo de ordem econômica das teóricas marxistas baseadas nos modos de produção; até chegar àquelas teorias que acabam resvalando no determinismo bio-psíquico. Este último baseia-se numa ideia lacaniana de que a subjetividade humana é construída no ambiente familiar (sem muita conexão com o exterior), devido aos dispositivos de ordem psíquica formatados dentro da oposição binária atemporal masculino-feminino, encontrados na realidade doméstica. Assim, Scott diz:

Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Temos que ficar mais atentas às distinções entre nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar. Temos que encontrar os meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica. (SCOTT, 1990, p.18)

1.1- O aspecto relacional do gênero

Scott também nos lembra do “caráter relacional” o qual diz respeito ao fato de que a concepção de mulher que se constrói num contexto não pode vir dissociada da concepção de homem que ali também se constrói e vice-versa. Estes são elementos fundamentalmente indissociáveis, um não existe sem o outro. Portanto, quando se estuda gênero, não se trata de uma história do feminino, como muitos o fizeram; trata-se das relações travadas entre ambos os gêneros, como que perfazendo duas faces da mesma moeda.

Os trabalhos de Robert Connell⁶, Durval Muniz Albuquerque Junior (2003), Jânio Jorge Abreu e Thamyres Andrade (s/d) justamente querem evidenciar este

⁶ Socióloga transexual australiana que trocou o nome atualmente para Raewyn Connell. A autora possui vários trabalhos sobre o tema, tornando-se referência mundial, como CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos

caráter relacional, observando também o lado masculino, contrastando com tantos estudos que de fato priorizavam e ainda priorizam o estudo das mulheres de forma estanque, o que até pode ser compreendido, haja vista todos os esforços das últimas décadas das feministas para se retirar o feminino da invisibilidade (SCOTT, 1990). Sendo assim, Durval Junior e Jânio Jorge, por exemplo, revelam abordagens de gênero que observam o outro lado, digamos, da moeda sexista, pois demonstram em suas pesquisas que há um imenso esforço de construção, desde a tenra infância, do menino brasileiro nordestino sobre o que é ser “macho”. Isto tanto pode significar força, mas também fraqueza, já que distribui formas de agir, de se comportar, falar, gesticular, dentre outras coisas, as quais denotam um policiamento extremo e constante sobre si. Também pode significar impedimentos de acesso a determinadas funções e públicos, como para a questão da atuação profissional com crianças no magistério, por exemplo:

É o que podemos observar no trabalho docente com crianças, uma atividade em que, considerados os fatores sociais e culturais da sua feminização, não podemos esquecer que os homens não são bem aceitos ou em muitas situações são totalmente impedidos de ingressarem neste nível de ensino. Aí poderíamos identificar um desequilíbrio no poder masculino e, portanto, uma forma do sexo feminino assumir poderes. (ABREU & ANDRADE, s/d, p.11)

Este aspecto relacional do gênero, contudo, nem sempre foi a tônica da epistemologia feminista, pois como diz a historiadora Margareth Rago, concordando Joan Scott e Helen Longino, a categoria “não nasce no interior de um sistema de pensamento definido como o conceito de classes em relação ao marxismo (...) a reflexão filosófica foi posterior à prática teórica”. Sendo assim, Rago explica muito bem esse processo de deslocamento conceitual, em que gênero deixa de ser considerado sinônimo de feminino para ser enaltecido como a relação evidenciada entre o que é considerado masculino e o feminino num dado contexto histórico:

É a partir de uma luta política que nasce uma linguagem feminista. E, no entanto, o campo teórico que se constitui transforma-se a tal ponto que, assim como a História Cultural, deixa de lado a preocupação com a centralidade do sujeito. Como se de repente os efeitos se desviassem dos objetivos visados no ponto de partida: a categoria relacional do gênero desinveste a preocupação de fortalecimento da identidade mulher, ao contrário do que se visava inicialmente com um projeto alternativo de uma ciência feminista. (RAGO, 1998, p.8)

1.2- Relações de poder no gênero: a microanálise foucaultiana

Embora as relações de gênero digam respeito às macroestruturas de representação de mundo, sob as quais os sujeitos se compreendem, só podem ser entendidas percebendo-se como constituídas de tensões internas, conflitos e distribuições desiguais de força simbólica. Tudo isso se dá através das múltiplas relações travadas entre os grupos sociais e os sujeitos que ali se encontram, sejam eles quais forem. Assim, embora as representações simbólicas existam como estruturas mais coesas e vastas, concernentes à longa duração, elas são, todo o tempo, apropriadas de formas distintas por grupos e sujeitos sociais, o que evidencia a dimensão da subjetividade. Um elemento fundamental à transformação histórica, já que traz embates, conflitos, dissonâncias, resistências, idiosincrasias, para a arena cultural, tornando-a relativamente dinâmica. Uma obra que envolva o recorte de gênero, não pode ater-se às noções e conceitos excessivamente abstratos, para não correrem o risco de recaírem em concepções essencialistas, imanentes, fixas, como já vimos. Sendo assim, como diz Andréa Ferreira Delgado, citando Scott:

Se [...] o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder, seria melhor dizer: o gênero é o primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado' (SCOTT, 1990, p.16), é possível afirmar que as construções sociais do gênero ocorrem numa rede de poder que perpassa e constitui a sociedade. Em outras palavras, as práticas reais e efetivas que produzem as relações de gênero são, ao mesmo tempo, relações de poder baseadas nas diferenças entre os sexos. (DELGADO, 1997, p. 37-45)

É por isso que Scott aponta para a real necessidade de se articular o elemento individual com o social, para que não se recaia numa análise homogeneizadora, onde o poder é concebido de forma maniqueísta, como algo fixo e concentrado nas mãos do Estado, impedindo que se consiga ver as tantas redes de poder se manifestando. Além disso, trata-se de uma concepção de poder que leva em consideração a dimensão da subjetividade, já que não se dá unicamente de fora para dentro do sujeito e nem muito menos de cima para baixo, o que impossibilitaria inclusive que resistências fossem vislumbradas ao desprezar sua autonomia relativa perante as representações sociais. Assim, ela nos mostra como a microanálise proposta pelo conceito foucaultiano de poder pode ser útil à historicização das relações de gênero:

Para fazer surgir o sentido temos que tratar do sujeito individual tanto quanto da organização social e articular a natureza das suas inter-relações, pois ambos têm uma importância crucial para compreender como funciona o gênero e como se dá a mudança. Enfim, precisamos substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por alguma coisa que esteja próxima do conceito foucaultiano de poder, entendido como constelações dispersas de relações desiguais constituídas pelo discurso nos “campos de forças”. No seio desses processos e estruturas, tem espaço para um conceito de realização humana como um esforço (pelo menos parcialmente racional) de construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade dentro de certos limites e com a linguagem – conceitual – que ao mesmo tempo coloque os limites e contenha a possibilidade de negação, de resistência e de reinterpretação, o jogo de invenção metafórica e de imaginação. (SCOTT, 1990, p.20)

1.3- Gênero e cotidiano: ampliando os horizontes heurísticos e hermenêuticos

A historiadora Maria Odila Dias (1994), assim como Rachel Soihet e tantas outras historiadoras do social inspiradas em E.P.Thompson, também não concorda com noções universais, estáticas e sexistas baseadas no antagonismo biologizante

do masculino-feminino. Diverge, contudo, de Scott quanto “à necessidade da construção imediata de uma teoria feminista” (SOIHET, 1998, p.78) e também por partir de pressupostos teórico-metodológicos de referência marxista, levando em conta a história social.

Assim, Maria Odila Dias explora muito bem a questão das possibilidades que a categoria gênero abre para o rico cenário representado pelo cotidiano. Em diálogo com a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, baseia-se numa abordagem empírica dos processos sociais, observando-os de perto, de forma menos enviesada por soluções teóricas prévias que mais podem anuviar do que clarificar o objeto de estudo. Trata-se de uma perspectiva que privilegia o concreto representado pelo elemento subversivo contido na experiência cotidiana do sujeito:

A hermenêutica sugere interpretações provisórias, porém críticas, de modo a descortinar sentidos implícitos, à margem do normativo e do institucional, que podem ser vislumbrados por entre as linhas, ou nos intervalos intertextuais, de certa forma sempre subversivos da ordem, do permanente, cuja existência negam. Trata-se de apreender o ser através da experiência vivida e não através de ideias, estaticamente, o que nos remeteria de volta ao discurso normativo de dominação masculina sobre as mulheres. (DIAS, 1994, p.377)

Margareth Rago mostra o quanto o horizonte de análise dos historiadores se agigantou, possibilitando enriquecer as pesquisas através de um olhar mais atento às minúcias, aos detalhes, aos elementos antes completamente desprezados, às práticas cotidianas informais e não institucionalizadas concernentes ao privado:

O campo das experiências históricas consideradas dignas de serem narradas ampliou-se consideravelmente e juntamente com a emergência dos novos temas de estudo, isto é, com a visibilidade e dizibilidade que ganharam inúmeras práticas sociais, culturais, religiosas, antes silenciadas, novos sujeitos femininos foram incluídos no discurso histórico, partindo-se inicialmente das trabalhadoras e militantes, para incluir-se, em seguida, as bruxas, as prostitutas, as freiras, as parteiras, as loucas, as domésticas, as professoras, entre outras. A ampliação do conceito de cidadania, o direito à história e à memória não se processavam apenas no campo dos movimentos

sociais, passando a ser incorporados no discurso, ou melhor, no próprio âmbito do processo da produção do conhecimento. (RAGO, 1998, p.14)

2- As famílias:

O tema família foi escolhido como forma estratégica para se poder tratar, através de um material didático, parcela do debate que vem sendo feito dentro e fora da academia sobre relações de gênero. Tanto as relações de gênero como a composição das famílias são temas delicados, crescentemente debatidos por muitos setores da sociedade, cada qual defendendo o seu ponto de vista. O tratamento teórico e metodológico do tema família, portanto, também merece especial atenção neste trabalho.

Até anos 1960, o tema da família era abordado pelas ciências sociais sempre nos moldes ditados pelos clássicos que inauguraram tal debate, sobretudo a obra baluarte de Gilberto Freire, mas também as de Antonio Candido e de Oliveira Viana. Tais intelectuais dedicaram alguns de seus livros a este complexo tema de análise, observando, no cotidiano familiar, a formação de padrões que caracterizariam a brasilidade em toda a sua “essência”. Inspirados na Escola de Chicago de Sociologia Urbana e na sociologia americana de Talcott Parsons⁷, esses autores extraíram um tipo ideal de família brasileira, um modelo, que daria conta de analisar os três séculos de escravidão no Brasil: a família patriarcal:

O modelo de família patriarcal pode ser assim descrito: um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob a autoridade do patriarca, dono das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político. Ainda se caracterizaria por traços tais

⁷ A famosa Escola de Chicago de Sociologia Urbana tomou o exemplo de Chicago para montar a “teoria do urbanismo”, segundo a qual, o fenômeno da urbanização estaria dissolvendo a estrutura patriarcal de família até então existente. Talcott Parsons, “trabalhando na Universidade de Harvard na década de cinquenta, seria considerado o grande teórico da família na Sociologia. Seu funcionalismo claro e direto buscou entender um conjunto muito grande de relações que a instituição familiar envolve e, além disso, é uma tentativa de trazer juntas, em sua teoria, a questão da personalidade e a da moralidade, a partir das obras de Freud e de Durkheim”. (VER TERUYA, 2000, p.8-9)

como: baixa mobilidade social e geográfica, alta taxa de fertilidade e manutenção dos laços de parentesco com colaterais e ascendentes, tratando-se de um grupo multi-funcional. (TERUYA, 2000, p.3-4)

Não necessariamente famílias patriarcais são famílias extensas, como ressalta Vainfas ao analisar a obra de Freire (apud MUAZE, 2011, p.2). O aspecto mais importante do patriarcalismo é o poder patriarcal, ou seja, a autoridade do pai e do marido sobre os filhos e esposas. Outro aspecto muito importante de como tal conceito vem sendo tratado, é a questão de que, numa família patriarcal, as pessoas não se vêem como indivíduos, mas como integrantes de um grupo, dentro de um esquema familiar hierárquico (MUAZE, 2011, p.2-3; BERQUÓ, 1998, p.415).

De qualquer forma, esses estudos de Freire, Viana e de Candido baseavam-se numa concepção de família homogênea para todo o período escravista brasileiro. Contudo, tal modelo, como ficou evidenciado pelos diversos autores que lhes sucederam a partir da década de 1960, não conseguia dar conta da diversidade de estruturas familiares evidenciadas nos períodos colonial e monárquico. Ele seria muito mais uma pretensão discursiva de uma parte das elites brasileiras, não sendo compatível com as mais variadas práticas de sociabilidade, verificadas principalmente entre os mais pobres e de demais etnias, historicamente excluídos (CORRÊA, 1981).

Embora tais autores tenham seu valor por terem apreciado questões até então inexploradas, e com isso aberto novos campos de análise, uma tendência revisionista veio tomando força nas últimas décadas, tal como mostra Marisa Teruya,

Os anos sessenta e setenta foram marcados pela entrada em cena dos historiadores, agora munidos de métodos específicos de análise, questionando o modelo hegemônico e revelando, através de suas pesquisas, a diversidade de arranjos familiares em todas as épocas e lugares, possibilitando então, um re-conhecimento de nosso passado (TERUYA, 2000, p.13-14)

Seguindo tal tendência revisionista, os trabalhos de Maria Marcílio, Mariza Correa, Eni Samara, Maria Odila Dias, Sheila de Castro Faria, Mariana Muaze, dentre outros, vêm contribuindo bastante para as críticas ao modelo a-histórico de família patriarcal produzido pelos estudos dos anos 1930-1950. Conforme avançaram os estudos revisionistas, boa parte das antigas noções baseadas num modelo de família

patriarcal extensa e branca, foram se mostrando insuficientes. Como vimos, eles propunham um tipo de modelo familiar que, tendo supostamente predominado entre as elites de parte do litoral do Nordeste açucareiro escravista (Pernambuco e Recôncavo Baiano), deveria servir para todos os espaços e tempos de igual forma.

Como consequência, o próprio modelo tradicional de família nuclear, até então defendido como um modelo de família hegemônico, produzido pela forte urbanização e industrialização ocorridas no Brasil dos séculos XX e XXI, começou a ser revisto também. Ampliou-se o escopo das pesquisas sobre a família, considerando sua enorme diversidade para os séculos XX e XXI, o que receberá maior atenção nesta pesquisa.

2.1- Os estudos de demografia

Teruya (2000) nos mostra que, nas últimas décadas, dentro e fora do Brasil, uma parte dos intelectuais revisionistas começou elaborar trabalhos com fontes seriadas obtidas em arquivos e instituições públicas ou privadas, que dão conta dados que cobrem períodos longos da história. O pesquisador as organiza com o fito de conseguir perceber tendências sociais sobre variados aspectos, identificando suas rupturas e continuidades.

Na França, após a Segunda Guerra Mundial, os estudos demográficos de Louis Henri ficaram famosos com o seu “método de reconstituição de famílias”. Em tal método, amostras de registros paroquiais de nascimentos e mortes da população foram analisadas. Dessa forma, os arranjos domiciliares puderam ser averiguados de forma mais próxima à realidade de uma época, permitindo-se então relativizar as afirmações que se fazia no presente sobre estruturas familiares do passado francês. Na Inglaterra, esse método de Louis Henri foi devidamente adaptado à realidade do passado da sociedade inglesa, através dos trabalhos realizados pelo grupo de Cambridge, nos anos 1960. No Brasil, também dos anos 1960 em diante, os estudos de viés demográfico vão ocorrer:

Aqui os estudos de domicílio tiveram três grandes estímulos: primeiro, pelos resultados obtidos por Henri e pelo Grupo de Cambridge para a Europa; segundo, pela possibilidade de questionamento do mito da auto-suficiência do

domicílio extenso, descrito por Gilberto Freyre para o século dezesseis; e terceiro, pela existência de censos de domicílio para muitas cidades e regiões para os séculos dezoito e dezenove, e que configuraram-se num rica fonte de dados.

(...)

O "método de reconstituição de famílias" incorporou à pesquisa histórica as fontes seriais (registros paroquiais de batismo, casamento e óbitos, até então, utilizados somente por genealogistas), e as Listas Nominativas de Habitantes, censos governamentais realizados entre 1750-1850, que permitiam a reconstituição de famílias de outra forma. Como resultado das pesquisas, percebeu-se que a vida social no passado não se restringia à casa grande e à senzala, e que existiram franjas do território nacional que não se vincularam necessariamente ao trinômio latifúndio/exportação/escravidão. (TERUYA, 2000, p.17)

Muitos pesquisadores da temática da família, nas décadas que se seguiram, procuraram associar em suas pesquisas análises quantitativas e estudos qualitativos, que tomavam força na historiografia, por meio da História social e da História das mentalidades, como vimos anteriormente. O historiador Philippe Ariès, com sua História Social da Criança e da Família, lançado na França em 1960, inspirou muitos historiadores que procuravam observar aspectos internos das relações familiares, através de fontes até então nunca exploradas. Esta perspectiva que associa o quantitativo com o qualitativo vem a calhar muito bem, até mesmo para que se fizesse jus à ideia então preconizada de que não existe um modelo único de família. É o que esclarece Mariana Muaze:

Atualmente, as pesquisas na área da história da família têm apontado a importância de se pulverizar esse conceito. Dessa forma, seria mais correto utilizar o substantivo no plural, recorrendo ao estudo de diversas famílias em diferentes épocas e espaços. Assim, em linhas gerais, o que prevalece são análises que destacam uma temporalidade e uma região específicas, entretanto, sem perder de vista as reflexões teóricas mais amplas acerca das estruturas familiares no Brasil. Outro aspecto que também chama a atenção é o das fontes utilizadas. É freqüente a preocupação para que a análise não fique circunscrita à quantificação de números, privilegiando-se a compreensão das relações sociais e familiares que podem fornecer. Tal perspectiva levou os

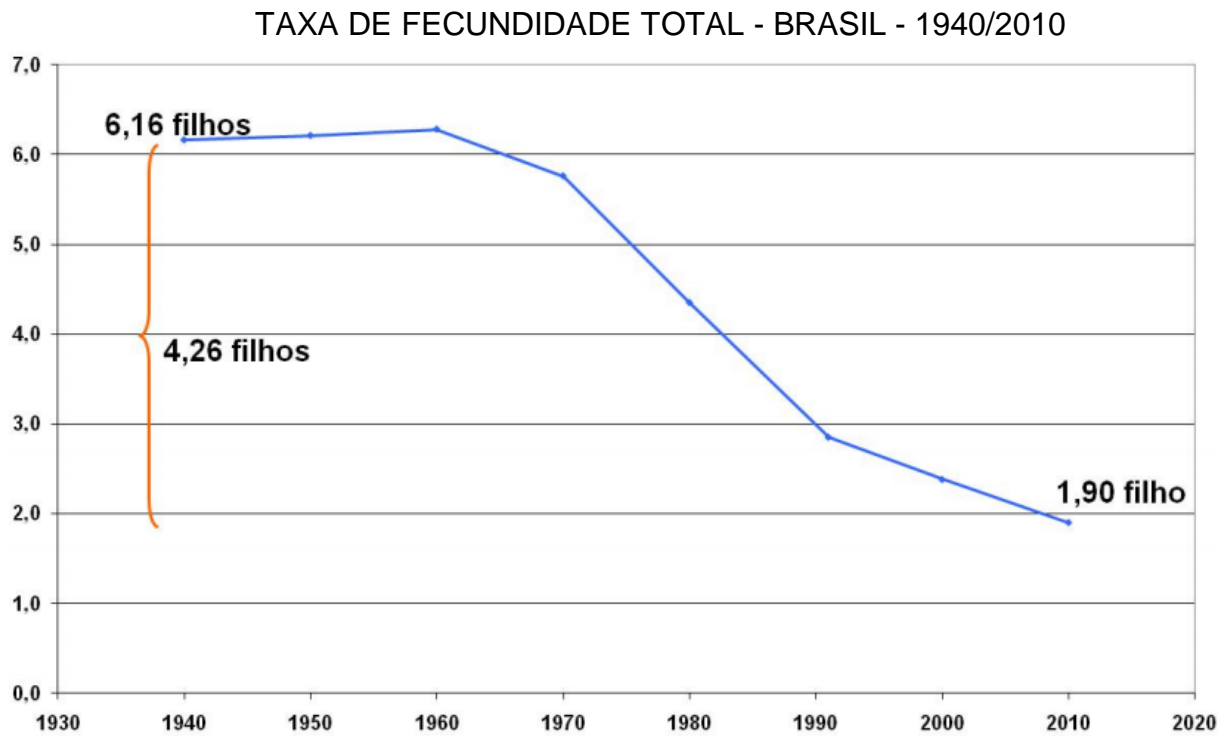
historiadores e antropólogos a diversificarem o campo das fontes possíveis para o estudo da família. (MUAZE, 2011, p.3)

Para trabalhar com este debate de forma didatizada, elaborando-se um material de fácil utilização na sala de aula, utilizaremos as importantes considerações de Elza Berquó (1998), Goldani (1994), Arlindo Mello do Nascimento (2006), Simone Barbosa Villa (2012), dentre outros. Estes autores empreenderam análises de viés demográfico sobre o tema família, buscando relacionar transformações sociais e tendências populacionais, como: tipos de casamento, distribuição da população por sexo, relação da cor com a escolha do parceiro, taxa de fecundidade, tamanho da família, chefia do domicílio, expectativa de vida ao nascer, dentre outras. Procuraram fazer essas análises, a partir de um diálogo com as pesquisas que já vinham sendo realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de forma a abranger a escala de tempo compreendida entre a primeira grande pesquisa populacional feita pelo Instituto em 1950 (BERQUÓ, 1998, p. 415).

Esses autores nos dão sustentação para podermos construir o material que aqui propomos. Eles organizam, através de dados obtidos no IBGE, dentre outras instituições de pesquisa populacionais, os grandes marcos sociais, as tendências e as transformações (rupturas e continuidades), que decorreram sobre as estruturas de famílias que se deflagraram na duração de mais de cinquenta anos.

Elza Berquó (1998) trabalha com estatísticas do IBGE sobre relações conjugais, chefia do lar e estrutura dos arranjos familiares e constata elementos que nos serão muito importantes para a construção do material didático. Ela percebe haver um duplo movimento: aumento do número de domicílios e a diminuição do número médio de pessoas por domicílio. Estes dois fenômenos, complementares entre si, podem ser explicados considerando-se várias causas: separações judiciais; migrações de fragmentos de famílias em busca de melhores condições de vida (principalmente nos períodos de crise, como na década de 80); novos estilos de vida (uniões estáveis, jovens solteiros que vivem sozinhos longe dos pais, etc); e, sobretudo, o rápido declínio de fecundidade: “de 6,2 filhos por mulher entre 1940 e 1960, a taxa fecundidade total passou a 5,6 em 1970, caiu para 4,2 em 1980 e chegou a 2,5 em 1991” (BERQUÓ, 1998, p.424). Os números permanecem em declínio, conforme nos mostra o Censo Demográfico de 2010, segundo o qual a taxa de

fecundidade média registrado no Brasil entre 1940 e 2010 caiu 69,2%, passando de 6,16 filhos para 1,90 filhos:

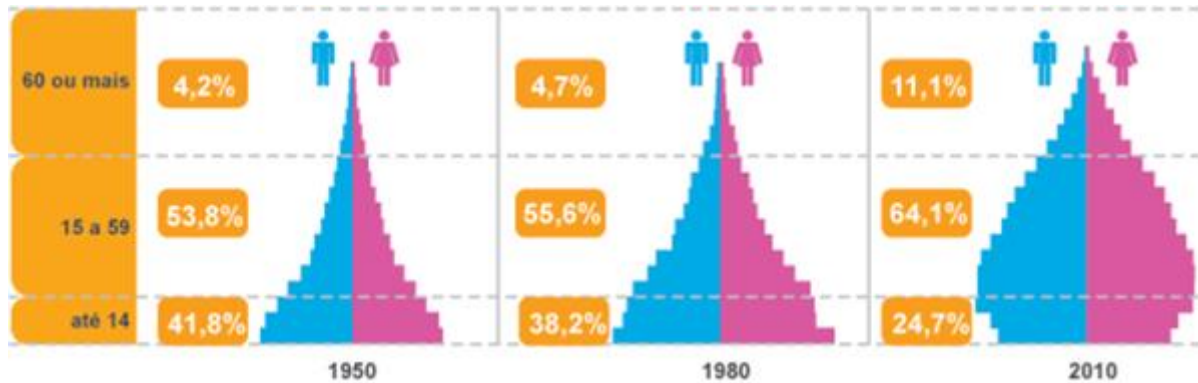


Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940/2010.

Mello do Nascimento também observa tais dados, acrescentando outros também do IBGE sobre o aumento da expectativa de vida ao nascer no Brasil. Ele enfatiza a rápida “transição demográfica” que o Brasil vem vivendo desde meados do século XX, explicada pela vertiginosa mudança na pirâmide etária brasileira:

Do ponto de vista demográfico, novos padrões foram detectados. A desaceleração do crescimento e a recomposição etária da população brasileira decorreram da menor fecundidade das mulheres, que geraram menos filhos, e do declínio continuado da taxa de mortalidade. Assim, alterou-se a configuração da pirâmide etária brasileira, estreitando-se a base e alargando-se o vértice. (NASCIMENTO, 2006, P.11)

PIRÂMIDES ETÁRIAS NO BRASIL (ANOS)



Fonte: IBGE, apud FERNANDES, 2010.

O forte aumento na expectativa de vida registrado nas últimas décadas (NASCIMENTO, 2006, p.14), muitas vezes associado a uma proporção maior de idosos dependentes, na verdade, é um equívoco: “Mesmo porque, ao contrário de outros membros mais jovens da família, muitos idosos têm uma renda certa, por pequena que seja (MOTTA, 1998, p.74). Contudo, quando ocorre de o idoso assumir o papel de chefe do lar, há uma forte tendência de ele ser do sexo feminino: são mulheres idosas que chefiam sozinhas o lar, muito mais que os homens idosos:

(...) enquanto 75% dos homens idosos “encontram-se chefiando uma família, com esposa, com ou sem filhos”, por outro lado, 60% das mulheres idosas estão “chefiando sozinhas uma família, com filhos ou com outros parentes, ou morando sozinhas. (MOTTA, 1998, p.77)

Essa questão de se chefiar sozinho o lar é sinalizada por Berquó (1998) e Goldani (1994) como um aspecto muito interessante que se verifica nos novos arranjos domésticos: a monoparentalidade. Isto é, quando somente um dos integrantes do casal vive com uma ou várias crianças (LEITE, apud, VILLLA, 2012, p.18). Este tipo de arranjo familiar praticamente dobrou em três décadas, passando de 7,8% em 1970 para 14,4% em 1995. É importante salientar que as novas pesquisas do IBGE comprovam que este índice permanece em curva ascendente, atingindo 18,5% em 2010. (IBGE/ SNIG, 2014, p. 65).

Se nos anos 70, isto se dava devido ao alto índice de viuvez, dos anos 90 do século XX em diante já se percebe que é devido ao alto índice de separações judiciais:

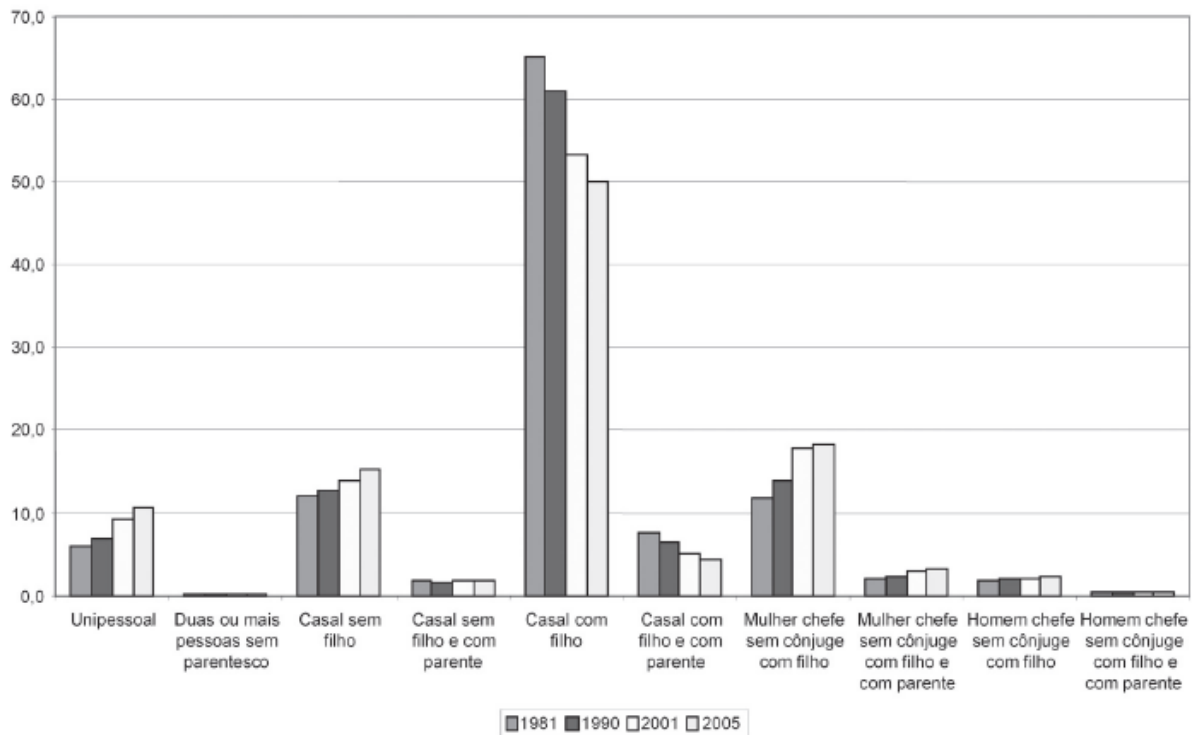
Analisando o estado conjugal das mulheres-chefes das monoparentais, constata-se que em 1995, a maioria delas, 49%, eram separadas ou divorciadas (...), o que não ocorria em décadas passadas, sobretudo nos anos 70, quando as viúvas predominavam nesse tipo de família. De um lado, a expectativa de vida masculina cresceu no período, reduzindo a chance de viuvez feminina; de outro, aumentou o número de separações e divórcios, deixando maior contingente de mulheres sem marido ou companheiro. Vale notar igualmente que cresceu o peso relativo da quantidade de mães solteiras. (BERQUÓ, 1998, p.429)

É interessante notar que, quando a chefia feminina numa família monoparental se dá por separação conjugal, a mulher tende a ser mais jovem, comparando-se aos arranjos onde a mulher não tem filhos convivendo no mesmo domicílio. Estas mulheres tendem a ser “maduras ou mesmo idosas, separadas ou viúvas, que não tiveram filhos ou cujos filhos já faleceram ou deixaram o domicílio para ingressar em novos arranjos domésticos ou familiares ou constituí-los”. (BERQUÓ, 1998, p.430).

As famílias monoparentais, sobretudo aquelas chefiadas por mulheres, geralmente vem associadas a índices maiores de pobreza, sobretudo entre mulheres idosas, que tiveram menos chance no passado de ter participado da força de trabalho e também da educação formal, conforme lembra Motta (1998, p.78). Mas isso não se dá somente devido à falta do parceiro, mas também pelo fato “de as mulheres-chefes fazerem parte das camadas populares”, embora este modelo venha se propagando também entre as camadas médias urbanas nos últimos anos (BERQUÓ, 1998).

Tais problemas, decorrentes da monoparentalidade podem ser transitórios ou não. Nas famílias monoparentais, as mulheres é que acabam se tornando chefes. Independente do fator determinante da família monoparental, o encargo, geralmente, é enfrentado pelas mulheres. Quando tal entidade familiar advém da ruptura do casamento, na maioria das vezes, os filhos ficam sob a tutela da mãe. No caso das uniões livres, do celibato e das mães solteiras não há o que se debater, já que a liberdade de formalidades dessas relações não impõe o caráter de responsabilidade sobre os filhos dela oriundos, mesmo que a legislação prescreva o contrário. E por fim, acerca da viuvez, o número de mulheres nesta condição é bem maior que o de homens. (VILLA, 2012, p. 19)

COMPOSIÇÃO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS



Fonte: PNAD/ IBGE apud SORJ; FONTES e MACHADO, 2007, p. 580.

PERCENTUAL DE POBRES POR TIPO DE FAMÍLIA
BRASIL – 2005

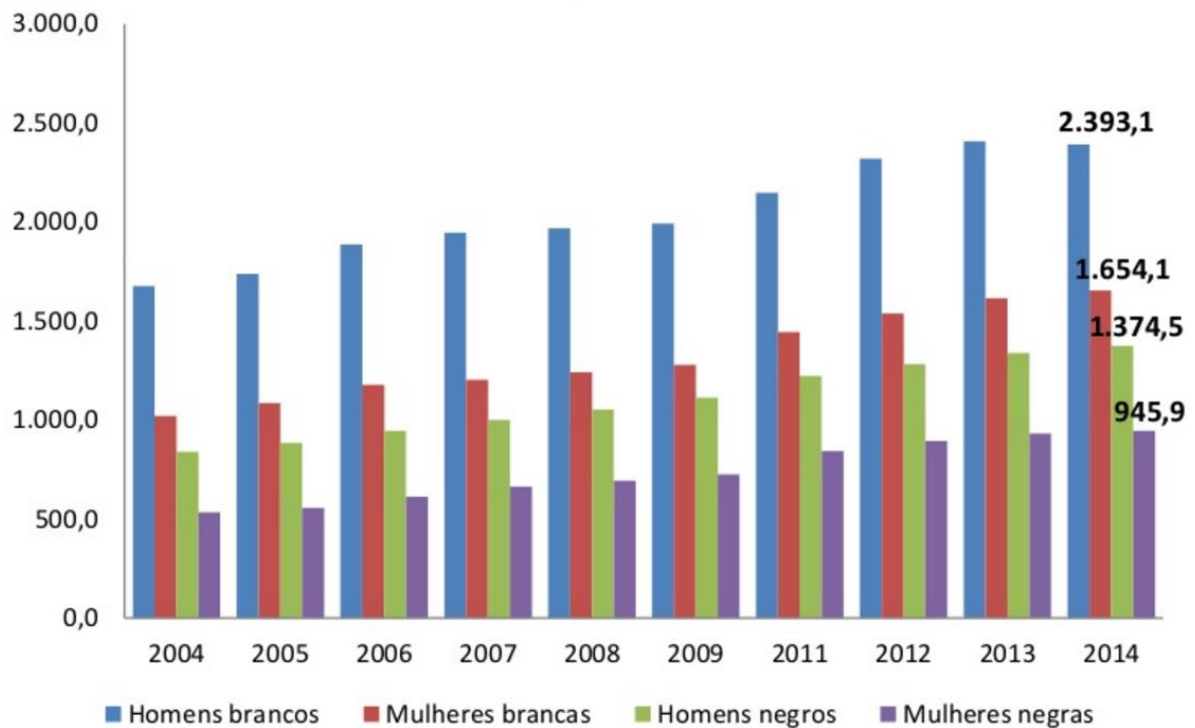
Tipo de família	%
Mulher chefe sem cônjuge com filho	35,4
Casal com filhos e sem parente	30,5
Mulher chefe sem cônjuge com filho e com parente	27,5
Casal com filho e com parente	27,8
Homem chefe sem cônjuge com filho e com parente	19,8
Homem chefe sem cônjuge com filho	22,5
Casal sem filho e com parente	15,5
Duas ou mais pessoas sem parentesco	19,8
Casal sem filho	9,4
Unipessoal	6,2

Fonte: PNAD/ IBGE apud SORJ; FONTES e MACHADO, 2007, p. 582.

Acrescenta-se também outro fator de peso que não pode deixar de ser considerado quando abordamos a questão de gênero no Brasil: o da discriminação

racial, que também contribui fortemente para a desigualdade socioeconômica. Esta se dá então não somente entre homens e mulheres, mas também entre brancos/brancas e negros/negras, historicamente. Apesar dos avanços no combate à pobreza na última década, através de governos com uma envergadura social mais forte, observa-se que houve pouca alteração nas desigualdades socioeconômicas entre gênero e raça.

RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO PRINCIPAL DA POPULAÇÃO OCUPADA
COM 16 ANOS OU MAIS DE IDADE
(2004 - 2014)



Fonte: PNAD/IBGE, apud FONTOURA; LIMA JR. e CHERFEM, 2015.

De qualquer forma, as mulheres, ainda que assumindo o ônus nessas mudanças de sociabilidade e de arranjos familiares, conquistaram, como nunca antes, mais autonomia. E isso se deu devido a vários processos históricos. Mello do Nascimento mostra que certamente dois foram os fatores mais importantes para essa mudança de padrões. O primeiro foi o alto índice de separações judiciais, ocorrido com a legalização do divórcio, que, no Brasil, virou lei em 1977. O segundo foi o surgimento da pílula anticoncepcional, que garantiu aos homens e às mulheres a alternativa de uma vida sexual desvinculada da paternidade/maternidade.”

(NASCIMENTO, 2006, P.11). Além desses fatores, Villa enfatiza a entrada das mulheres no mercado de trabalho como um fator dos mais importantes para sua autonomia. (VILLA, 2012, p.10). Por fim, podemos também destacar a fertilização in vitro, importante mecanismo de reprodução humana desenvolvido pela medicina muito recentemente e que permite a gravidez sem a necessidade do contato sexual.

Essa autonomia conquistada pelas mulheres tanto dentro como fora de casa – fruto da modificação de práticas e de valores – provocaram profundas transformações nas representações de família. O modelo nuclear tradicional de estrutura de família, baseado numa amálgama entre casamento legal e sexualidade voltada à geração de filhos, está cada vez mais perdendo espaço para as concepções outrora muito pouco comuns. A união consensual, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a adoção de filhos, o recasamento, a convivência de várias gerações num mesmo domicílio são bons exemplos dessa grande mudança. Embora o trecho a seguir seja grande, permite-nos sintetizar as ideias sobre a diversidade dos modelos atuais de família. Podemos então perceber como é desafiador o tratamento desse tema através de um material didático:

(...) O álbum de família moderno requer legendas cada vez mais encorpadas para explicar quem é quem. Embora o arranjo familiar composto de casal com filho, com ou sem parentes, seja, ainda, a maioria do total de arranjos (61,0% em 1991 para 55,7% em 2000), em muitos lares não existe mais o modelo clássico, com pai, mãe e filhos do mesmo casamento, o que é demonstrado pelo grande aumento de casais que vivem em união consensual (18,3% em 1991 para 28,3% em 2000); pelo número crescente de pais e mães sozinhos que criam os filhos (16,8% em 1991 para 19,4% em 2000); e pelo crescimento do número de separações judiciais e divórcio que entre 1993 e 2003 aumentaram 17,8% e 44%, respectivamente. São estatísticas que confirmam, na prática, a mudança no conceito de família. Embora o modelo nuclear ainda seja maioria, cresce a incidência de novos arranjos.

Ao olharmos o retrato das famílias atuais, segundo Pereira (2003, p. 82), poderemos nos deparar com algumas situações que deixariam nossos avós admirados: aquele que parece ser o pai é o padrasto; a moça com uma criança no colo não é a mãe, mas uma meia-irmã; os três jovens que dividem o mesmo teto são um casal e uma amiga; e aquela que parecia ser a mãe pode ser na verdade a namorada dela, etc. Além do mais, acrescenta Pereira, os

domicílios são formados por gente morando sozinha, avós ou tios criando netos, casais sem filhos, “produções independentes” e outras tantas alternativas, como, por exemplo, os grupos de amigos que decidem morar junto para dividir um apartamento grande. E não se trata, no caso, de estudantes de orçamento apertado, mas de adultos com trabalho fixo e contracheque. (NASCIMENTO, 2006, p.20-21)

3- Gênero e Aprendizagem Histórica

Recentemente, a obra do filósofo Jörn Rusen, reconhecido pelos seus estudos sobre teoria e didática da história, vem sendo muito utilizada para os debates acerca da “aprendizagem histórica”. Rusen, em seus estudos sobre desenvolvimento cognitivo, baseado na tríade universal do *sentir*, *pensar* e *agir* (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2014, P. 225-226), quer trabalhar com uma teoria que não busque engessar, pela via biológica, o desenvolvimento dos indivíduos. O autor, que se baseia fortemente em Weber, vai trabalhar com tipologias que nos servem para a compreensão do funcionamento das estruturas do pensamento histórico (a “consciência histórica”), não como algo subjacente ao grau de maturação cognitiva biológica do indivíduo, mas como algo que se aprende e se constrói nas narrativas das pessoas, de acordo com o contexto cultural no qual elas estão imersas.

Preocupado com a forma como se dá a “aprendizagem histórica” das pessoas (mais especificamente dos alunos), Jörn Rusen vai lançar mão de uma de suas mais conhecidas tipologias, que ele chama de “competências narrativas”. Sendo assim, o autor nos explica o que são “competências narrativas” e quais são elas:

As capacidades para conseguir este tipo de orientação da experiência de vida através da memória histórica podem ser sintetizadas pelo conceito de competência narrativa. Consistem na faculdade de representar o passado de maneira tão clara e descritiva que a atualidade se converte em algo compreensível e a própria experiência de vida adquire perspectivas de futuro sólidas. Esta competência fundamental da consciência histórica, que é a que se pretende que seja alcançada mediante a aprendizagem histórica, pode ser dividida em três competências que fazem referência, respectivamente ao

aspecto empírico, teórico e prático da consciência histórica: em uma competência perceptiva ou embasada na experiência, em uma competência interpretativa e, finalmente, em uma competência de orientação. A competência perceptiva ou embasada na experiência consiste em saber perceber o passado como tal, isto é, em seu distanciamento e diferenciação do presente (alteridade histórica), em vê-lo a partir do horizonte de experiências do presente como um conjunto de ruínas e tradição. A competência interpretativa consiste em saber interpretar o que temos percebido como passado em relação e conexão de significado e de sentido com a realidade. (...) Finalmente, a competência de orientação consiste em admitir e integrar a “História” como construção de sentido com o conteúdo de experiências do passado, no marco de orientação cultural da própria experiência de vida. (RUSEN, 2010, p. 113-114)

Conforme nos mostra Anadir Miranda (2013), a História ensinada nas escolas possui um claro objetivo que a distinguiria da História acadêmica: ela se dedica, em boa parte, à construção da noção de identidade. O saber-fazer historiográfico, baseado no desenvolvimento de competências específicas – como o manuseio de fontes; classificações e usos de conceitos; observação da pluriperspectividade do conhecimento histórico; apreensões das temporalidades e seus deslocamentos sobre os fenômenos sociais, dentre outros –, só se constitui como saber escolarizado, quando está relacionado com a busca de sentidos para os alunos, no que se refere à construção de identidades (individual e coletiva).

Entretanto, o ambiente escolar, incluindo as aulas de História com os livros didáticos e os usos que professores e alunos fazem deles, se não exclui, trata as mulheres e a questão de gênero como apêndice ou como um mero complemento histórico. Isso teria implicações nocivas sobre a produção de identidades, sobretudo, mas não exclusivamente, das meninas, por não se verem como importantes na história ensinada (MIRANDA, 2013, p.107-108). Tal fato ocorre de forma ainda mais drástica quando essas meninas e meninos são identificados na escola como parte do público LGBT⁸. Isso porque, além dessas identidades estarem completamente

⁸ LGBT é a sigla mais atual através da qual os movimentos pela diversidade sexual têm nomeado o movimento. Significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. Esta sigla vem sofrendo variação histórica de acordo com as discussões internas que se dão. Antes de ser LGBT, era GLBT, por exemplo. A mudança se deu porque as lésbicas percebiam que ainda havia um tratamento desigual que lhes invisibilizava dentro do próprio movimento. De acordo com a Wikipédia tal mudança na nomenclatura se deu oficialmente em 2008. Ver: LGBT. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>> Acesso em: 10 jul. 2016.

alijadas do ambiente escolar e dos recursos didáticos, esses jovens são quase sempre alvo de *bullying* de todo o tipo, o que pode gerar consequências nocivas para a autoestima e para o aprendizado, interferindo diretamente no seu acesso à cidadania. (SEFFNER, 2009).

Sendo assim, quando propomos olhares mais refinados para o desenvolvimento do que Jörn Rusen chama de “competências narrativas” (2010, p.113-114), para tratarmos das relações de gênero dentro dos arranjos familiares, estamos levando em conta a dimensão prática concernente à orientação de vida que as pessoas tomam frente às interpretações que lançam sobre o passado e suas projeções sobre o futuro. Afinal, quando tratamos de “aprendizagem histórica” não estamos falando de um sujeito histórico universal baseado na razão iluminista, para a qual bastaria um esquema universal (MIRANDA, 2013, p.106). Como muito bem lembra Anadir Miranda, justificando a longa citação:

A consciência de que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual e coletiva” (MARTINS, 2007, p. 17) leva-nos a pensar o quanto esse “esquecimento” [de uma identidade feminina] tem influenciado na formação da identidade das alunas. Ou seja, como as alunas constroem um sentimento de si mesmas, de existência e continuidade ao longo do tempo, se a impressão que elas têm é a de que nunca existiram? Como elas se representam? Como um outro, como uma falta? E quanto ao tipo de consciência histórica construída? Ou seja, como elas se posicionam em relação ao tempo? Compreendem que “o ser mulher” é algo histórico? Que suas experiências são relativas de contexto para contexto? O mais provável é que se pensem como sujeitos atemporais, pois não é comum que se historicize suas experiências nas aulas de história. (...) Ou seja, como pretendemos desenvolver sujeitos históricos, que se percebam como parte do processo histórico, como agentes do devir histórico, se a metade desses alunos simplesmente parece não fazer parte da história? Quando suas experiências parecem congeladas no tempo, quando seu destino parece delineado antecipadamente por forças que estão além deles? Dessa forma, não podemos deixar de frisar o quanto deixar as mulheres “fora da história” pode se mostrar paradoxal, incoerente com os objetivos da aprendizagem histórica para a formação humana. Pensamos que essas reflexões atestam a importância de

se inserir e problematizar a participação das mulheres na história (MIRANDA, 2013, p.107-108)

Na verdade, se partirmos do pressuposto de que um dos aspectos fundamentais da categoria gênero, na forma como vem sendo concebida atualmente, é o aspecto relacional, então não só as meninas, mas também os meninos estariam sendo prejudicados, na medida em que seus corpos, valores, hábitos, etc., não seriam historicizados através de um tratamento da identidade de gênero, que evidenciasse a masculinidade em relação ao feminino, como algo construído em meio a conflitos.

Ou seja, de acordo com essa perspectiva, a categoria gênero deve ser tratada através de formas mais complexas e menos deterministas. Em consonância com o que Joan Scott preconizou em seu reconhecido artigo citado anteriormente – “Gênero: uma categoria de análise histórica” (1990) – é necessário, para o caso do ensino-aprendizagem de História, que o professor consiga viabilizar meios de desenvolver as competências narrativas dos alunos, valorizando suas identidades.

Portanto, no que se refere especificamente ao conceito de gênero, os aspectos sócio-históricos – da dimensão relacional, da dimensão política e cultural e dos novos horizontes representados pela inserção dos domínios do cotidiano na História – só podem ser apreendidos na sua totalidade pelos alunos se as competências narrativas forem devidamente estimuladas através do ensino.

4-Relações de gênero, imagens e “aprendizagem histórica”

Conforme demonstrou Circe Bittencourt, no artigo “Livros Didáticos: entre textos e imagens” (1997), o trabalho com imagens nos livros didáticos vem sendo reiterado por vários estudiosos, dentro e fora do Brasil, como um recurso didático a ser muito mais bem explorado. Bittencourt trabalha as dimensões dos usos das pinturas e fotografias no livro didático, como um fator decisivo para se entender a própria constituição material e simbólica de que o livro se reveste. Assim, ela nota que as gravuras usadas nos livros didáticos apresentam uma história própria, tamanha a

importância que foram tomando desde século XIX até a atualidade, tanto fora como dentro do Brasil.

No exterior, a autora destaca os estudiosos franceses com suas pesquisas sobre as ilustrações nos livros didáticos. Ressalta dois aspectos dessa produção: a ênfase no caráter ideológico das ilustrações e o aspecto da transformação dos tipos de imagens na composição dos livros, avaliando sua presença cada vez maior em relação aos textos. Para o caso do Brasil, ela nota que “embora não se possa encontrar pesquisa especialmente dedicada à produção iconográfica na área de História, existem trabalhos que buscam analisar como determinados segmentos sociais têm sido representados, especialmente os indígenas e a população negra, nos diversos livros escolares” (SILVA, GRUPIONI apud BITTENCOURT, 1997, p.74-75).

Pretendo executar um levantamento semelhante, apesar de muito modesto, mas contemplando as relações de gênero e família nos livros didáticos. Isso porque somente após uma análise prévia desse tema nos livros didáticos é que podemos ter um diagnóstico para nos orientar sobre como proceder na proposta de construção de um material didático onde os temas gênero e família sejam devidamente contemplados através de fotografias de família. A temática ligada às relações raciais também deverá ser observada já que, num país multirracial como o Brasil, tal elemento não poderia ficar de fora quando se pensa em arranjos familiares.

Bittencourt destaca então alguns elementos importantes sobre a iconografia usada nos livros didáticos de História no Brasil, como: a “marca francesa nas ilustrações dos livros escolares” na parte dedicada à História geral e “o caráter mercadológico e as questões técnicas de fabricação da obra didática”. Para o primeiro aspecto, a autora destaca a influência dos currículos franceses, mas também a relação que havia entre as casas editoriais dos dois países, fazendo com que “a maior parte dos livros nacionais fossem impressos em Paris, até os anos 30 deste século”. Embora isto ocorresse de forma distinta com relação à iconografia de História do Brasil:

Para o caso dessa produção foi preciso, desde o início, que autores e editores organizassem um acervo próprio de ilustrações e gravuras pela impossibilidade de recorrer aos manuais estrangeiros. As ilustrações mais comuns sobre o passado da nação foram reproduzidas, por desenhistas ou por

fotógrafos, de quadros históricos produzidos no final do século XIX (BITTENCOURT, 1997, p.77)

Sobre o segundo aspecto, a autora diz que “há condicionamentos e limitações impostas pela técnica e pelos custos que devem se associar às necessidades pedagógicas”, e acrescenta [dizendo] que “a história do livro didático possibilita verificar como os autores foram perdendo o poder sobre as ilustrações de suas obras. Hoje existem especialistas em pesquisa iconográfica contratados pelas editoras para desenvolverem essa parte específica da produção do livro” (BITTENCOURT, 1997, p.76-77). Essa divisão de tarefas, aliás, pode gerar o que Bittencourt chama de “descompasso” entre o texto, redigido pelo autor, e as demais partes que constituem o livro, que podem ser feitas por outras equipes designadas pela editora, como a iconografia, ou mesmo as atividades pedagógicas propostas (BITTENCOURT, 2008, 316). Isto certamente é uma das causas para o fato de que “os próprios exercícios e questionários dos livros, propostos para a execução de tarefas pedagógicas, dificilmente incluem atividades sobre as imagens neles contidas” (BITTENCOURT, 1997, p.86).

Assim, Edlene Silva sistematiza alguns procedimentos para o tratamento das imagens na sala de aula defendidos por Bittencourt:

Bittencourt indica alguns procedimentos para o tratamento das imagens em sala de aula como, por exemplo, a necessidade de se separar a imagem do texto e da legenda no primeiro momento de discussão de um tema. A intenção é que possa ocorrer, do ponto de vista dos alunos, uma leitura espontânea deixando fluir o que eles vêem e outras imagens possíveis. A partir daí, a autora sugere o aprofundamento das questões colocadas, por meio de uma investigação mais detida sobre a imagem escolhida: quem fez, quando fez, qual o contexto histórico, como e porque foi produzida. Uma dica metodológica importante seria, então, comparar ilustrações de um mesmo tema em períodos diferentes ou comparar diferentes versões de um mesmo tema numa mesma época. O interessante seria promover um espaço para que o aluno elabore, a partir do seu universo de representações, uma leitura própria sobre o acontecimento em discussão e seus próprios conceitos. A utilização das imagens é uma via fecunda para isso. Nesse sentido, como assevera

Rocha, 'definir previamente os conceitos nem sempre é um caminho produtivo' (SILVA, 2010, p. 180).

As propostas de Bittencourt serão uma inspiração fundamental para a organização de nossas fotografias, com destaque para a primeira e segunda etapas do trabalho de observação da imagem, que foram em parte anunciadas por Edlene Silva no trecho acima. Isto é, Bittencourt propõe viabilizar uma espécie de duplo olhar sobre a iconografia. O primeiro momento deve introduzir apenas a imagem, destacada de qualquer texto ou legenda, com o intuito de que as percepções espontâneas dos alunos sejam estimuladas. A partir daí, o professor conduziria então uma leitura e interpretação dos conteúdos históricos internos da iconografia (uma "leitura inicial e interna da própria ilustração"). Nela seriam observados: "tema, personagens representados, espaço, posturas, vestimentas, que indicam o retrato de uma determinada época". Na segunda etapa, seriam trabalhados os aspectos externos da iconografia, "buscando voltar a observação do aluno para outros referenciais". Ou seja, haveria um tratamento documental, "de leitura da ilustração como objeto". Um tratamento, portanto, de caráter mais técnico, próprio do historiador, no qual seriam observados: "Como e por quem foi produzido? Para que e para quem se fez esta produção? Quando foi realizada?".

Dando continuidade a essa mesma lógica de observação pelo duplo olhar – primeiro, os elementos internos, e depois, os elementos externos (documentais) –, na terceira etapa, Bittencourt vai propor que se analise a ilustração, desta vez, inserida no livro didático: "Como a ilustração está contida no livro didático? Possui legendas? Como está diagramada na página? Qual a relação entre o texto e a ilustração?". Também devem ser feitas comparações de ilustrações, retratando um mesmo tema em momentos diferentes, explorando a diacronia das rupturas e permanências; ou ainda "estudos comparativos com as ilustrações de outras obras didáticas produzidas e consumidas na mesma época", explorando a pluriperspectividade sincrônica. Por último, na quarta etapa, a autora propõe que se deva proceder a uma análise documental dos próprios livros didáticos. Ou seja, observando-os externamente, através das perguntas: "quem é o autor do livro? E o editor? Quando foi publicado?... e daí as leituras externas ao livro tornam-se importantes, com dados sobre o período de produção do livro, especialmente se recorre a livros antigos, condição ideal quando se quer fazer comparações" (BITTENCOURT, 1997, p.88-89)

Desta forma, percebe-se que Bittencourt vai ao encontro da tipologia apresentada por Rusen (2010) baseada nas *competências narrativas*, ao sugerir que haja uma primeira etapa voltada ao estímulo da *percepção* histórica, através da qual o aluno possa primeiro proceder a “uma leitura espontânea deixando fluir o que eles vêem e outras imagens possíveis”, e assim consiga “acompanhar a transformação de uma mesma imagem reproduzida em obras didáticas”; ou a transformação das formas de representação por meio de imagens (fotografias, pinturas, ilustrações em geral) de um mesmo tema ao longo da história. Depois haveria um “aprofundamento”, onde a competência relacionada à *interpretação* seria explorada, estimulando a reflexão sobre o fenômeno estético, “por meio de uma investigação mais detida sobre a imagem escolhida”, averiguando “quem fez, quando fez, qual o contexto histórico, como e porque foi produzida”. Partindo então para a última competência narrativa, baseada na *orientação* para a vida, onde “o interessante seria promover um espaço para que o aluno elabore, a partir do seu universo de representações, uma leitura própria sobre o acontecimento em discussão e seus próprios conceitos”. (BITTENCOURT, 1997, p.86-89).

Contudo, é perceptível que, embora o lugar da iconografia nos livros didáticos tenha ganhado volume do ponto de vista quantitativo, ainda se esbarra na questão qualitativa do trabalho com as imagens, uma vez que se carece claramente de um trabalho documental maior, tal como enaltecido por Bittencourt. Uma interlocução complexificada entre as imagens e os textos, para que se perca de vez o caráter meramente ilustrativo no que tange ao uso das gravuras nos livros didáticos. Explorar outros materiais didáticos que utilizem imagens, em especial fotografias, pode ajudar nesse aprendizado dos alunos.

Capítulo 2: Como os livros didáticos trabalham as famílias e as relações de gênero?

Minha proposta de trabalho é produzir um material didático sobre relações de gênero nas famílias, que possa ser utilizado pelo professor como uma nova possibilidade de trabalho com este tema. A idéia é reforçar uma dimensão, considerada fundamental para a construção identitária das crianças e jovens, partindo da hipótese que o livro didático dá a ela pouca atenção. Desta maneira, foi necessário fazer um estudo prévio sobre o que os estudiosos que têm analisado essa questão nos livros didáticos dizem sobre o tratamento que ela tem recebido. Só depois desse conhecimento podemos realizar um exercício de análise.

Nesse sentido, busquei seguir a nova tendência de análise anunciada por Choppin (2004), que procura ampliar os horizontes heurísticos, superando as chamadas abordagens ideológicas, que foram comuns até anos os 1980/90, em torno do livro didático, principalmente os livros de História. O livro passa a ser visto como importante instrumento de trabalho com características próprias a serem exploradas e complementadas. Sendo assim, é no contexto da década de 1990 que podemos observar, no caso brasileiro, o surgimento de análises preocupadas com a relação entre conteúdos escolares e acadêmicos, e também com a demanda curricular sobre questões ligadas às “minorias”. Entram, então, no debate sobre o ensino nas escolas, as questões étnicas, raciais, de gênero/sexuais, dentre outras que foram surgindo.

Gênero se apresenta, portanto, como uma categoria de análise tremendamente desafiadora, já que, embora venha sendo fortemente pesquisada e debatida pela historiografia, havendo uma rica literatura disponível, não se conseguiu incorporá-la de igual forma na área de ensino de História. (DELGADO, 1997, p.37). Ainda que haja alguns poucos artigos e também publicações em forma de Anais (disponibilizados na internet), onde se procurou trabalhar a questão de gênero no ensino de História, é impressionante como essa problemática se dissolve num quase absoluto silêncio, quando observamos a produção de teses, dissertações e mesmo de livros publicados.

Conforme diagnosticado em recente pesquisa feita no site Scielo⁹ e no banco da Capes¹⁰ (na parte de teses e dissertações), nada de substancial foi encontrado no que se refere a reflexões sobre gênero e ensino de História, na área de História. Em contrapartida, há uma quantidade razoável de teses, dissertações e livros sobre os temas de gênero e sexualidade sendo produzidos na área de Educação. Os trabalhos executados nesta área abarcam pesquisas empíricas, do tipo de estudos de casos, buscando sondar, ora como as políticas públicas nacionais vêm tratando dessas temáticas nas leis e nos currículos; ora como os profissionais da educação e/ou os alunos vêm lidando com as mesmas, no âmbito da sua formação e prática nas escolas. Busca-se, assim, entender a escola como um lugar plural, mas também desigual, haja visto que pode ser um espaço extremamente conflitivo e de reprodução de estereótipos, preconceitos e discriminações.

2.1- Família e relações de gêneros nos livros didáticos: os estudos existentes

Embora existam poucas pesquisas na área de História, vários autores, como Andréa Delgado, Cristiani Bereta, Anadir dos Reis Miranda, Reinaldo Lohn, Vanderlei Machado, Gilvan Ventura, entre outros, ainda que de uma forma introdutória, percebem haver certa incidência da temática de gênero na área de ensino de História. Seus estudos são, portanto, muito valiosos para esta proposta de trabalho.

No caso dos livros didáticos, isso ocorreria principalmente através de ilustrações e textos em *boxes*, destacados do conteúdo principal, constituindo-se tentativas de abordar uma “história das mulheres”. Ou seja, vê-se que o aspecto relacional, próprio da categoria gênero, não está posto em destaque. Sem contar que tais incursões, geralmente, vêm sendo realizadas de forma secundária, não se incorporando às reflexões do texto principal. Ou seja, a questão de gênero torna-se algo superficial ou residual, como vários autores destacam. Tal como Angela Ferreira e Luis Fernando Cerri já nos informavam em análise feita em 2005:

⁹Acesso em junho de 2015 através do link: <http://www.scielo.org/php/index.php?lang=pt>

¹⁰Acesso em junho de 2015 através do link: <http://capesdw.capes.gov.br/?login-url-success=/capesdw/>

(...) assuntos e mulheres não faltam para serem abordados e discutidos, entretanto a abordagem é secundária e, por vezes, residual. De um modo geral, o aspecto político e econômico continua sendo a principal linha de explicação e articulação do conteúdo, ainda que algumas “novidades” sejam incorporadas. Ou seja, o público, o oficial e os “grandes” nomes da história continuam com lugar assegurado, enquanto as mulheres, os pobres, as crianças, como não estão efetivamente presentes na vida pública, continuam de fora, ou no máximo entram como parte complementar, fora do texto principal, na maioria das vezes ganhando o status de peculiar e exótico. (FERREIRA; CERRI, 2005, p.8-9)

Cristiani Bereta da Silva acrescenta um ponto de vista bastante interessante sobre a adequação dos livros didáticos às novas temáticas, que evidenciaria a enorme dificuldade de se romper com os cânones da historiografia nos livros didáticos. Ao acrescentar, àquelas temáticas consagradas nos livros didáticos, novos temas e problemas, como os que “envolvem mulheres e relações de gênero como apêndices da história geral – através de textos complementares –, expõem, paradoxalmente, permanências, ao invés de mudanças.” (SILVA C.B. da, 2007, p. 226-227)

Em 2009, em levantamento feito por Gilvan Ventura sobre livros didáticos de História, observa-se uma situação não muito diferente daquela evidenciada por Angela Ferreira, Fernando Cerri e Cristiani Bereta. Ventura concorda com a ideia de que as questões de gênero não são abordadas de forma geral nos livros didáticos, e ainda acrescenta que isto corrobora a luta feminista contra esta quase invisibilidade a que se destinou o tema (G. da SILVA, 2009, p. 61).

Da mesma forma, a família, como instituição, acaba não sendo contemplada por essa história marcadamente política e tão preocupada com os fatos públicos, vigente nos livros didáticos. Ela, entretanto, poderia vir a se constituir em um *lócus* estratégico para se conseguir contemplar o debate que envolve as relações de gênero no Brasil. Gilvan Ventura defende, inclusive, uma história temática nesse sentido. (G. da SILVA, 2009, p. 56).

Contudo, atualmente, a história temática tem sido quase completamente abandonada na estruturação dos currículos oficiais, principalmente quando observamos os suportes pedagógicos que são alvos de políticas públicas curriculares de grande relevância, tais como os livros didáticos no Brasil. Embora não seja muito praticada, a história temática é bem interessante enquanto modelo curricular a ser

trabalhado através de temas estratégicos, que consigam romper com uma história excessivamente cronológica. Com isso, ela permite novas possibilidades de deslocamentos temporais que promovam interlocuções necessárias entre passados e presentes, o que viabilizaria a historicização das relações de gênero.

Porém, no nosso caso, não estamos propondo uma história temática. Pois trata-se apenas de um material didático a ser aplicado numa aula de História, cujo tema, as relações de gênero na família, nos oferece enormes possibilidades de estimular a imaginação histórica do aluno, com interessantes provocações sobre formas de se conceberem os arranjos familiares ao longo do tempo. Dessa maneira, o aluno torna-se apto a perceber as mudanças e continuidades deflagradas nas estruturas familiares.

Um documento curricular dos mais importantes que inspira o desenvolvimento do nosso material didático são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).¹¹ Os PCNs sugerem um interessante desafio ao trabalharem com a ideia de “temas transversais” em sua própria constituição interna (BRASIL, 1998). Isto é, alguns temas servem como eixos unificadores que permitem a integração de várias disciplinas, já que, “implícita ou explicitamente”, atravessam seus currículos, articulando elementos que cada disciplina pode oferecer para a construção da cidadania e da ética democrática: “Não se trata, portanto, de trabalhá-los paralelamente, mas de trazer para os conteúdos e para a metodologia da área a perspectiva dos temas” (BRASIL, 1998, p.27). Assim, os PCNs, trabalham com seis temas sociais estratégicos: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo.

Na proposta aqui apresentada – de construção de um material didático através do tema relações de gênero na família –, propicia-se que a aula de História contemple alguns desses temas sugeridos pelos PCNs, como, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual e Ética, por exemplo. Assim, o tema família atravessaria as temporalidades, e, da mesma forma preconizada pelos PCNs, provocaria a articulação com as realidades dos alunos.

Adentrando mais especificamente à temática da família no ensino de História, é possível dialogar com os trabalhos das historiadoras Eni Samara, Mariza Correa, Sheila de Castro Faria, Reinaldo Lohn e Vanderlei Machado. Eles mostram o quanto os livros didáticos dos anos 1990, através do uso crescente de imagens que buscavam

¹¹ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

retratar as relações entre homens e mulheres na Colônia, incorreram num tipo de abordagem estereotipada. Tais estereótipos dizem respeito quer às estruturas familiares, sempre apontadas pelo prisma homogeneizador do modelo tradicional da família patriarcal; quer às representações sobre as relações entre homens e mulheres de forma mais geral. Isso impediria que o aluno pudesse vislumbrar a “pluralidade de práticas e representações do feminino, que o esquema patriarcal escamoteia nos livros didáticos” (LOHN & MACHADO, 2004, p. 125). Os autores são enfáticos ao colocarem em evidência os equívocos que, segundo eles, não se dão “só por falta de discussões ou de bibliografia”. Eles decorreriam de uma opção deliberada pela “utilização do modelo hegemônico”, o que acaba se desdobrando em sérios problemas teóricos:

Isso sem mencionar que quando os autores e autoras ousam adotar um tom mais crítico em suas narrativas, observa-se a utilização de termos extemporâneos, como acusar os homens da colônia de serem “machistas” e, tacitamente, ao levantarem questões relativas à extensão das famílias, reforçarem o modelo de família nuclear burguesa que, aliás, é sempre a referência comparativa para chamar a atenção dos alunos e alunas para a família colonial. Esse último aspecto é importante porque, ao sugerirem que a organização familiar patriarcal promovia uma série de repressões, inadvertidamente deixa-se de discutir as inúmeras normas que circunscrevem o modelo nuclear que conhecemos. (LOHN & MACHADO, 2004, p.126)

Portanto, como podemos perceber, embora apresentando tantos desafios, é possível destacar o fato de que não só é possível como urge trabalhar com tal tipo de temática no ensino de História e em pesquisas que se proponham a refletir e colaborar com o mesmo.

2.2- Família e relações de gêneros nos livros didáticos: um exercício de análise

Este trabalho visa conceber um material didático, centrado no uso de fotografias de famílias, pelo qual a questão das relações de gênero seja discutida a

partir dos variados arranjos familiares presentes durante o século XX e início do XXI. Esse material deve ser debatido pelos alunos, com orientação do professor, durante as aulas de História, se possível, dialogando com o livro didático.

Como etapa preliminar para elaborar o material, realizei uma análise sobre como a questão de gênero é tratada pelos livros didáticos, no momento em que essa proposta foi feita. Assim, efetuei uma breve averiguação do tema relacionado às relações de gênero nos materiais didáticos voltados ao ensino de História. No ano de 2015 foram aprovadas 19 coleções de livros de História, para ensino médio¹², pelo PNLD. Embora praticamente todas tenham sido observadas para esse exercício introdutório, resolvi escolher um critério de seleção entre elas, que permitisse analisar com um maior esmero as questões de gênero nas mesmas. Dessa forma, selecionei as coleções que mais foram adotadas pelos professores naquele ano, tanto nas escolas públicas - através das aquisições e distribuições efetuadas pelo MEC -, como também nas escolas privadas. Dessa forma, destaquei as quatro coleções que foram mais escolhidas entre os professores¹³, para fazer uma análise sistematizada acerca da temática na história do Brasil. Sendo assim, em ordem decrescente, começando pela coleção mais adotada, temos a seguinte listagem:

1. História Sociedade e Cidadania, de Alfredo Boulos (vols. 2 e 3), SP: FTD, 2013;
2. História Global: Brasil e Geral, de Gilberto Cotrim (vols. 2 e 3), SP: Saraiva, 2013;
3. História das Cavernas ao Terceiro Milênio, de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota (vols. 2 e 3), SP: Moderna, 2013;
4. História, de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos (vols. 2 e 3), SP: Saraiva, 2013.

Sabendo que as questões de gênero e de família não são muito presentes e têm viés sexista nos livros didáticos, em geral, é muito importante observar como são tratadas efetivamente, sobretudo no caso do ensino médio. A premissa é a de que

¹² Escolhemos os livros do ensino médio porque, além de rerepresentarem o conteúdo do ensino fundamental, propõem um aprofundamento.

¹³ FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Ministério da Educação, Brasil. *Dados Estatísticos PNLD*. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>. Acesso em 30 maio 2016.

essas quatro coleções iluminem o que concretamente aparece nos livros, inclusive em outras coleções. Seguiremos aqui o modelo defendido por Circe Bittencourt (2008, p. 311-315), segundo o qual os livros didáticos seriam constituídos por três elementos básicos: a “forma”, o “conteúdo histórico escolar” e o “conteúdo pedagógico”.

2.2.1- O uso de Boxes e o silêncio do tempo presente

Embora atualmente o tema já seja abordado de maneira um pouco mais ousada, do ponto de vista acadêmico, conseguindo até questionar os sexismos em algumas abordagens, o aspecto hegemônico do formato editorial por meio do qual os autores expressam suas ideias sobre gênero, ainda se dá por meio de boxes, hipertextos ou seções de conteúdos complementares específicas, o que denota uma clara permanência do modelo de “apêndice”, já constatado. Com algumas exceções, encontradas nas coleções de BRAICK & MOTA, *História das Cavernas ao Terceiro Milênio* (dois casos), e de VAINFAS et. al., *História* (um caso), esse formato ainda é a marca por meio da qual os editores organizam tais temas.

Tal como Helenice Rocha mostra, trata-se de um recurso estratégico, utilizado pelos autores e editores, para conseguirem manter o discurso monológico, deixando para os boxes e demais seções complementares os aspectos de “polifonia”, que trariam à tona o confronto com o discurso linear central dos autores. Sendo assim, os aspectos de diversidade trazidos pelas minorias sociais, que poderiam romper com a história curricular, são alocados para o lugar de apêndice. Também aquelas fontes primárias ou secundárias que trazem “desarmonia” à ordem tradicional pretendida recebem esse mesmo tratamento. (ROCHA, 2013)

Geralmente, nessas seções complementares observa-se o uso de iconografia com boa diagramação em relação à página e aos textos. Ela é sempre seguida de legenda com bom valor explicativo. O recurso a fotos e pinturas de época também guarda relação com a temática que o texto pretende explorar, porém, como veremos adiante, as imagens ainda são pouco exploradas no que tange a seu valor documental, ainda se mantendo, muitas vezes, como meras ilustrações do texto.

Nos raros momentos em que o tema família no Brasil é abordado, apresenta-se quase que inteiramente concentrado no Volume 2 das coleções, geralmente dedicado aos períodos colonial e monárquico. Isto é, não se fala da família no século XX e no tempo presente, quando um processo mais acelerado de mudanças efetivas

em sua composição é observado. Talvez por isso, a família esteja ausente quando se trabalha com o período republicano, sobretudo dos anos 1960 em diante. Assim, nos casos em que o tema é abordado, o conteúdo, tratando de relações de gênero no Brasil, é expresso através da família aristocrata (patriarcal), da família nuclear e da família escrava, sobretudo na Colônia.

O tema da família, nos períodos colonial e monárquico, não é apresentado a partir das relações de poder existentes entre homem-mulher. Os livros didáticos tratam as famílias de maneira mais coesa, buscando relações com as estruturas sociais mais amplas, exteriores a elas. Talvez por isso quase não focalizem as estruturas internas das relações de poder nas famílias. Baseando-se nos dois modelos clássicos de família (extensa / nuclear), a preocupação é relacionar o cotidiano doméstico aos eventos públicos, de cunho geralmente político, fazendo, às vezes, menção ao protagonismo das mulheres. Também a educação dos filhos não é explorada, de forma a trazer informações aos leitores, discutindo-se as diferenças entre a educação de meninos e meninas em casa e nos colégios, para onde os meninos iam muito mais do que as meninas. A família escrava e a família nuclear, em contraposição à família patriarcal extensa, recebem uma ênfase maior.

O caso da família escrava, abordado por pelo menos duas coleções (a de BOULOS e a de VAINFAS et al.), e o da família nuclear, denotam uma preocupação com a nova historiografia, baseada nos “de baixo” (SOIHET, 2003, p.18), rompendo com o viés coisificador do escravo, que passa a ser entendido como protagonista de sua própria história. Seja para inferir questões sobre como a família escrava podia compor um núcleo específico de resistência ante os arbítrios dos senhores; seja para realçar que casamentos entre escravos eram possíveis (BOULOS, vol.2, p. 96). Além disso, mostra as diferenças nas formas de se conceber a família escrava no Brasil e nos EUA, fazendo o aluno perceber distinções históricas de acordo com o local em que o fenômeno ocorre. Pois nos EUA, a prática da alforria era rara e se estimulava muito a formação de famílias escravas. Já no Brasil era o oposto: a alforria era muito comum (principalmente das mulheres) e não se estimulava a formação das famílias escravas. Sem contar que, no Brasil, houve um contingente muito maior de escravos do sexo masculino sendo traficados da África, o que também desestimula a formação de famílias. (VAINFAS, vol.2, p.229)

Com relação à família nuclear versus família patriarcal extensa, há um esforço em relativizar o peso da última como predominante no período colonial e monárquico.

Assim, Braick e Mota, em dois momentos, apontam para a existência de outros modelos de família, que não só o da família patriarcal: “[o modelo] variou de acordo com as heranças culturais, com a região e com a condição social e jurídica de seus componentes”. No Nordeste açucareiro predominou a família extensa ou patriarcal, mas também existiu a “família nuclear”, que, diferentemente da patriarcal, era mais restrita ao círculo do marido, esposa, e descendentes legítimos. Nesse modelo o chefe da família tinha poder limitado, pois os descendentes casavam e iam constituir outro núcleo familiar, em outro domicílio. Também é destacado o papel da figura da mulher na família em certas partes da colônia, como no caso de São Paulo, devido à ausência dos homens na cidade, comprometidos com as bandeiras no sertão. Termina-se falando do aprendizado dos filhos, que, com exceção do caso dos filhos das elites, não tinham acesso a estudo, decorrendo da “experiência dos pais”. Assim, eles ingressavam muito cedo no mundo do trabalho. (BRAICK & MOTA, vol.2, p.72-73)

Apesar dos livros examinados não darem ênfase à quebra de possíveis estereótipos no que tange à temática de gênero nas famílias, há uma exceção: na coleção de BOULOS (vol. 2, p.111) há uma enorme “aguada”, “técnica chinesa semelhante a da aquarela introduzida na Europa do século XVI”, intitulada “Inspeção de Negras recentemente chegadas da África (1840), de Paul Harro-Harring. Na pintura, vêem-se negras sendo negociadas, com participação, inclusive, de mulheres brancas. Contudo, o texto acima da aguada e as questões pedagógicas (que abordaremos na parte dedicada aos conteúdos pedagógicos) que vêm logo abaixo, não trabalham em momento algum pela via das relações de gênero. Assim, não se explora melhor a situação das mulheres brancas e das mulheres negras, para estabelecer um possível debate sobre o assunto.

Não há qualquer conteúdo, nas coleções, que se refira às famílias indígenas, mesmo considerando-se que o tema aparece em temporalidades (Brasil colônia e monárquico) em que a população indígena costuma receber mais atenção.

Essa questão de somente abordar o tema família em períodos anteriores à república afetou fortemente outros grupos sociais, que, em virtude disso, foram esquecidos nas coleções. É o caso das novas famílias formadas pelo público LGBT, que são simplesmente esquecidos de todo o debate nesse eixo da família. Aliás, a própria representação do que seria família ficou bastante condicionada a modelos já previamente estabelecidos como hegemônicos, como o caso da família patriarcal ou da família nuclear. Foi talvez para evitar o confronto e a polêmica trazidos pelo tema

família, tão ressignificado desde os anos 1960 em diante, quando novas estruturas e arranjos começam a tomar força nas constituições das famílias – como vimos anteriormente –, que optou-se por não trabalhá-lo na república também.

2.2.2- A estratégia da personalidade

Outra marca bastante forte nos textos e na iconografia dessas coleções é o esforço em se colocar em evidência personalidades exemplares. Numa coleção como a de Vainfas et. al., observa-se, no volume 3, a ocorrência de três sucessivas matérias complementares, onde são exploradas as biografias de Chica da Silva (p.66), Maria Quitéria (p.148) e da Marquesa dos Santos (p.156).

Tais destaques sobre determinadas personalidades oferecidos pelas coleções parecem manifestar algo do antigo regime de temporalidade que se convencionou chamar *Historia Magistra Vitae*, forma de lidar com o tempo baseada na ideia de um passado exemplar, que sirva de aprendizado para o presente, através dos grandes feitos (KOSELLECK,2006). Contudo, a personalidade (ou o fato) a ser lembrada, neste caso dos livros didáticos, não é o de uma figura heroica, mas sim o exemplo de vidas de homens e mulheres que possam suscitar, junto aos alunos, muito mais que a mera admiração e inspiração para suas vidas. Pois são também um recurso para estimular a percepção e alteridade históricas do aluno, por permitir o deslocamento temporal através dessas biografias com as quais ele se depara nos livros. Ou seja, embora a concepção da história como mestra da vida – fornecendo exemplos de ideias, valores e comportamentos – não abandone o ensino de história, isso se faz, agora, de outras maneiras, considerando as mudanças nas maneiras de se viver as relações presente, passado e futuro.

No caso de Chica da Silva e da Marquesa dos Santos, a intenção é quebrar com o estereótipo construído pelo senso comum de “mulher sensual e lasciva”, conforme apontaram os autores. Outros autores citam os casos de mulheres aristocratas poderosas na América portuguesa. Brites de Carvalho, Brites Mendes de Albuquerque, Ana Pimentel, são lembradas por Cotrim no tema relativo à administração das Capitanias Hereditárias. Essas três mulheres participaram como substitutas dos maridos, à frente do governo das capitanias, devido à morte (o caso dos maridos das duas Brites) ou ao retorno a Portugal (o caso do marido de Ana Pimentel). (vol. 2, p.21). Também há o caso de Joaquina de Pompeu, “Uma das

mulheres mais poderosas de Minas Gerais no final do século XVIII e início do XIX”. Ela foi citada brevemente numa pergunta de Braick e Mota, após um texto que abordava o caso de mulheres poderosas em Luanda. Como sugestão de pesquisa, o aluno estudaria o caso de uma mulher da América portuguesa com “grande prestígio social” (vol.2, p.150). No mesmo livro, há uma página inteira dedicada à exploração de um texto escrito por Constância Duarte sobre a personalidade de Nísia Floresta Augusta, procurando relacionar sua luta com as origens do feminismo no Brasil (Idem, p.93).

Como se percebe, as personalidades não ficam restritas ao período colonial e monárquico, pois muitas outras são lembradas na República. Para a primeira metade do século XX, há personalidades tais como Berta Lutz (VAINFAS et. al.vol.3, p.16), Chiquinha Gonzaga (VAINFAS et. al.vol.3, p.32), Leolinda de Figueiredo Daltro (COTRIM, vol3, p.122), Carlota Pereira de Queirós (COTRIM, vol.3, p.122), Almerinda Farias Gama (BRAICK & MOTA, vol.3. p.173). Essas figuras são lembradas, geralmente, quando a temática gira em torno das suas lutas no campo da política e das artes/cultura em prol de direitos políticos e sociais, como o direito de votar e de ser votada, e também a equiparação de salários, bem como outras questões relacionadas ao mundo do trabalho. Para a segunda metade do século XX, foram lembradas Emily Davison (VAINFAS et. al. vol.3, p.70), a professora de sociologia, Marlene Dixon, dentre outras feministas como a arquiteta Ti-Grace Attkinson, a escritora Betty Friedan, Leila Diniz (VAINFAS et. al. vol.3, p.156) e Dilma Rouseff (esta aparece em todas as coleções). Com exceção de Dilma Rouseff, as demais citadas estão também no campo das artes, reivindicando conquistas de direitos civis, que marcam a “segunda onda feminista”, quando a própria categoria gênero surge como importante instrumento epistemológico. (PEDRO, 2005, 79-80)

A lição predominante que se observa desses tratamentos dedicados a essas mulheres do Brasil colônia, monárquico e republicano, é a de que as mulheres só aparecem como personalidades de importância na História, a partir do momento em que exercem funções públicas, geralmente aquelas diretamente conectadas ao âmbito do poder. Mesmo no caso de intelectuais/artistas, como Nísia Floresta Augusta, Chiquinha Gonzaga, Leila Diniz, Marlene Dixon, Betty Friedan, elas são citadas como exemplos por causa de suas performances literárias marcadamente engajadas politicamente. São exemplos de personalidades apontadas pelo livro

didático como constituintes e constituidoras do feminismo no Brasil, desde final do século XIX.

É interessante notar que enquanto a coleção de Vainfas et al. investe fundo nas personalidades, inclusive através de uma seção chamada, “Outra dimensão: Personagem”, as coleções de Cotrim e, sobretudo, a de Boulos, praticamente ignoram este tipo de abordagem, restringindo-se mais ao âmbito coletivo tanto da família como do próprio movimento feminista. Assim, nota-se a presença de análises sobre a luta e conquista de direitos, agora claramente contemplando um viés que dá destaque para o coletivo em detrimento do indivíduo, embora não necessariamente se esquecendo deste.

Carmen Anhorn e Warley da Costa (2011) analisaram como vem sendo abordada a questão dos negros nos currículos após a aprovação da lei 10639. Elas mostram o quanto as representações dos alunos sobre o tema escravidão evidenciaram deslocamentos temporais específicos, que podem tomar duas direções: ora colocando o escravo sem protagonismo algum – dentro de uma vitimização desumanizadora (perspectiva escolar que dialoga com o marxismo) –; ora valorizando excessivamente a perspectiva personalista de valorização do indivíduo, em detrimento dos coletivos sociais, como a mitificação de Zumbi por exemplo. Ambas as perspectivas remetem a abordagens hegemônicas tradicionais no que tange às formas de se lidar com as temporalidades na História.

Porém, não acredito que seja esse o caso das coleções para ensino médio aprovadas no PNLD de 2015: que os livros didáticos não consigam trabalhar as relações entre o micro e o macro. Pois, numa perspectiva meramente micro analítica, baseada nas personalidades míticas exemplares, certamente a análise estaria descontextualizada. Da mesma maneira, numa abordagem meramente macro analítica, baseada nos coletivos homogeneizadores, haveria uma possível generalização grosseira, tal como muitos historiadores já nos mostraram.

Desejamos apenas salientar que entre as coleções existe uma desigualdade no tratamento dessas questões. Umas contemplam muito a personalidade, embora de forma bem contextualizada, como a de Vainfas et al., e outras, muito mais o coletivo, não dando tanto importância para as apropriações e ressignificações expressas pela dimensão individual, como visualizado no caso da coleção de Boulos.

Talvez a coleção de Braick e Mota tenha sido a que melhor conseguiu se situar no tratamento de ambas as dimensões. Esta coleção concentrou boa parte dos

conteúdos sobre a temáticas que envolvem gênero na história do Brasil no volume 2. Foi nesse volume, por exemplo, que os editores construíram um infográfico, ocupando as páginas 158 e 159, (no capítulo “O Movimento Operário e o Advento do Socialismo”, na seção “Aprenda mais”) intitulado “A Luta das Mulheres pelo Mundo”. Nele aparecem as datas, eventos, personalidades e lugares marcantes relativos à ampliação dos direitos femininos (no trabalho, na política e, em menor quantidade, no âmbito civil) em nível mundial, incluindo o Brasil, com a data de 2010 (eleição de Dilma Roussef). A primeira data é 1789, na Revolução Francesa, com a Declaração dos direitos da Mulher e da Cidadã, escrita por Olympe de Gouges. O infográfico, contudo, não esquece de abordar a situação atual da mulher no Brasil, dedicando espaço para mostrar a continuidade de desigualdades relativas a sua participação no “trabalho”, “vida pública e direitos políticos” (participação no Senado e Câmara) e “família e sociedade” (os casos de violência). Importante dizer que já na página 157, desta vez no texto principal, o tema de luta feminina apareceu, porém dessa vez conectado ao contexto revolucionário internacional dos países que se industrializavam mais rapidamente: Grã-Bretanha, França e EUA, onde “as mudanças foram mais intensas”, nos séculos XVIII e XIX (BRAICK & MOTA, 2013, vol.2, p.157-159).

Aprenda mais

A luta das mulheres pelo mundo

Nos últimos trinta anos, as mulheres conquistaram direitos, chegaram aos principais cargos políticos e sua participação na força de trabalho mundial nunca foi tão grande. No entanto, a igualdade entre homens e mulheres está longe de ser atingida, e a luta pela ampliação dos direitos femininos se dá nas mais diferentes esferas da sociedade.

1789 e 1792

No início da Revolução Francesa, Olympe de Gouges escreve a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, manifesto reivindicando igualdade de direitos entre homens e mulheres. Na Inglaterra, três anos depois, Mary Wollstonecraft lança a obra *A reivindicação dos direitos da mulher*.



1827

No Brasil, uma lei do imperador D. Pedro I autoriza as mulheres a receber educação primária. Elas só puderam ingressar nas universidades a partir de 1879, após a promulgação de uma nova lei que autorizava a presença feminina nos cursos superiores.



1910 e 1917

Em 1910, a alemã Clara Zetkin propõe a criação de uma data que representasse a luta pelos direitos das mulheres. Em 8 de março de 1917, trabalhadoras russas entram em greve por melhorias nas condições de trabalho. Nas décadas seguintes, a data ganhou força, principalmente pela incorporação, ao imaginário coletivo, da morte de trabalhadoras em um incêndio ocorrido em Nova York, em 25 de março de 1911 (e não em 8 de março de 1857, como durante muito tempo foi dito).



1893

A Nova Zelândia é o primeiro país a conceder o direito de voto às mulheres. A participação feminina em processos eleitorais cresceu ao longo do século XX, mas não foi uma luta fácil. Na Arábia Saudita, por exemplo, somente em 2011 o rei Abdullah autorizou a participação das mulheres nas eleições, medida que só entrará em vigor em 2015.

Questões

Registre as respostas em seu caderno

1. Identifique no infográfico eventos relacionados ao reconhecimento dos direitos das mulheres brasileiras e monte uma pequena cronologia.
2. Quais são os desafios citados na luta pela igualdade entre os gêneros no Brasil?
3. Em grupo, pesquisem outras situações de desrespeito aos direitos das mulheres, discutam as dificuldades para que esses direitos sejam respeitados e produzam um texto com suas conclusões.

(Fonte: BRAICK e MOTA, 2013, vol. 2, página 158)

2006, 2007 e 2010

Chile, Argentina e Brasil, respectivamente, elegem mulheres ao cargo mais alto do país, a presidência da república. Ainda que, se comparada com a dos homens, a presença feminina em cargos eletivos seja pequena, as mulheres já alcançaram os cargos políticos mais importantes em vários lugares do mundo.

1945 e 1951

A ONU declara a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Nesse período, o debate internacional se ampliou e, em 1951, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) aprovou a igualdade de remuneração para homens e mulheres no exercício da mesma função.

1975 e 1977

Na Cidade do México, em 1975, ano definido pela ONU como o Ano Internacional da Mulher, ocorreu a 1ª Conferência Mundial sobre a Mulher. Dois anos depois, o dia 8 de março foi consagrado pelas Nações Unidas como o Dia Internacional da Mulher. A data serviria para lembrar as conquistas sociais, econômicas, culturais e políticas das mulheres em todo o mundo.

Os desafios atuais da mulher brasileira

Hoje, no Brasil, apesar das mudanças na legislação e da ampliação das conquistas femininas, as mulheres ainda buscam igualdade de direitos entre os gêneros.

Trabalho

O aumento da participação da mulher na força de trabalho em todo o mundo não significou paridade salarial. Segundo dados do IBGE, em 2011, as mulheres ganhavam, no Brasil, em torno de 72,3% do rendimento recebido pelos homens para exercer a mesma função.

Vida pública e direitos políticos

A representatividade feminina na política ainda é muito pequena. Em 2011, dos 81 senadores em exercício, as mulheres ocupavam 10 cadeiras, pouco mais de 12%. Na Câmara Federal, esse percentual era ainda menor: dos 513 deputados federais eleitos, 46 eram mulheres – menos de 9% do total.

Família e sociedade

Uma em cada quatro brasileiras sofre violência do próprio parceiro, pelo menos uma vez na vida. A lei 11.340, conhecida como **Lei Maria da Penha**, entrou em vigor em setembro de 2006, prevendo penas mais duras para os agressores de mulheres no âmbito doméstico ou familiar.

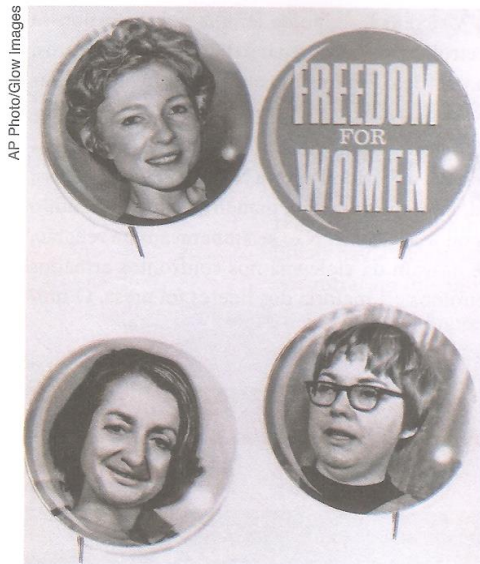
Fontes: Gender Equality and Development 2012. Washington: Banco Mundial, 2011; Organização Mundial da Saúde. Disponível em www.who.int. Acesso em 4 jun. 2013; Unesco. Disponível em www.unesco.org. Acesso em 4 jun. 2013; Departamento de Estatística da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Disponível em <http://laborsta.ilo.org>. Acesso em 4 jun. 2013; The World's Women 2010. Nova York: Organização das Nações Unidas, 2010. Disponível em www.un.org. Acesso em 4 jun. 2013; BLAY, Eva Alferman. 8 de março: conquistas e controvérsias. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 601-607, 2001.

(Fonte: BRAICK e MOTA, 2013, vol. 2, página 159)

Outro bom exemplo está na coleção de Vainfas et. al., no capítulo “Construindo Rivalidades: o mundo pós-guerra (II)”. Há duas boas gravuras e o texto principal, intitulado “A vez das Mulheres”. No texto é abordada a questão da luta feminina por

direitos civis nos anos 1960, evidenciando a simultaneidade dos movimentos negros e feministas. Já se inicia assim: “Não foram apenas os negros norte-americanos que lutaram por direitos civis. As mulheres também reivindicaram igualdade perante os homens”. Os autores também pontuam: “Apesar das conquistas no campo político, em especial o direito ao voto (1918), o movimento feminista perdeu o ímpeto a partir da década de 1920. O renascimento ocorreu nos anos 1960. Em 1963, a ativista Betty Friedan publicou o livro *The feminine mystique*, atacando as ideias que reservavam para a mulher apenas os papéis de dona de casa e mãe”. E ao final diz: “O movimento se expandiu por diversas partes do mundo, resultando em campanhas e leis específicas contra a violência doméstica e a favor da equiparação das mulheres aos homens no tocante aos direitos civis”. Quanto às gravuras, na primeira, aparecem num cartaz as fotos das líderes do movimento pelos direitos das mulheres nos EUA: a arquiteta Ti-Grace Attkinson, a escritora Betty Friedan e a professora de sociologia Marlene Dixon. Na segunda, aparece uma foto da atriz Leila Diniz, cuja legenda é:

A atriz carioca Leila Diniz chocou a conservadora sociedade brasileira nos anos de 1960 ao expressar sentimentos contidos e silenciados em milhões de mulheres. Ela abriu caminho para a mudança do comportamento feminino no Brasil – acabou sendo a precursora do movimento de libertação das mulheres no país. A fotografia, de 1971, escandalizou a sociedade por Leila exibir sua gravidez de biquíni na praia e defender que a maternidade fora do casamento não era sinônimo de constrangimento. (VAINFAS et al., vol.3, p.156).



AP Photo/Glow Images

No cartaz, uma das mais destacadas líderes do movimento pelos direitos das mulheres nos Estados Unidos, a arquiteta Ti-Grace Atkinson (ao alto), Betty Friedan (à esquerda), autora do livro *The feminine mystique*, e a professora de sociologia Marlene Dixon (à direita).

A vez das mulheres

Não foram apenas os negros norte-americanos que lutaram por direitos civis. As mulheres também reivindicaram igualdade perante os homens.

Em 1963, as mulheres constituíam 51% da população e um terço da força de trabalho. No entanto, ganhavam menos, inclusive quando exerciam trabalho igual ao do homem; algumas funções pareciam impossíveis de serem alcançadas nas empresas, em particular cargos de gerência e direção; eram minoria nos cursos superiores de graduação e pós-graduação.

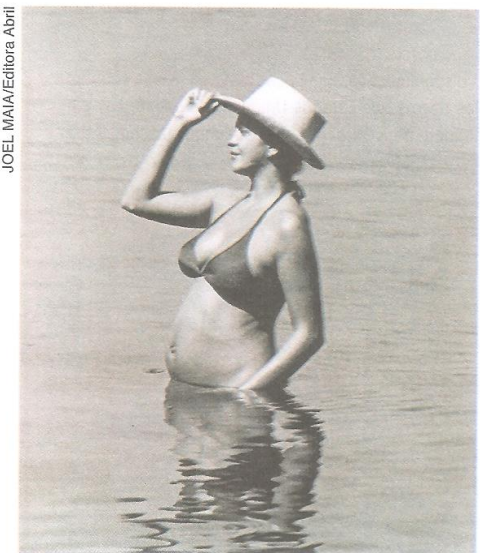
Apesar das conquistas no campo político, em especial o direito de voto (1918), o movimento feminista perdeu o ímpeto a partir da década de 1920. O renascimento ocorreu nos anos 1960. Em 1963, a ativista Betty Friedan publicou o livro *The feminine mystique*, atacando as ideias que reservavam para a mulher apenas os papéis de dona de casa e mãe.

Em 1966, Friedan e outras ativistas fundaram a *National Organization for Woman* (Organização Nacional Feminina), composta de profissionais liberais. A seguir, uma série de outras pequenas organizações foram fundadas.

As feministas foram hostilizadas, insultadas e ridicularizadas. Muitos alegavam que a igualdade entre os sexos destruiria a instituição do casamento e da família.

Mas o movimento feminista enfrentou todos os obstáculos com sucesso. Em 1964, a legislação federal proibiu qualquer discriminação no trabalho por motivo de raça ou de sexo. Nos anos seguintes, outras leis garantiram os direitos civis às mulheres e a igualdade perante os homens, a exemplo da criminalização do assédio sexual no trabalho, da abertura da carreira militar para as mulheres etc.

O movimento se expandiu por diversas partes do mundo, resultando em campanhas e leis específicas contra a violência doméstica e a favor da equiparação das mulheres aos homens no tocante aos direitos civis.



JOEL MAIA/Editora Abril

A atriz carioca Leila Diniz chocou a conservadora sociedade brasileira nos anos 1960 ao expressar sentimentos contidos e silenciados em milhões de mulheres. Ela abriu caminho para a mudança do comportamento feminino no Brasil — acabou sendo a precursora do movimento de libertação das mulheres no país. A fotografia, de 1971, escandalizou a sociedade por Leila exibir sua gravidez de biquíni na praia e defender que a maternidade fora do casamento não era sinônimo de constrangimento.

156

Fonte: VAINFAS et al., 2013, vol.3, p.156

Um último aspecto traduz uma das mais interessantes formas de se abordar o tema das relações de gênero. Ele se encontra isolado, na coleção de COTRIM, na página 215, dentro do capítulo “Período Democrático (1946-1964)”. Observa-se um enorme box com um artigo escrito por Gláucia Leal, no qual são revelados vários

exemplos de revistas de época muito lidas pelas mulheres nos anos 40 e 50, cujo conteúdo hoje poderia ser facilmente caracterizado como machista (COTRIM, vol.3, p.215). O conteúdo do artigo, que teve alguns trechos transcritos, era sobre como a mulher deveria se portar da melhor maneira, dentro e fora de casa. Há também duas pequeninas representações de páginas de revistas, conhecidas na época por divulgarem tais idéias. A revista *Querida*, seguida da legenda: “uma peça de divulgação feita para a publicação em outras revistas (1954)”; e o *Jornal das moças*, cuja legenda é “propaganda no *Jornal das Moças* (1946) que circulou no Brasil entre 1914 e 1965”.

Programação das emissoras

A programação das emissoras de rádio era diversificada: preces, programas humorísticos e musicais, novelas, noticiários etc. O destaque eram os programas de auditório com cantores-estrelas, como as irmãs Linda e Dircinha Batista, Marlene, Emilinha Borba, Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Nora Ney e Jorge Goulart.

As músicas mais populares dessa época eram as marchinhas e o samba-canção. A maioria dos

cantores participava ativamente do carnaval e empenhava-se para que seus sambas e marchinhas fizessem sucesso. Mas outros gêneros musicais também eram apreciados, como o chorinho, a valsa, o frevo e o baião.

A bossa-nova começou a ser conhecida nessa época. As escolas de samba, impulsionadas pela televisão, seriam transformadas em espetáculo de massa.



DOCUMENTO

REVISTAS FEMININAS



Nos anos 1950, boa parte das revistas femininas projetava um modelo de mulher bem diferente do atual.

A mulher ideal é carinhosa em casa e austera na rua. Como é preciso manter o casamento, a esposa que desconfia da infidelidade do marido precisa redobrar seu carinho e as provas de afeto. Absurdo? Para muitas leitoras que acompanhavam as revistas voltadas para o público feminino nas décadas de 1940, 50 e início dos anos 60, esses conselhos eram frequentes — o que não significa que esses padrões de conduta fossem seguidos por todas as mulheres.

“O conceito de felicidade mudou”, observa a historiadora Carla Sílvia Beozzo Bassanezi(...) Há 30 ou 40 anos a realização de muitas mulheres dependia de um casamento bem-sucedido. Atualmente, sua maior preocupação é com a realização pessoal, profissional, intelectual, afetiva e sexual.

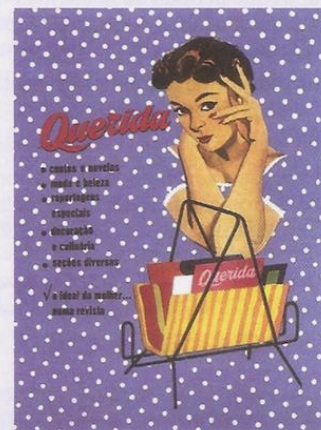
Veja alguns exemplos de “conselhos” divulgados pelas revistas femininas desse período:

- Não se deve irritar o homem com ciúmes e dúvidas. (*Jornal das Moças*, 1957)
- A mulher deve fazer o marido descansar nas horas vagas, nada de incomodá-lo com serviços domésticos. (*Jornal das Moças*, 1959)
- A esposa deve vestir-se depois de casada com a mesma elegância de solteira, pois é preciso lembrar-se de que a caça já foi feita, mas é preciso mantê-la bem presa. (*Jornal das Moças*, 1955)
- Se o seu marido fuma, não arrume brigas pelo simples fato de caírem cinzas no tapete. Tenha cinzeiros espalhados por toda a casa. (*Jornal das Moças*, 1957)
- Mesmo que um homem consiga divertir-se com sua namorada ou noiva, na verdade ele não irá gostar de ver que ela cedeu. (*Revista Querida*, 1954)
- O lugar da mulher é no lar, o trabalho fora de casa masculiniza. (*Revista Querida*, 1955).

LEAL, Gláucia. In: *O Estado de S. Paulo*, 27 dez. 1993.

1. Segundo o texto:

- o que se conclui sobre o conceito de felicidade que se projetava para a mulher, mais de 40 anos atrás? O que permite essa conclusão? Dê exemplos.
- que fatores, atualmente, podem ser relacionados à busca da felicidade pela mulher? Em sua opinião, o que causou essa mudança?



Peça de divulgação feita para publicação em outras revistas (1954).



Propaganda no *Jornal das moças* (1946), que circulou no Brasil entre 1914 e 1965.

Fonte: COTRIM, 2013, vol.3, p.215

Assim, Cotrim viabilizou, inclusive através da formulação de questões pedagógicas, um tratamento de caráter mais documental, por não se ater a contar o

que aconteceu tão somente. Ele utiliza uma documentação de alto valor histórico que aborda de maneira objetiva o machismo no Brasil. Evitou, assim, a característica mediação discursiva de caráter monológico expresso pelo autor narrador do livro didático. O contato direto com fontes primárias e secundárias é das coisas mais importantes que um material didático pode proporcionar como forma de instrumentalização do aluno para o desenvolvimento de suas “competências narrativas”, conforme defendido pela obra de Jörn Rusen (RUSEN apud SCHMIDT, BARCA e MARTINS (org.), 2010).

2.2.3- Livros didáticos e seus conteúdos para ensinar gênero: os usos da iconografia

É verdade que os livros didáticos não são somente suportes de conteúdos, mas também de métodos pedagógicos. Portanto, a relação entre conteúdo e aprendizagem deve existir sempre, em tudo e todo o capítulo, como por exemplo, nos exercícios propostos (ao longo do capítulo ou em forma de questionário ao final do mesmo), na linguagem da exposição, nas legendas das imagens, etc, onde tais conteúdos procuram estabelecer articulações entre “informação e aprendizagem”. Contudo, é perceptível o quanto tal item ainda é pouco ou mal explorado nos livros didáticos.

As legendas têm bom valor explicativo. A coleção de Braick e Mota usou uma legenda como forma de sugerir outras perspectivas interpretativas sobre uma mesma iconografia, quando se aventurou, concluindo a explicação com uma pergunta:

Uma família brasileira detalhe de gravura de Henry Chamberlain, 1819. Brasileira, Universidade de São Paulo. A gravura foi feita quando o Brasil não era mais uma colônia, mas Reino Unido a Portugal. Mesmo assim, podemos dizer que a cena caracteriza aspectos da sociedade brasileira da época colonial. Que aspectos você identifica? (BRAICK & MOTA, vol.2, p. 72).

Na coleção de Vainfas et. al. é um pouco diferente, pois é uma pergunta destacada que se situa entre o texto do box e a legenda correspondente à gravura que segue o texto:

Que transformação na composição do exército brasileiro e na sociedade em geral, pode explicar o fato de Maria Quitéria ter se tornado patrona de um quadro do exército brasileiro? (VAINFAS et. al.vol.2, p.148)

Ou:

Relações extraconjugais eram comuns entre membros da nobreza e nem mesmo eram secretas. A que se pode atribuir essa liberalidade? Podemos considerar que a família de Domitila apoiou seu relacionamento extraconjugal? (VAINFAS et. al., vol.2, p.156).

Mas esse recurso é muito mais uma exceção do que uma regra nas coleções. Além disso, a coleção de Vainfas et. al. possui poucas questões pedagógicas sobre este tema, de maneira geral. O mais comum (e ainda assim temos muita dificuldade em encontrar) nas demais coleções são as questões pedagógicas em formato mais convencional: ao final dos capítulos, dentro dos questionários, sob forma de uma ou duas questões colocadas aleatoriamente em meio ao restante do conteúdo cobrado; através de um pequeno questionário dentro de um hipertexto ou box de conteúdo; ou – e aí apenas em raros casos – após uma iconografia numa seção especial, a partir da qual se queira, sobretudo, examinar seus conteúdos históricos internos, conforme verificado para o caso da coleção de Boulos.

As exceções são duas e encontram-se, contudo, apenas no primeiro volume da coleção de Boulos, sob a temática da escravidão. A primeira, numa seção especialmente dedicada à “Imagem como fonte”. A pintura, já citada, de Paul Harro-Harring, que retrata o mercado de escravos no Brasil é examinada por meio de exercícios que vão trabalhar aspectos, expressões esboçadas na cena, tanto das negras como dos brancos. Como na questão de letra B: “O que as três africanas demonstram com seus gestos, olhares e expressões?”. Ou mesmo no exercício letra D, onde o autor propõe uma comparação de perspectivas ao perguntar se a visão deste pintor viajante do século XIX, Paul Harro-Harring, é semelhante a de Rugendas sobre o mercado de escravos. Trata-se de uma interessante questão que explora a diversidade de perspectivas interpretativas sobre um mesmo fenômeno, através da iconografia. Pois, em Rugendas, diferentemente de Harring, há uma romantização que suprime o elemento do conflito. (BOULOS, vol.2, p.111).

Na seção “texto como fonte”, observa-se um texto de Valéria Lima, sobre a obra de Debret, “Os afrescos no Largo do Palácio” (1835). A seguir, expõe-se mais um caso de resistência dos escravizados, observado pela historiadora na obra de Debret:

[...] a figura da escrava que oferece água e doces impõe-se diante dos sedentos brancos sentados no parapeito do cais. Em geral envolvidos com o trabalho, negros e negras expõem sua vitalidade física e uma presença espiritual que vai além do caráter documental das cenas que são apresentadas.

Assim, na questão nº3, há a pergunta:

Observando essa tela de Debret é possível concordar com a autora de que o modo de representação de negros e negras nas obras ‘expõem sua vitalidade física e uma presença espiritual que vão além do caráter documental das cenas em que são representados? (BOULOS, vol.2, p. 214)

Fica claro, portanto, que mesmo nos casos em que houve alguma tentativa de explorar a iconografia como fonte para um tratamento pedagógico mais incisivo, ainda assim, a questão de gênero não foi contemplada. Pois, homens e mulheres aparecem resistindo de igual forma à instituição da escravidão, sendo silenciados, assim, os papéis de gênero e as devidas relações de poder concernentes a essa problemática.

Contudo, há um caso, na coleção de BRAICK & MOTA, na seção “Atividades”, ao final do capítulo, onde uma questão sobre a temática das famílias na colônia, vai trabalhar aspectos como: diversidade das famílias; a relação com o presente (continuidades e rupturas); e por fim vai trabalhar a parte interpretativa, comparativa e imaginativa do aluno, em relação à passado e presente, através da produção de uma pintura ou fotografia de família na atualidade que funcione como uma releitura daquela feita por Henry Chamberlain no passado:

Em dupla, releiam o item. As várias faces da família colonial, na página 72, e respondam.

- a) Descrevam a diversidade dos tipos de família que se formaram na América portuguesa.
- b) Pensem na composição das atuais famílias brasileiras. Elas mudaram muito desde a época colonial? Em um pequeno texto, apontem as permanências e as rupturas ocorridas nas formações familiares.

- c) Observem a imagem “Uma família brasileira”, de Henry Chambelain, na página 72. A partir das reflexões sobre a composição das atuais famílias brasileiras, produzam uma releitura dessa imagem. Vocês podem tirar uma fotografia, fazer uma pintura, criar uma charge ou apresentar essa releitura de outra maneira criativa. Ao final, exponham o trabalho para o restante da classe. (vol.2, p.78)

As demais coleções simplesmente não apresentam qualquer tratamento pedagógico mais específico que envolva imagens históricas como fonte. Ou seja, elas até aparecem em boa quantidade, como já foi dito aqui. Porém, além das legendas, não há um esforço maior de interlocução entre os conteúdos históricos e técnicos apresentados pela imagem, e a aprendizagem do aluno, o que demonstra um claro subaproveitamento do material iconográfico exposto nos livros, no que tange às relações de gênero. Uma das causas para esse fenômeno foi analisada por Bittencourt, tal como mostramos anteriormente, e diz respeito à clara “divisão de tarefas”, que existe no processo de produção do livro didático e que pode gerar o que ela chama de “descompasso” entre o texto, redigido pelo autor, e as demais partes que constituem o livro, as quais podem ser confeccionadas por outras equipes designadas pela editora, incumbidas da parte da iconografia, ou mesmo das atividades pedagógicas propostas. (BITTENCOURT, 2008, p.316; BITTENCOURT, 1997, P.76-77)

Chama a atenção que os raros casos em que houve um trabalho documental pedagógico com iconografia sobre relações de gênero na História do Brasil se restrinjam aos volumes das coleções relativos aos períodos colonial e monárquico. Nos demais casos, houve a escolha dos editores e autores em estabelecer uma interlocução entre os conteúdos de gênero e aprendizagem através de formas mais convencionais: textos seguidos de questionários com algumas poucas perguntas sobre o tema; legendas explicando as imagens; e até o caso de um infográfico sobre o feminismo no mundo em forma de linha do tempo – tal como vimos –, seguido por algumas questões também. Constatou-se, portanto, que o tratamento documental com iconografia, tão apregoado por Circe Bittencourt em seu artigo (1997), é – guardadas as devidas exceções – quase completamente ignorado. E isso, tanto em relação às questões de gênero, mas também em relação às demais temáticas abrangidas pelos livros didáticos aprovados no último PNLD, em 2015.

Nesta abordagem didatizada de documentos, deveriam ser vislumbrados os conteúdos tanto internos – como fez a coleção de BOULOS –, mas também aqueles

externos à gravura, relativos ao olhar técnico do historiador, que examina a ilustração como objeto, levando em conta: o contexto em que a mesma foi produzida, além de: “Como e por quem foi produzido? Para que e para quem se fez esta produção? Quando foi realizada?” (BITTENCOURT, 1997, p.88-89).

Através desse olhar mais aguçado – que consegue ir além e ver por meio de outros referenciais – são consideradas questões ligadas à aprendizagem de leitura dos elementos que há dentro de uma imagem, mas também aqueles, digamos, externos à mesma, relacionados às técnicas aplicadas e à autoria da imagem. Dessa forma, como veremos adiante, poderemos historicizar melhor as imagens para os alunos.

Após a análise das quatro coleções que mais venderam, de acordo com o último PNLD do ano de 2015, percebe-se que nem o tema ligado às relações de gênero, nem aquele mais especificamente ligado aos arranjos familiares foram devidamente contemplados. Na verdade, eles surgem em função de uma perspectiva hegemônica no ensino que privilegia a História política, onde as personalidades que são mostradas, homens e mulheres, correspondem àqueles que se destacam na vida pública. Não se aborda a questão de gênero no que se relaciona à vida privada, ou seja, na família, na escola e no trabalho, por exemplo. Devido a isso, aqueles domínios do cotidiano, do privado, que geralmente são contemplados pela história social ou cultural, acabam não tendo uma presença marcante nos livros didáticos. Também é perceptível a ausência de uma história demográfica, através da qual, de alguma forma, se poria em evidência a presença crescente das mulheres na sociedade brasileira e no mundo do trabalho, por exemplo.

Enfim, as relações de gênero são pouco contempladas, embora muito presentes na mídia, estando ao acesso dos alunos; fazendo parte de suas experiências.

Capítulo 3: O uso da fotografia na composição do material didático e sua utilização pelo professor

É inegável que os historiadores, ainda que muito marcados por uma perspectiva “logocêntrica” (MENESES, 2003, p.13) – que valoriza as fontes escritas em detrimento das demais fontes relacionadas ao repertório audiovisual –, vêm dando uma forte guinada, nas últimas décadas, no sentido da inclusão de novas temáticas e abordagens da disciplina. Novas fontes vão surgir, conforme os historiadores forem se aventurando nessas novas temáticas e metodologias que, aliás, foram emprestadas de outras ciências sociais, como Antropologia, Sociologia, Semiótica, dentre outras (MAUAD, 1996, p.6).

Com relação à iconografia, alguns autores já chamaram a atenção para o que se convencionou designar *Pictorial Turn* ou mesmo *Visual Turn*. Ambos são termos que fazem alusão a já tão debatida *Linguistic Turn*, que tomou a cultura como texto, relativizando as antigas noções fixas e universalistas, apostando em abordagens que valorizavam o discurso e a cultura. O *Visual Turn* compreende um movimento, que, no âmbito dos estudos de *cultura visual*, dialoga com as concepções culturalistas, colocando tudo o que se relaciona ao visual no centro da análise.

A *cultura visual* explora análises que basicamente se distribuem por duas vias de ênfase: 1) a dos elementos da *cultura*, mediados pelo visual, relativos às construções de valores e identidades, e seus conflitos; 2) a dos suportes materiais produzidos pelo homem, que ficam expressos na ênfase no *visual*, na sua relação com os contextos e os grupos que os produziram, variando de sentido circunstancialmente. Tal como salienta Ulpiano Meneses, trata-se de uma questão de ênfases apenas, pois não haveria como “escapar da articulação conceitual de ambas as opções apontadas, embora no caso concreto, possa haver pesos diversificados”. (MENESES, 2003, p.25)

Para o caso específico das fotografias, Ana Mauad defende a análise “histórico-semiótica” das imagens, flertando com a perspectiva de Meneses ao enxergar a “produção de sentido, nas sociedades humanas, como uma totalidade, para além da fragmentação habitual que a prática científica imprime”. É por isso que ela pontua os dois principais “problemas” que devem nortear as análises sobre a fotografia:

No que diz respeito à fotografia, alguns problemas merecem atenção especial. Problemas que envolvem tanto a natureza técnica da imagem fotográfica como o próprio ato de fotografar, apreciar e consumir fotografias, entendendo-se este processo como o circuito social da fotografia. Deve-se acrescentar ainda é claro os problemas relativos à análise do conteúdo da mensagem fotográfica, que envolvem questões específicas aos elementos constitutivos desta mensagem. (MAUAD, 1996, p.6-7)

Trata-se então de um duplo olhar sobre a fotografia, onde, como diz Granjeiro, debatendo com Boris Kossoy, ambas as perspectivas estão em retroalimentação contínua, já que, entendido de outra forma, poderia se incorrer em equívocos. A fotografia não pode ser analisada apenas pelo aspecto exclusivo do desenvolvimento técnico (ou dos atos de fotografar e consumir), ignorando-se a exploração de seus elementos internos como representações que se orientam pelos valores e finalidades dos indivíduos que a produziram, situados em grupos sociais que pretendem construir uma determinada memória fotográfica em meio a outros grupos. Também não se poderia tratar a fotografia apenas por seus elementos internos, de forma descolada de um contexto específico de produção e consumo, usando-a somente como instrumento de confirmação, de ilustração de uma dada realidade. Tanto na primeira como na segunda forma de análise, perder-se-ia uma dimensão importante dos usos sociais, ignorando, ora os elementos internos do documento, ora os elementos externos do mesmo, ambos constituintes da fotografia, tal como as duas faces de uma mesma moeda. (GRANJEIRO, 1994, p.20)

Dessa forma, como diz Mauad, os textos visuais, inclusive a fotografia, baseiam-se em três componentes: o *autor*, o *texto* propriamente dito, e um *leitor*. Ou seja: fotógrafo/fotografado produzem a fotografia com todo um investimento de sentido histórico específico naquela imagem, e o público receptor (que também pode incluir os próprios fotógrafos e fotografados) apropria-se circunstancialmente dela, motivado por razões específicas, de acordo com o contexto e valores vigentes no grupo ao qual pertence. Como diz Granet-Abisset:

É sobretudo pela função social da fotografia que tocamos no aspecto das representações. Fotografar ou se fazer fotografar não é jamais um ato neutro. Colocamo-nos imediatamente no domínio do simbólico. Atrás do papel

acetinado ou mate, desenvolvem-se, implicitamente, discursos sobre a ordem das pessoas, das coisas e do mundo. (GRANET-ABISSET, 2002, p.21).

É preciso então, aprender a ler a fotografia como prática de representação social, ultrapassando sua superfície, ainda que para isso se tenha de lidar, muitas vezes, com a característica “precariedade de informações (data, personagens, contexto) quanto à origem” dessas fontes. (GRANET-ABISSET, 2002, p.23-24).

De que forma poderíamos então atingir melhor tal exigência metodológica prevista para o trabalho com estas fontes?

3.1- Uma periodização

Escolhemos, em primeiro lugar, romper com a leitura de caráter linear que caracteriza, geralmente, a montagem dos slides. Dessa forma, estabelecemos como fator dos mais importantes, depreender da literatura que tínhamos em mãos uma maneira talvez mais interessante de conseguir romper com a linearidade engessante. Daí, escolhemos uma periodização que nos servisse para orientar todo o processo de construção da análise, que agora pretende trabalhar com a produção, circulação e consumo das fotografias, embora de forma modesta.

De certa maneira, encontramos uma periodização subjacente aos textos de Ana Maria Mauad (1996) e de Nelson Schapochnik (1998), quando os mesmos apontam uma relação dinâmica que se dá, em meados do século XX, entre o desenvolvimento técnico e a popularização da fotografia e do ato de fotografar. Diz Ana Mauad:

O grau de controle da técnica e das estéticas fotográficas variará na mesma proporção dos objetivos estabelecidos para a imagem final (...) No século XIX, este controle ficava restrito a um grupo seleto de fotógrafos profissionais que manipulava aparelhos pesados e tinha de produzir o seu próprio material de trabalho, inclusive a sensibilização de chapas de vidro. Com o desenvolvimento e indústria ótica e química, ainda no final dos Oitocentos, ocorreu uma standardização dos produtos fotográficos, e uma compactação das câmaras, possibilitando uma ampliação do número de profissionais e

usuários da fotografia. No início do século XX, já era possível contar com as indústrias Kodak e a máxima da fotografia amadora: “You press the botton, we do the rest”

É importante levar em conta que também o controle dos meios técnicos de produção cultural envolve tanto aquele que detém o meio quanto o grupo ao qual ele serve, caso seja um fotógrafo profissional. Nesse sentido, não seria exagero afirmar que o controle dos meios técnicos de produção cultural, até por volta da década de 50, foi privilégio da classe dominante ou frações desta (MAUAD, 1996, p.8-9).

A análise de Schapochnik vai nesse mesmo sentido, porém apontando que a mudança trazida pela “difusão do retratismo de caráter amador” já vinha se iniciava nos anos 1930:

A difusão do retratismo de caráter amador, por volta dos anos 30, com a introdução das câmaras Leika, distribuídas em São Paulo pela Casa Lutz Ferrando, correspondeu paulatinamente à diminuição das prerrogativas do fotógrafo profissional. Este não deixou de ser contratado para documentar os momentos mais solenes da vida familiar, no entanto, as situações mais informais passaram á alçada de algum membro da família. Apesar de as funções da fotografia profissional e amadorística serem análogas, isto é, pretendem fixar uma imagem de um indivíduo ou de um grupo que quer ser reconhecido, recordar e ser recordado, compartilhar experiências, atingir um grau limitado de imortalidade, elas também apresentam assimetrias gritantes.

O instantâneo implica espontaneidade e inocência. Ele é uma resposta rápida, intuitiva, à abordagem pensada, estudada, durante a qual alguém enquadra cautelosamente as poses e trejeitos de outrem. Ele sugere simplicidade ou ausência de preocupações técnicas. Ele é mais dinâmico do que estático, mais incidental do que formal, mais atento ao efêmero do que ao eterno. (SCHAPOCHNIK, 1998, p.471)

Assim, temos marcos temporais, mais ou menos situados em meados do século XX, acerca dos quais podemos distribuir as fotografias nos slides: o momento em que há, por assim dizer, a ruptura do monopólio dos meios técnicos de produção cultural. Para o caso da fotografia, isto se deu a partir da proliferação das indústrias de máquinas portáteis, dentre elas a Kodak e a Leika, ao longo do século XX. Isto é,

tal fenômeno só teve maior impacto após os anos 1950 no Brasil, e, portanto, após a II Guerra Mundial. De todo modo, os anos 50 podem ser um marco pertinente.

Assim, teremos do início do século XX até os anos 1950 slides que contenham fotografias produzidas, majoritariamente, por fotógrafos profissionais. Após 1950, quando a indústria da Kodak fornece tanto o filme como a revelação das fotografias, já se pode começar a perceber a emergência das fotos tiradas por amadores, e numa quantidade muito maior, o que favorece a popularização como nunca antes, dos álbuns de família. Os fotógrafos profissionais, no que diz respeito à família, passam a se especializar em registrar os momentos de grande celebração, rituais solenes, tais como: casamentos, aniversários, bodas de prata, bodas de ouro, formaturas, etc. Já para os momentos íntimos, é o fotógrafo amador, com a máquina portátil em punho, que vai se tornando o principal autor das fotografias. Dessa maneira, haverá os slides com fotografias dos anos 50 em diante, cuja produção se faz, agora, por amadores, principalmente, e por profissionais, nos moldes explicados.

Seguindo tal lógica de proliferação do “retratismo de caráter amador”, os slides deverão contemplar ainda a importância dos lugares de memória mais cobiçados no que se refere aos retratos de família: os álbuns de família. Eles são o espaço, digamos, sagrado e ao mesmo tempo mais disseminado, para a construção de narrativas cronológicas e afetivas das famílias, acerca dos seus principais eventos e figuras. Com isso, eles apresentam uma espécie de “dupla temporalidade”. Isto é, conforme observado por Mirian Moreira Leite, os álbuns de família, embora narrem as fotografias, arrumando-as na ordem da sucessão das gerações, de maneira linear, cronológica; narram igualmente momentos ritualísticos, os momentos de transição, de caráter cíclico, baseados na repetição, como a “passagem da criança a adulto, de solteiro a casado, de vivo a morto” (apud SCHAPOCHNIK, 1998, p.472-473). Algo muito evidente nas fotografias de festas como batizados, casamentos, aniversários, passagens de ano, formaturas etc.

Essas ocasiões ritualísticas “de passagem”, propícias à fotografia, também existem – embora assumindo práticas e simbologias distintas – em culturas indígenas e naquelas relacionadas ao elemento negro, como por exemplo em terreiros de Umbanda e de Candomblé. Assim, antropólogos, fotojornalistas e amadores produziram fotografias sobre estas culturas que podem nos servir para confeccionar slides que sigam a dinâmica de observar um mesmo ritual, como o casamento, assumindo elementos culturais distintos. Esta seria mais uma forma didática de

propiciar aos alunos o aprendizado e a valorização da diversidade de modelos de família que podem existir.

Também como marco, dos mais importantes no que tange aos usos sociais da fotografia, está a transformação dos meios de produção fotográfica, ocorrido na virada do século XX para o XXI, com a entrada maciça das máquinas digitais e seu amplo repertório da tecnologia virtual. Essa nova tecnologia vai multiplicar as possibilidades de uso e descarte digital da foto, tornando cada vez mais desnecessário o álbum de fotografias, pelo advento da máquina portátil digital. Os usos sociais também mudam, sendo comum postar fotos nas redes sociais, que cumprem o objetivo de estabelecer comunicação instantânea online, compartilhando cada momento da vida íntima com muitas pessoas ao mesmo tempo, em vários lugares do mundo. As próprias práticas se confundem: o fotógrafo pode ser, ele próprio, o fotografado, através do que se convencionou chamar de *selfie*:

Evolução maior veio com a fotografia digital, que revolucionou a arte acerca da revelação, antes algo ainda químico; na quantidade de poses, antes limitada pelo filme; e em algo simples, mas crucial: agora poderíamos ver a foto antes da revelação.

(...)

Hoje em dia quase todos os celulares possuem câmera fotográfica, o que ajudou pesadamente na disseminação da fotografia – só no Brasil, há mais celulares do que habitantes. (...) Essa “viralização” modificou drasticamente a noção de fotografia, afinal, o acesso a uma câmera está cada vez mais barato e sua captação, armazenamento, reprodução e disseminação cada vez mais fáceis, angariados pela internet e suas redes sociais, existindo algumas especializadas em fotos, como o Instagram (GUIMARÃES, DATA)

3.2- O uso de fontes complementares e legendas

As fotografias não poderiam de forma alguma vir sozinhas nos slides. Também de acordo com Granet-Abisset,

De um modo geral, uma fotografia considerada isoladamente é pouco utilizável como tal pelo historiador. Para um procedimento rigoroso, é preciso

recorrer a um verdadeiro *corpus*, que permita comparações e conclusões a partir de séries. (...) O confronto com outras fontes, orais e escritas, administrativas e privadas, é também condição fundamental para ressaltar, ao mesmo tempo, a especificidade da contribuição da fotografia e extrair verdadeiras análises. Enfim, é preciso saber que com esse tipo de fonte, as conclusões que podemos produzir continuam modestas e suscetíveis de releitura (GRANET-ABISSET, 2002, p.24)

Sendo assim, a utilização de fontes textuais e de gráficos estatísticos¹⁴, ao lado da fotografia, torna-se algo enriquecedor, porque elas dão a ver algo que uma fonte histórica do tipo da fotografia não consegue dar conta isoladamente. Também o reverso das fotos, quando for possível, será exposto, já que pode revelar informações importantes sobre a produção e a circulação da foto, como: remetente, destinatário, tipo de foto, estúdio, fotógrafo, data, onde foi tirada, motivações pessoais, caligrafia usada. Candido Granjeiro, na sua pesquisa de mestrado sobre fotografias na São Paulo do final do século XIX, cobriu muito bem essa demanda por variedade de fontes. Ele usou, além das fotografias, fontes literárias, trechos de jornais explorando várias de suas seções internas, inventários e dados importantes obtidos nos registros da prefeitura localizados nos arquivos da cidade, etc. (GRANJEIRO, 1994). Sendo assim, esses slides deverão ser enriquecidos com outros tipos diferentes de fontes, embora seu centro seja a fotografia.

Também haverá slides que contenham fotos dos próprios álbuns e das máquinas fotográficas – sobretudo câmeras em estilo lambe-lambe, a máquina Leica, a máquina Kodak e a máquina digital (além dos smartphones) –, enquanto objetos históricos que são, assim como as fotografias.

Nesse mesmo sentido, o interior dos estúdios fotográficos do início do século XX também deverá ser apresentado através de um slide, haja vista a sua enorme importância como um lugar onde “sonhos” podiam ser revelados através dos retratos. Pois os estúdios fotográficos cumpriam “um papel importantíssimo na produção de mensagens por meio da ‘ambientação ilusória’” (C.A.C. Lemos apud SCHAPOCHNIK, 1998, p.464). Eles possuíam toda sorte de indumentárias, recursos para melhor aproveitamento e controle da iluminação natural, papéis de parede, painéis, objetos e acessórios variados, que, uma vez devidamente adequados à cena combinada

¹⁴ Dados obtidos no site do IBGE e também em *História da Vida Privada*.

previamente entre o fotógrafo e o fotografado, conseguiam, muitas vezes, imprimir quase que magicamente efeitos muito realísticos na imagem produzida. De tal forma que às vezes nem mesmo um olhar muito treinado poderia percebê-los. Eram muito frequentados, sobretudo, por pessoas com posses, mas também pelos integrantes da classe trabalhadora, ávidos por serem fotografados em grande estilo, mesmo pagando tão caro. Imigrantes, por exemplo, poderiam recorrer a esses estúdios com o objetivo de que os fotógrafos lhes fabricassem uma bela imagem de sucesso, a ser destinada depois aos que permaneceram na terra natal, imagem esta que muitas vezes não refletia a dura realidade vivida no Brasil.

Por fim, quanto à dinâmica das legendas, vão aparecer logo após a fotografia, de forma a inserir uma dinâmica estética melhor, mas, sobretudo, para que a ideia defendida por Bittencourt anteriormente, seja realizada, ainda que de forma adaptada.

4- Tutorial para a utilização do material didático: “Flashes de Famílias”

O material didático procurou se apoiar nos dois pilares principais sobre os quais se debruça esta pesquisa: a temática da família, explorando sua diversidade de arranjos ao longo da história do Brasil no século XX; e a questão ligada ao tratamento documental das fotografias, que compreende a preocupação com sua dimensão material, enquanto objeto socialmente manuseado pelos fotógrafos profissionais, fotógrafos amadores e público em geral.

Certamente esses dois temas seriam muito complexos para serem abordados de uma só vez através de um simples material didático, feito para a dinâmica escolar. Contudo, ainda que seja uma empreitada um tanto desafiadora, o que se pretende aqui é provocar um nível de reflexão possível de ser estabelecido entre os alunos e os professores acerca dos principais aspectos de rupturas e continuidades que se possa verificar relacionando os temas da história da família e da fotografia. Com isso, pretende-se construir uma narrativa histórica que, partindo das fotografias expostas

nos slides do Power Point¹⁵, possa fazer com que o aluno trabalhe com essas duas temáticas.

Não somente as fotografias, mas também outros elementos colaboram para a construção da narrativa. A própria organização em série apresenta uma tentativa de leitura possível, permitindo um encadeamento de sentidos que busca a construção de conhecimentos junto aos alunos. Também o uso de efeitos especiais do Power Point mostrou-se recurso valioso para proporcionar uma aproximação com o aluno, ao tornar o material mais lúdico e mais dinâmico, além de mais, digamos, contextualizado com a atmosfera afetiva e intimista que inspira o tema família. Por último, a utilização de fontes auxiliares, tais como textos e gráficos podem ser úteis para a estruturação dessa narrativa visual, uma vez que, como se viu anteriormente, as fotografias são um tipo de fonte iconográfica que, além de geralmente carecerem de informações importantes sobre sua produção, dificilmente permitem dar conta dos eventos de longa duração sem o auxílio de textos ou outros tipos de fontes adjacentes. Embora isto tenha tornado o material final muito extenso, e, talvez, enfadonho, do ponto de vista do aluno. Sendo assim, o material apresenta-se em dois arquivos independentes, ambos possíveis de serem utilizados em sala, cabendo ao professor decidir sobre qual o melhor arquivo para usar com a sua turma: um arquivo onde há somente a parte iconográfica (como as fotos e os gráficos); outro, bem maior, com textos complementares.

Procedimentos para a leitura das fotografias de família:

A maioria dos slides apresentará uma ou mais fotografias de família. Tal como pudemos vislumbrar nas propostas defendidas por Circe Bittencourt (1997), Ana Mauad (1996), Candido Granjeiro (1994), dentre outros, a fotografia vai apresentar uma dupla dimensão social: dos aspectos internos dos elementos fotografados; e dos aspectos externos, ligados ao manuseio da técnica fotográfica, e também aos usos sociais das fotografias por um dado público consumidor numa época específica.

¹⁵ Por motivo de segurança, o arquivo do Power Point está disponível somente no modo "leitura". Portanto, apenas clicando na opção "somente leitura", o usuário poderá ter acesso ao material.

Assim, considera-se importante, em todos os slides com fotografias de famílias, averiguar ambos os aspectos, interno e externo da fotografia, viabilizando que o aluno consiga apreender o elemento fotográfico de uma forma mais complexa.

Portanto, as primeiras observações dos alunos face a tais fotografias estão mais concentradas nos aspectos internos, relacionados à história das famílias no Brasil. São eles:

1. Quem está na foto?

A ideia é que o aluno possa desenvolver a sua percepção histórica (RUSEN, 2010) sobre elementos presentes nas famílias fotografadas, tais como: seus integrantes, o posicionamento perante a câmera, número de filhos, raça, condições sociais, tipo de vestimentas, de acessórios pessoais, e de objetos decorativos usados.

2. Onde a foto foi tirada?

Aqui o professor deverá explorar os elementos que compõem o “cenário” da fotografia, podendo incluir tanto coisas como pessoas não pertencentes à família, todos de alguma forma ajudando na percepção do aluno. Também se inclui a cidade onde a foto foi tirada, caso exista essa informação (caso contrário, aparecerá a sigla s/l).

3. Quando a foto foi tirada?

Em diversos casos, não é possível identificar a data exata da fotografia (aparecendo a sigla s/d). Contudo, isto não nos impede de aventar as prováveis décadas em que ela foi produzida, pois quando nos respaldamos bem nas duas primeiras questões, muito do contexto histórico já pode ser capturado em seu conteúdo interno – as vestimentas dos fotografados, número de filhos, a forma de posar perante a câmera, objetos, cenário, etc. –, mas também aqueles elementos mais externos, digamos, já que relacionados à materialidade da fotografia, que serão também alvos de perguntas a seguir, tais como: o tipo de foto, o estado da foto, quem a tirou, onde está guardada, etc.

Dando prosseguimento à leitura, também cabe observar os aspectos externos aos elementos fotografados, relacionados à história da fotografia, propriamente:

4. Quais os aspectos materiais da foto?

Aqui o aluno deverá perceber os aspectos materiais da fotografia, atentando para que tipo de fotografia se trata: se uma fotografia analógica (preto e branca ou colorida) ou digital, e também observar o seu estado de conservação.

5. Quem tirou a foto?

O aluno precisa entender que, como um importante suporte tecnológico de registro de momentos, a fotografia foi produzida por alguém com determinadas finalidades específicas. Importante então saber um pouco do fotógrafo que bateu o flash, suas intenções ao fotografar aquela família, se era profissional (indivíduo ou estúdio de fotografia) ou um fotógrafo amador, talvez membro da própria família.

6. Onde esta fotografia se encontra guardada?

Esta é uma questão importante por levar o aluno a perceber que as fotografias se encontram guardadas por alguém e/ou por uma instituição, em lugares específicos: está na casa da pessoa “guardiã da memória” familiar? Foi disponibilizada na internet? Foi arquivada numa instituição específica? Qual ou quais? Neste caso, seria uma instituição pública ou privada? Também importante, através de uma pergunta como essa, fazer o aluno perceber a circulação social da fotografia. Pois esta nos revela a fotografia como objeto, que assimila vários usos sociais, dependendo, portanto, de quem a utiliza e com que finalidade, após ter sido produzida (MAUAD, 1996; MENESES, 2003). Pode, por exemplo, ter sido usada para reforçar vínculos afetivos entre pessoas. Mas depois ter assumido outros usos, às vezes completamente diferentes da finalidade para a qual a foto foi produzida originalmente. Como no caso daquela que se encontra numa feira de antiguidades, para fins comerciais; ou daquela que foi usada em uma

exposição artística sobre fotos de família que haviam sido postadas em redes sociais da Internet, etc.

É importante salientar que essa dinâmica das questões básicas a serem levantadas junto aos alunos, não necessariamente deverá seguir uma ordem rígida, pois dependendo do slide e também da curiosidade dos alunos, o professor deverá se sentir confortável para fazer os ajustes que julgar necessário, inclusive trocando a ordem das questões básicas que apontamos acima. Além disso, os próprios alunos poderão, a partir de certo momento do trabalho, fazerem eles mesmos as perguntas que julgarem mais interessantes. Ainda mais se levarmos em conta que essas questões de conteúdo interno e conteúdo material da fotografia se cruzam inequivocamente a todo o instante, e só as estamos aqui separando com o intuito de tornar a operação o mais didática possível.

Famílias em fotografias de primeira metade do século XX

1ºslide¹⁶:



Nelson de Mello e família. S/L. Anos 1910. Arquivo de Nelson de Mello. Rio de Janeiro. FGV/CPDOC.

Este slide, como todos adiante, tem o propósito de causar um primeiro impacto de estranhamento que estimule a alteridade histórica no aluno, a sua percepção histórica (RUSEN, 2010), para ambos os temas: história da família e história da fotografia. O professor deverá ter a preocupação de iniciar perguntando sobre os elementos internos a esta fotografia, procurando despertar o interesse. Depois irá perguntar sobre os aspectos materiais da fotografia propriamente.

¹⁶ Por uma questão prática, somente serão apresentados neste tutorial os slides com fotografias, textos ou gráficos. Dessa maneira, os slides com os títulos e subtítulos introdutórios das séries fotográficas, bem como o slide final (com a bibliografia dos textos usados no material), não entrarão na ordem aqui anunciada. Por isso, aqui, estou considerando como primeiro slide o que possui foto da família de Nelson de Mello, e assim por diante.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Importante que o professor tenha a preocupação de não dar a informação, mas que possa, como fazem os historiadores, ir mostrando elementos que passam despercebidos, como o fato de certamente ser um homem que era militar e que tinha importância em sua época. Um homem que, num dado dia, quis ser fotografado com sua família. Trata-se de uma família grande. Basta observar a quantidade de filhos (6) que tal casal possui. Importante observar também como os fotografados foram ordenados, de forma rígida. Meninos, à esquerda do casal. Meninas à sua direita. Nos dois casos, as crianças usam roupas que seguem os moldes dos adultos. O casal, ao centro, com a mulher com um vestido bem característico das mulheres da época. O homem, Nelson de Mello (**Vide verbete**)¹⁷, aparece destacado, com a farda do exército, indicando ser o mais poderoso da família, não somente por estar ao centro, mas pela própria função social que exerce. Este homem participou do movimento tenentista e assumiu importantes cargos na política do Brasil, inclusive na era Vargas

Trata-se de uma fotografia tirada nos anos de 1910/1920, em frente à sua casa. Não possuímos nem a data precisa nem o local preciso, contudo, as vestimentas das pessoas, as informações sobre Nelson de Mello, a arquitetura de início do século de sua casa ao fundo, podem nos ajudar a depreender tal informação.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Também o próprio aspecto material dessa fotografia, bastante envelhecida pela coloração amarelada pelo tempo já decorrido. Foi provavelmente dobrada e isso ajudou a desgastar ainda mais sua aparência, com uma espécie de rasgo no lado direito. Ela foi tirada por um fotógrafo profissional que foi até a casa dessa família, serviço pelo qual, geralmente, cobrava-se um preço alto. Ele quis destacar o poder do homem sobre sua família, inclusive valorizando em Nelson de Mello uma posição, levemente na diagonal, que realça este efeito de domínio. A foto encontra-se no

¹⁷ Para as personalidades de grande expressão (p. ex. políticos e fotógrafos profissionais reconhecidos), bem como para os grandes eventos, foram feitos verbetes, localizados na última parte deste tutorial, onde um pouco de suas biografias pôde ser melhor apresentado.

arquivo Nelson de Mello, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).

2º slide:



A família Jeová de Figueiredo Matos. Dedicatória no verso, endereçada a Regina e Luiz Simões Lopes e a Getúlio Vargas. S/l. 1951. Arquivo Luiz Simões Lopes (LSL). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.



Otaviano e Rosa Marcondes Ferraz com os filhos. Cartão postal. S/L. Década de 1910. Photo Compagnie Belge (Estúdio). Srebnicki, C. de (Fotógrafo). Arquivo Otávio Marcondes (OMF). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.

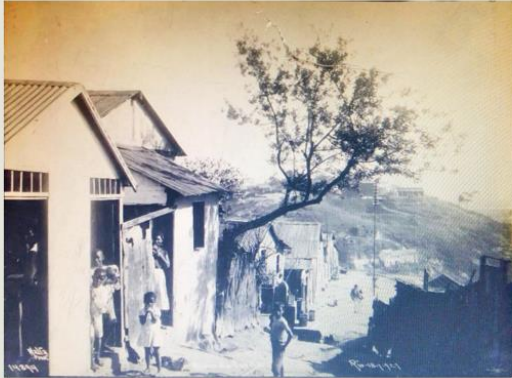
Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Quanto ao conteúdo interno, observamos duas famílias. Ambas são famílias de posses, o próprio vestuário já nos dá pista importante sobre a situação social delas. Na foto da esquerda, trata-se de uma família enorme, nos moldes verificados em regiões mais ao interior do Brasil. Na da direita, o casal aparece cercado de quatro filhos. Também é uma família grande, porém menor em relação à primeira. Nos dois casos o filho mais novo, um bebê, está no centro. Fica clara a rigidez da pose, cada integrante ocupando um lugar muito bem demarcado na foto. O professor precisa dar uma ênfase no aspecto de como essas fotos eram demoradas, levando muito tempo naquelas poses que o fotógrafo e as famílias desejavam em comum acordo. A foto da esquerda foi tirada no exterior da casa de Jeová de Figueiredo Matos. Já a foto da direita foi tirada no exterior da casa de Otaviano Marcondes (**vide verbete**).

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

As duas fotografias foram tiradas por fotógrafos profissionais, nas próprias casas dessas famílias. Esta é uma das pistas mais importantes que nos revelam a condição social dessas famílias, pois somente famílias com posses poderiam arcar com os altos custos de ter um fotógrafo profissional em suas casas. Este era um serviço pelo qual se cobrava muito caro. Ambas as fotografias encontram-se localizadas em arquivo privado da Fundação Getúlio Vargas, no Centro de Pesquisas e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC). A foto da esquerda está no arquivo Luiz Simões Lopes, e possui, inclusive, uma dedicatória endereçada a personalidades muito importantes do cenário político brasileiro daquele contexto, como Luiz Simões Lopes e Getúlio Vargas. A existência da dedicatória no verso é certamente também uma das pistas mais reveladoras por meio das quais podemos perceber tratar-se de uma família realmente poderosa da época. A foto da direita encontra-se no arquivo Otávio Marcondes, do CPDOC, revelando-nos também o prestígio político da segunda família, através da figura de Otávio Marcondes Ferraz. Ela é um cartão postal. Isto significa que ela possui um verso, onde foi dedicada e enviada a outra pessoa. Ou seja, ambas as fotos nos mostram práticas sociais que põem a fotografia em circulação. É um objeto de alto valor econômico e simbólico, compartilhado entre as famílias e os amigos, coisa muito comum durante todo o século XX, chegando aos dias atuais, embora assumindo novas feições no século XXI, com a entrada da fotografia digital, conforme veremos.

3º slide:



Aspecto de morro da Favela, atual morro da Providência. Destaque para família na foto. Rio de Janeiro. 1927. Foto: Arquivo Augusto Malta. RJ, Museu da Imagem e do Som (MIS)

Família de moradores do morro da Babilônia. Rio de Janeiro, s/d. Foto: Augusto Malta. SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nem Preto, Nem Branco Muito Pelo Contrário: Cor e Raça Na Intimidade Brasileira". In SCHWARCZ (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4, p.187.



Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Neste slide verificam-se duas fotos de um mesmo fotógrafo. São famílias que vivem em precárias condições sociais nos morros do Rio de Janeiro do início do século XX. São famílias constituídas por pessoas negras, e com boa quantidade de componentes. Na primeira há pelo menos seis pessoas, com grande número de filhos. Na segunda, com sete pessoas, há menos crianças e mais adultos.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Tais fotos, contudo, não são fotos comuns "de família". Isto é algo a ser ressaltado pelo professor. Pois o objetivo do fotógrafo era outro. Embora na segunda foto haja uma tentativa de composição de foto posada, o fotógrafo, Augusto Malta (**vide verbete**), não teve a intenção de fotografar as famílias da mesma maneira que

vimos nos slides anteriores. Tanto que nem mesmo sabemos quem são as pessoas presentes nessas fotos.

Augusto Malta foi um fotógrafo do início do século XX que foi contratado pela prefeitura do Rio de Janeiro para trabalhar fotografando a cidade, antes e depois das reformas que nela vinham sendo feitas no início do século. Sendo assim, sua principal função foi a de registrar aspectos arquitetônicos e urbanísticos das regiões onde haveria as reformas urbanas. Com isso, muitas vezes, ele acabou capturando pelas suas lentes também as pessoas que habitavam essas regiões da cidade, incluindo suas famílias. Na primeira foto isso fica muito claro, pois certamente aquela família que aparece dentro de casa, meio escondida, foi surpreendida com a presença do fotógrafo e sua máquina fotográfica. Ambas as fotos encontram-se no Museu da Imagem e do Som, o MIS. Contudo, a segunda foi também usada na coleção *História da Vida Privada* (SCHWARCZ, 1998, p.187).

4º slide:



Casal de índios Urumi e filhos. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.



Casal Nambikwára Nenê do rio Juína. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.



O chefe Abaitará e sua família, índios Takuatib. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Neste slide o professor irá explorar alguns aspectos mais objetivos desses três grupos indígenas, já que sabemos muito pouco sobre suas culturas. Suas vestimentas e adornos nos demonstram diferenças entre si. Também é perceptível a diferença na quantidade de filhos em cada família fotografada, o que quebra com a falsa ideia de que numa tribo indígena todo mundo se entende como parente necessariamente.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

As três famílias foram fotografadas pelo mesmo fotógrafo, José Louro (**vide verbete**). Ele foi um importante fotógrafo que trabalhou na Comissão Rondon (**vide verbete**), mais especificamente no ano de 1922, quando se comemorava o Centenário da Independência do Brasil (**vide verbete**). Nesse momento, o conhecido marechal Rondon estava em uma de suas várias incursões feitas no interior do Brasil

(onde hoje se situam os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia), com o objetivo de viabilizar a instalação de linhas telegráficas em regiões habitadas por várias tribos indígenas xavantes. Portanto, essas fotografias são mais um caso onde é necessário o professor enfatizar não se tratar de fotografias de família. Já que a finalidade com que foram produzidas está ligada aos objetivos de registro estatal que a Comissão Rondon fazia ao se deparar com povos indígenas de uma região ainda inexplorada do Brasil, estratégia esta financiada pelo governo brasileiro. Elas foram utilizadas no livro *O acervo Imagético da Comissão Rondon*, em pesquisa feita por Denise Lasmar, e encontram-se guardadas no Museu do Índio, situado no Rio de Janeiro.

5º slide:



Homem ao lado do fotógrafo Vincenzo Pastore, no estúdio. SP, 1900. RJ, Instituto Moreira Salles.

Os estúdios fotográficos



Miniatura de estúdio do início do século feita pelo artista turco Ali Alamedy. <<http://photos.com.br/artista-cria-miniatura-de-estudio-fotografico-do-seculo-xx/>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

Slide informativo que pode ser usado pelo professor como um momento de intenso despertar de curiosidades dos alunos, pois como se vê, são duas fotos que ilustram muito bem algo da estética e do funcionamento interno de um estúdio fotográfico de início até meados do século XX. O professor, através dessas fotos, deve anunciar o que virá adiante: fotos feitas justamente nesses estúdios. Importante o

professor chamar atenção do aluno para as duas pessoas, o homem negro que provavelmente está ali como ajudante, um modelo, contratado por Vincenzo Pastore **(vide verbete)**, sendo usado para retratar os traços estéticos do povo brasileiro, tendo sua imagem “eternizada” através da fotografia. Observar também o fotógrafo, o reconhecido italiano Vincenzo Pastore, que quase sempre está oculto, mas neste caso é ele próprio fotografado por outro fotógrafo, cujo nome não nos foi revelado. Ao lado, trata-se de uma foto feita no ano de 2016, com máquina digital, sobre a maquete construída pelo artista plástico Ali Alamedy. A maquete é tão rica em detalhes que poderia parecer uma pintura apenas. Foi por isso mesmo que nos interessou que aparecesse a mão e o rosto do artista trabalhando em sua obra, pois permite que o aluno perceba que se trata de uma maquete em miniatura, com as suas devidas proporções. Destaque para o teto, geralmente feito com material transparente, de forma a se aproveitar ao máximo a luz natural, já que a luz elétrica ainda era algo bem raro. Persianas em janelões também eram muito comuns, pois assim se conseguia controlar também a entrada de luz, no ponto certo.

Importante que o professor pergunte: *quem na opinião de vocês podia fotografar em estúdios como esses?* É muito provável que os alunos digam que só os ricos podiam frequentá-los. Mas aí o professor pode acrescentar a ideia de que pessoas da classe trabalhadora, talvez o próprio homem negro da foto, às vezes, também iam fotografar em estúdios, sobretudo imigrantes, que viram nas chamadas fotos-postais uma ótima oportunidade de compartilhar suas experiências com os de sua terra natal, e transmitir mensagens e valores implícitos através do conteúdo das imagens. Os estúdios, de fato, tinham “um papel importantíssimo na produção de mensagens por meio da ‘ambientação ilusória’” (C.A.C. Lemos apud SCHAPOCHNIK, 1998, p.464). Tinham toda sorte de recursos decorativos, papéis de parede, vestimentas, que iriam ser devidamente adequados à cena que o fotografado havia combinado antes com o fotógrafo. Portanto, as fotografias de estúdio são ótimas para nos revelar uma característica que, na verdade, subjaz a todas as fotografias: são representações da realidade (GRANET-ABISSET, 2002). Elas não podem, de forma alguma, ser entendidas como reflexo, como espelho da realidade, já que foram produzidas com determinadas finalidades, desejadas pelo fotógrafo, que muitas vezes inclui também as aspirações do próprio fotografado (como no caso das fotos produzidas em estúdios).

6º Slide:



KODAK Folding Pocket Brownie n°2. Modelo: A. Fabricada entre 1894 e 1909 nos EUA. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

As Câmeras



Rolleiflex Original com lentes Carl Zeiss Jena Tessar. Foi fabricada a partir de 1929 e foi a primeira máquina a usar o filme em rolo modelo 120. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rolleiflex>> Acesso em: 1 jul. 2016.

Câmera em estilo lambe-lambe, do início do século XX. <<http://www.camerasantigas.com.br>> Acesso em: 1 jul. 2016.



Slide informativo sobre aspectos das máquinas mais usadas pelos fotógrafos do início do século XX. Importante enfatizar que são máquinas grandes, pesadas, importadas, muito caras, e de difícil manuseio. Era praticamente impossível que alguém que não fosse um fotógrafo profissional possuísse uma dessas. Para ajudar a encadear o raciocínio do aluno, seria interessante o professor lançar a pergunta sugestiva: *Quais seriam as máquinas fotográficas utilizadas por fotógrafos como Augusto Malta e o José Louro, que vimos anteriormente?* Importante dizer que essas fotos são reveladas a partir dos seus respectivos negativos em chapas de vidro, técnica muito antiga, difícil e demorada, por meio da qual os fotógrafos conseguiam obter as fotos. Ou seja, ainda não existiam os práticos rolos de filme Kodak para imprimir neles o negativo e assim obter as fotos. Portanto, eram técnicas de muito difícil manuseio.

7º slide:

Os lambe-lambes



Lambe-lambe fotografando na praça.
<<http://visiondigittal.blogspot.com.br>> Acesso em: 4 jul. 2016.



Lambe-lambe fotografando.
<<http://www.fotografiaparatos.com.br>> Acesso em: 1 jul. 2016.

Os lambe-lambes tinham esse nome, principalmente, devido à antiga técnica da ferrotipia, em que se usava a saliva para descolar da chapa a fotografia revelada. Eles foram muito comuns nos anos 20, 30 e 40. Estavam nos locais públicos das cidades tirando fotos a um custo mais acessível aos trabalhadores e à classe média. As fotos tiradas pelos lambe-lambes são bem mais difíceis de serem hoje localizadas, pois geralmente não se encontram nas instituições de guarda de memória. (Boris Kossoy apud FERNANDES, 2009)

O próximo slide, sobre os lambe-lambes – os “fotógrafos de jardim”, especificamente –, dialoga com Kossoy, Rubens Fernandes e Nelson Schapochnik, que distinguem o ofício dos fotógrafos lambe-lambes dos demais fotógrafos, pondo em evidência o caráter marcadamente popular desse tipo de fotografia, muito comum nos anos “20,30 e 40”:

“O que importava para o lambe-lambe era a luz intensa, já que ele não trabalhava com chuva. Sua presença na Praça era referência do sol, índice que garantia a alegria de todos os frequentadores da Praça durante o dia. “Para ser um bom retratista era preciso ficar de olho nas nuvens”(9), dizia-se nos anos 20, 30 e 40, considerado o período de ouro da atividade profissional do fotógrafo lambe-lambe, que se instalou nas praças e jardins públicos do Brasil nos idos de 1915 e durante mais de três décadas retratou as mais variadas situações e os mais variados tipos humanos.

A partir dos anos 50, o fotógrafo lambe-lambe passou a produzir somente retratos para documentos, tipo 3X4 cm, a fim de atender a demanda da nova clientela, deixando de produzir os retratos que caracterizavam

situações de maior diversidade temática e maior riqueza iconográfica. Desde o início, a produção dessa atividade profissional, descartada e desvalorizada pelos estúdios fotográficos que garantiam qualidade técnica e pretensão artística, ficou tão dispersa e esquecida, que ainda hoje é difícil reunir uma coleção que esgote o universo intuitivo e criativo do nosso fotógrafo de jardim". (JUNIOR, Rubens. 2009)

8º slide:



Dedicatória: "Para Tia Noemia, Tonheiro e primos uma recordação de Munizinho e Norma. Rio, 8-12-51". ROCHA, Raquel. "No tempo em que se escreviam dedicatórias nas fotos". *Baba Yaga*. 08/05/2013. <<http://babayagamoda.blogspot.com.br/search?q=casamento+>>Acesso em: 4 jul. 2016.



Casal de noivos. Rio de Janeiro, 1945. CHLAMTAC, Alexia. "Haja casamento...". *Tribo Fashion*. 29/03/2012. <<https://tribofashion.wordpress.com/category/estilo/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Slide que se dedica a explorar mais um ritual, dos mais conhecidos entre as sociedades, as mais diversas: o ritual do casamento. Ocasão das mais propícias a que se tirassem fotos. Ambas foram tiradas no Rio de Janeiro, em meados do século. A foto da esquerda mostra Munizinho, um pernambucano com boa situação financeira que se estabeleceu no Rio de Janeiro, conheceu Noemia e então casaram-se. Na segunda, os noivos são também exuberantes e com esbanjam boa condição social, pois a beleza das indumentárias já nos mostra que em ambos os casos foram festas

muito caras, que pretenderam esbanjar para o público íntimo do casal valores como: riqueza, sucesso e, claro, a felicidade dos noivos.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Ambas possuem dedicatórias escritas à mão, porém dessa vez não no verso, mas sim na parte frontal da foto, o que também era muito comum nesse tipo de foto. O professor deve nesse momento ler a primeira dedicatória. Importante que solicite que os alunos o façam junto com ele. A segunda possui uma caligrafia que impede que a mensagem de destinação da foto seja lida, infelizmente. Foram tiradas por profissionais. A foto da esquerda foi tirada na igreja. Já a da direita, é possível perceber que foi feita em estúdio. Muito importante que o professor nesse momento faça a pergunta: *o que vocês acham: essa foto da direita foi tirada em estúdio ou não? Por que?* Professor deve dar um tempo para que eles consigam detectar o detalhe da borboleta bem destacada na foto, que revela ser um cenário de bosque feito em papel de parede. Os noivos de classe média ou ricos costumavam ir antes ou depois da festa de casamento para serem fotografados em estúdio, e aquela se tornar a fotografia, digamos, “oficial”, do casamento. Ambas, encontram-se atualmente disponíveis em interessantes blogs, o *Baba Yaga* e o *Tribo Fashion*, que abordam variados temas, sobretudo moda.

9º slide:

“As despesas com o fotógrafo e o material fotográfico, mesmo em famílias de poucos recursos, passaram a fazer parte do desperdício alimentar e da ostentação dos trajes que marcam a festa do casamento. Os retratos são objetos de exibição e distribuição entre convidados e parentes que não puderam comparecer, desenvolvendo assim uma função integradora[...].E passam a construir a memória da família, fixando lembranças da crônica oral e registrando para os descendentes o grande evento matricial.

Como o retrato deve tornar pública a união, existe uma preocupação que é não só dos noivos, mas das famílias de origem, de produzir um espetáculo para ser apreciado por todos os conhecidos, parentes ou não, para reafirmar que se realizou um "bom casamento"(LEITE, 1991, p.187)

Conforme exposto no slide anterior, este slide trás um interessante trecho da historiadora Miriam Moreira Leite que detalha melhor as razões sociais dos gastos com “o fotógrafo e o material fotográfico”. Isso mostra como os retratos eram cobiçados pelas famílias, sobretudo em ocasiões importantes como no ritual do casamento. Procurava-se, através de toda essa cara produção, divulgar “entre os conhecidos, parentes ou não” o “bom casamento” (LEITE, 1991, p.187)

10º slide:



Crianças posando para foto. Paraíso, SP, 1923. CALDATTO, Ana. "Fotos Crianças com seus Brinquedos e bonecas antigas". *Ana Caldato*. 20/03/2011. <http://anacaldatto.blogspot.com.br/2011/03/fotos-criancas-com-seus-brinquedos-e.html>Acesso em: 1 jul. 2016.



No verso:
"À amiguinha Alyde e família para recordação do Xandinho aos 9 meses Em 29/10/936. Alexandre Domingos". Acervo pessoal do autor.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Neste slide, as crianças ganham relevância, pois, como mostra Mirian Leite, as fotografias de família geralmente são produzidas para eternizar os rituais "de passagem", tais como a "passagem da criança a adulto, de solteiro a casado, de vivo a morto" (apud SCHAPOCHNIK, 1998, p.472-473). Sendo assim, nas duas fotos, crianças são o centro do olhar do fotógrafo. As crianças aparecem em poses fixas com seus brinquedos, demonstrando uma rigidez, uma clara falta de espontaneidade, sobretudo pelo fato de serem muito novas. Na foto da direita, vemos um bebê. Ou seja, o professor deve enfatizar o quanto era trabalhoso tirar essas fotos e o quanto esses fotógrafos eram bons no seu ofício. Somente na foto da esquerda sabe-se o lugar onde foi tirada, em Paraíso, cidade do interior de São Paulo. O ano em que foram batidas só aparece na foto da direita, no seu verso, que o professor também poderá ter acesso, apertando a tecla *enter*, que fará girar a foto e então mostrará seu verso.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

São fotos produzidas em estúdio, isto é, por fotógrafos profissionais. Uma observação mais atenta percebe o cenário de fundo, composto por papel de parede, mais evidente na foto da esquerda.

Merecerá toda a atenção do aluno, o momento em que a foto da direita mostra seu verso, com a caligrafia registrando a dedicatória carinhosa de uma pessoa que compartilha com outra pessoa conhecida aquele momento tão especial para os pais, parentes próximos e amigos íntimos da família. O professor deve mostrar que a fotografia pode ser um documento histórico dos mais importantes, por mostrar muito dos usos que as pessoas fazem deste objeto. Por revelar como ela circula de uma pessoa para outra, podendo inclusive ser arquivada em instituições governamentais, ou mesmo em endereços virtuais, se pensarmos nos dias atuais, com a internet. Refletindo sobre este caso dos usos que fazemos na atualidade, o professor pode mostrar o endereço de blog que foi fixado digitalmente no centro da primeira foto: www.anacaldatto.blogspot.com. O blog, neste caso, funcionaria como lugar de memória de famílias, por reunir e permitir o compartilhamento das memórias de parentes e amigos próximos em seus rituais “de passagem”, eternizados pelas fotografias. O uso, neste caso, tornou algo, que antes era privado e íntimo, agora, aberto ao grande público.

11º slide:

“A criança, mais do que qualquer outro personagem, sintetiza, na sua imagem, a imagem da família. Das poses demoradas das fotos antigas às tentativas modernas de captura do instantâneo das emoções, ela aparece sempre como um marco de referência, centro da razão de ser do grupo familiar. Através dela, fala-se simultaneamente de tradição e renovação” (BARROS; STROZENBERG, 1992, p.41)

Slide com trecho retirado do livro *Retratos de Família*, das historiadoras Myriam de Barros e Ilana Strozenberg (BARROS; STROZENBERG, 1992). Pretende trazer um momento de reflexão sobre o papel central ocupado pelas crianças nas fotos. Elas representariam uma ambiguidade, que compreende, ao mesmo tempo, a tradição do passado (as poses demoradas) e a renovação apontando para o futuro (o instantâneo das emoções).

12º slide:



Maria Rita, a “mãe Ritinha de Ogum”, Neuza Maria e Neide Aparecida. Araras/SP. Anos 50. MARIA, Neuza. “GRIOTS’...A História com começo, meio e finalidades...AXÉ!!! Simples assim...#vamos que vamos#”. *Acervo Cultural Afro-Brasileiro (ACAFRO)*. 26/01/2014. <<https://acafoararas.wordpress.com/2014/01/26/74/>>. Acesso em: 1 jul. 2016.



Lindolfo Collor, sua esposa Hermínia Collor e suas filhas: Leda(em pé) e Lígia (sentada). Porto Alegre (RS). 1922. Arquivo Lindolfo Collor. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Na foto da esquerda, há a presença um tanto destemida da mulher negra, a Maria Rita Anicetra, “mãe Ritinha de Ogum”, com suas filhas Neuza Maria e Neide Aparecida. Era mãe de Santo, de um centro de Umbanda, na cidade de Araras. No posicionamento da foto, suas filhas lhe seguem, formando uma “escada”, que começa na mãe e termina na filha caçula. A foto foi tirada nos anos 50. Já a foto da direita é de Lindolfo Collor (**vide verbete**) – que assumiu cargos importantes no governo Vargas –, também transmitindo imponência e modernidade, com sua família, em Porto Alegre, ano de 1922.

Ou seja, no primeiro caso é uma mulher negra, da classe trabalhadora, de condição social humilde que procurava através da foto transmitir dignidade, modernidade e força, com roupas elegantes, em estilo europeu. Seu marido havia desaparecido quando as meninas eram ainda muito novas, e nunca mais retornou. Talvez por perseguição política, devido ao fato de ter pertencido ao MNU (Movimento Negro Unificado), que lutava contra a o preconceito e discriminação raciais existentes

no Brasil. No segundo caso, trata-se de um homem branco, em condição social privilegiada, que desejava, através da foto de estúdio, justamente demonstrar altivez e orgulho do seu legado político e da sua família. Nos dois casos as meninas usam laços de enfeite no cabelo. Cabe então a pergunta: *o que vocês notam em comum e o que notam de diferente entre essas duas fotos de famílias?*

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Ambas as fotos foram tiradas em estúdios, por profissionais não identificados. A foto de Ritinha de Ogum pertence ao arquivo pessoal de Neuza Maria, sua filha, e está disponibilizada online, através do site *ACAFRO* (<https://acafroararas.wordpress.com/2014/01/26/74>), informado na legenda. O site pertence ao projeto *ACAFRO* (SP), que, segundo o próprio site diz, foi fundado para “pesquisar, resgatar e dar visibilidade a questões sociais e culturais, entre outras a étnico/racial, de gênero e cultural artística” (MARIA, 2014). A foto de Lindolfo Collor pertence ao arquivo do CPDOC, na FGV, e por isso leva a marca d’água da instituição.

13º slide:

“Chama a nossa atenção a figura da mulher-mãe. Nem sempre, no centro do grupo fotografado, sua imagem se sobressai. As rendas dos vestidos claros que nos poderiam trazer a impressão de fragilidade são apenas uma pequena parte do que conseguimos perceber. A mão que pousa sobre o ombro do marido não demonstra submissão. Apoiada no alpendre da casa familiar, com um gesto enérgico, a mulher marca seu espaço no universo familiar. Numa sociedade construída e regida por leis masculinas, a figura feminina demonstra a existência de um poder ditado por outras leis, situado numa área específica e absolutamente fundamental – a vida doméstica.” (BARROS; STROZENBERG, 1992, p.41)

Slide com texto bastante autoexplicativo e que deseja acentuar o papel feminino numa sociedade francamente machista, procurando quebrar estereótipos. Estes são propagados pelo senso comum daquela época muito mais do que atualmente no Brasil, e baseiam-se na concepção de que o feminino e tudo o que se relaciona com o ambiente doméstico seriam supostamente inferiores, menos importantes, dentro das sociedades. Já o masculino e o mundo das relações políticas, desempenhas no público, seriam mais importantes, e possuiriam a supremacia. O professor deve mostrar que, no entanto, os papéis masculino e feminino, automaticamente ligados ao público e ao doméstico, bem como a própria separação e hierarquização entre esses espaços, na verdade, correspondem a ideias que são inculcadas na criança, desde muito nova, nas sociedades, e que quase sempre procuraram inferiorizar as mulheres e tudo o que se refere ao doméstico, para subordiná-los ao poder masculino. Entretanto, há sempre a possibilidade de se resistir a essas concepções machistas. As fotos que vimos até aqui e as que veremos adiante

parecem de alguma forma mostrar mulheres não necessariamente submissas aos seus maridos, ainda que fosse um mundo fortemente machista.

14º slide:



Família de imigrantes japoneses, São Paulo, s/d. Arquivo do Museu Histórico da Imigração Japonesa. SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4.

Família Paspis. Imigrantes gregos pelo comitê Intergovernamental para Migrações europeias. S/l. 1952. Arquivo Artur Hehl Neiva. Rio de Janeiro. FGV/CPDOC.

Família libanesa antes de partir para o Brasil. Trípoli, 1956. PINTO, Paulo Gabriel. *Árabes no Rio de Janeiro. Uma identidade plural*. RJ: Cidade Viva, Instituto Cultural Cidade Viva, 2010.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Este slide retrata o caso das fotos de imigrantes: dos que já estavam estabelecidos (primeira foto) e dos que estavam vindo para o Brasil (segunda e terceira fotos). A primeira foi tirada em São Paulo, a segunda, em algum lugar da Europa, provavelmente na Grécia, e a terceira, em Trípoli, Líbano. Embora não tenhamos informação de data da primeira foto, ela foi, assim como as outras, tirada neste período de início até meados do século XX. As próprias indumentárias e pose nas fotos nos possibilitam deduzir muito da época. Em todas as fotos, a mulher tem um papel central. Interessante mostrar que na terceira foto a mãe aparece sem marido, o que pode nos indicar as hipóteses de que, ou ele já teria vindo para o Brasil antes, ou porque já teria morrido.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

A primeira foto, com imigrantes japoneses, provavelmente foi tirada em estúdio, pois o cenário parece ser composto por papel de parede, atrás da família. Isto nos dá uma pista de que, mesmo que não fosse mesmo uma família rica, interessa-nos, entretanto, o que ela certamente pretende transmitir com esta foto pomposa aos que ficaram em sua terra natal: a ideia de riqueza, orgulho e sucesso. Sendo assim, cabe a pergunta aos alunos: *qual a mensagem que esta fotografia, muito provavelmente feita em estúdio, pretende transmitir? Para quem vocês imaginam que esta mensagem estaria sendo feita?* Já a segunda e a terceira são fotos tiradas em departamentos governamentais, como documentos de registro de entrada e de saída, para se ter controle dos que imigravam e dos que emigravam (é o caso dessas duas fotos) de seu país de origem. Todas as fotografias foram tiradas por fotógrafos profissionais, ainda que não saibamos quem eram esses fotógrafos. A primeira foto encontra-se no arquivo do Museu Histórico da Imigração Japonesa, e foi usada na coleção *História da Vida Privada no Brasil* (SCHWARCZ, 1998) A segunda foto encontra-se no arquivo de Artur Hehl Neiva, na Fundação Getúlio Vargas, no CPDOC. Quanto à última, não temos informação sobre onde se encontra guardada, mas sabemos que foi utilizada no livro “Árabes no Rio de Janeiro. Uma identidade plural”.

Famílias em fotografias do final do século XX e início do XXI

15º slide:



Maria Thereza Goulart e João Goulart em exílio no Uruguai, anos 1960. Arquivo João Goulart, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV.

Este slide pretende dar abertura para a mudança que virá nas formas de se conceber a fotografia no Brasil, com a chegada das máquinas portáteis, inspiradas na Kodak.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Para início de conversa, o professor deve perguntar: *quem é esse casal? Já ouviram falar algo deles?* São figuras públicas em situação do cotidiano doméstico. Não é algo comum ver fotos de personalidades de expressão política, como João Goulart, em situações corriqueiras do dia-a-dia. Maria Thereza Goulart aparece fotografando seu esposo, João Goulart, ex-presidente do Brasil. Foi tirada nos anos

1960, após o golpe militar de 1964, que depôs João Goulart do poder e lhe obrigou a se exilar no Uruguai com sua família. Ou seja, esta fotografia é interessante porque pretende transmitir uma ideia de sensibilidade, leveza e tranquilidade, a despeito de todo um momento extremamente crítico para a vida política brasileira.

Este é um momento extremamente importante, por introduzir a máquina portátil, de fácil manuseio e com preço acessível às pessoas. A foto foi tirada em local aberto, sem aquela rigidez que aparecia nas fotos anteriores. O professor aqui poderá lançar a pergunta: *“O que essa foto nos mostra em termos de como as famílias vão ser fotografadas a partir de meados do século XX em diante? Alguém arriscaria um palpite?”*

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Certamente foi um fotógrafo profissional que tirou a foto. Pois a qualidade da foto e a técnica utilizada para registrar o instantâneo daquele momento simples, porém único, já nos dão importante pista. Trata-se de uma foto que foi digitalizada e encontra-se no acervo do CPDOC/FGV, no arquivo João Goulart.

16º slide

“A difusão do retratismo de caráter amador, por volta dos anos 30 (...) correspondeu paulatinamente à diminuição das prerrogativas [atribuições] do fotógrafo profissional. Este não deixou de ser contratado para documentar os momentos mais solenes da vida familiar, no entanto as situações mais informais passaram à alçada de algum membro da família” (SCHAPOCHNIK, 1998, p.471)

“(...)No início do século XX, já era possível contar com as indústrias Kodak e a máxima da fotografia amadora: “You press the botton, we do the rest” (MAUAD, 1996, p. 8-9)

Estes trechos, de autores diferentes, porém com ideias que se completam, pretendem situar o aluno, fazendo-o perceber que estamos agora num momento de forte transição, em direção a uma popularização das máquinas fotográficas. Devido à incisiva difusão das máquinas portáteis no Brasil, ocorrida após meados do século XX. Finalmente chegavam, com força, ao Brasil novas tecnologias que revolucionaram a fotografia – inicialmente desenvolvidas pelas indústrias Kodak–, como o filme para revelação e as máquinas de fácil manuseio e portabilidade, que no exterior já eram populares há muitos anos.

17º slide:



A famosa câmera Leica equipada com o flash externo. Fabricada em 1933, na Alemanha. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Olympus Trip 35. A câmera mais utilizada pelos amadores nas décadas de 70 e 80 no Brasil. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Polaroid One Step. Ano de Fabricação: década de 1990, nos Estados Unidos. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Câmera em estilo Lambe-Lambe ao lado de uma máquina portátil. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

Slide que pretende explorar a percepção estética do aluno. Cabe ao professor principalmente chamar a atenção para a foto maior, situada no canto à direita. Ela resume muito bem a mensagem principal que se quis construir junto ao aluno: houve uma forte compactação das máquinas fotográficas, inspiradas nas câmeras da Kodak. Agora, várias marcas vendem suas câmeras a um preço mais acessível ao grande público. Além disso, as lojas da Kodak passaram a fornecer tanto o rolo de filme como também a sua revelação, de modo bastante simples e barato. Observa-se também o flash, que nas máquinas mais populares virá agora embutido dentro da máquina, e não mais destacado, como nas máquinas profissionais. Isto é percebido tanto na máquina Olympus como na Polaroid. A Polaroid, nos anos 90, vai trazer a possibilidade da revelação instantânea das fotos, coisa que antes só se dava nas enormes máquinas de estilo Lambe-Lambe, mostradas anteriormente, as quais funcionavam como uma espécie de minilaboratório de revelação.

18º slide:



Família da Favela de Heliópolis, SP, anos 1960. Foto: Juca Martins/ Pulsar. HAMBURGER, Esther. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano". In NOVAES, Fernando A.(dir.); SCHWARCZ, Lilia M. (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Neste slide, vemos um casal muito pobre com sua família, toda posicionada ao canto da sala da casa. Uma família moradora da favela de Heliópolis, em São Paulo, cuja mobília da pequena sala é modesta e revela muita simplicidade na decoração. A foto foi tirada nos anos 1960. Podemos perceber que o elemento da pobreza dá o tom da foto, revestida de uma religiosidade católica, evocada pelos elementos destacados na parte superior da parede. Importante destacar aqui o elemento da cor, pois a família é constituída por pessoas negras.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Esta é uma foto tirada em máquina portátil analógica pelo fotógrafo Juca Martins, da agência Pulsar. É uma foto para fins jornalísticos. Revela toda uma intenção de mostrar os aspectos da moradia e das formas de viver de uma família da

periferia de São Paulo. Não possuímos informação sobre onde a foto encontra-se arquivada. Basicamente só sabemos que ela se encontra impressa na coleção *História da Vida Privada no Brasil*, no artigo “Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano”, de Esther Hamburger (1998). Esta coleção aborda vários aspectos sociais da história do Brasil a partir da vida doméstica.

19º slide:



No verso: “Ao casal José Pinto Osório, como recordação das suas Bodas de Ouro, oferece ao distinto casal, Governador, 2/7/1960. Etelvania e Antonio Machado”. Acervo pessoal do autor.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Temos muito poucas informações sobre esta foto. No entanto, é uma boa fotografia de família, por meio da qual podemos ver um distinto casal, “Etelvania e Antonio Machado”, comemorando suas bodas de ouro, rodeado de muitos parentes e de pessoas ligadas à igreja. O padre situa-se no centro, atrás do casal, no patamar mais alto da escada. A foto foi tirada, provavelmente, em frente a uma igreja (católica) no ano de 1960. Cabe perguntar: *vocês saberiam dizer algo que esta família tenha em comum e algo que ela tenha de diferente em relação à outra, do slide anterior?* O elemento religioso une essas fotos e o elemento sócio-racial as distingue claramente.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Na foto acima observa-se um amarelado do tempo. Ela possui um verso que podemos visualizar (basta o professor dar mais um *enter*, para que a foto gire e possamos visualizar a parte de trás). Cabe ao professor chamar atenção do aluno para que observe atentamente esse verso, onde há uma dedicatória aos destinatários, caros amigos de Etelvania e Antonio. A ocasião é altamente ritual, pois, certamente a foto foi tirada após a missa em celebração das bodas de ouro do casal de idosos; algo raro e que pode ser comemorado por uma família já com netos e até bisnetos.

Tal foto pertence ao arquivo pessoal do autor e foi comprada na Feira de Antiguidades, na praça XV, Centro do Rio. Isso evidencia que ela foi dada de presente e, talvez, seu proprietário a tenha vendido, indo ela acabar na Feira, e sendo então comprada com objetivos de compor este material didático sobre fotografias de famílias, que você, caro professor, está usando nesse momento. Portanto, uma sucessão de finalidades que está muito longe da intenção original de sua produção. Interessante fazer o aluno notar que esta foto é, portanto, de natureza bastante diferente da que vimos anteriormente e que foi usada na coleção *História da Vida Privada no Brasil* (SCHWARCZ, 1998). Aquela, como vimos, foi produzida e consumida com a mesma intenção. Já esta foto das bodas de ouro foi produzida com um fim, mas então, percebemos que ocorreram vários usos, bastante distintos entre si, inclusive tendo se transformado em mercadoria de uma feira, cujos feirantes se dedicam a comercializar objetos antigos.

20º slide

Com a popularização das fotografias, houve também uma maior necessidade de organização cronológica das fotos da família através dos álbuns. Eles se tornam lugares da memória familiar.



Álbum de família antigo.
<<http://anacaldatto.blogspot.com.br/2011/09/antigo-album-de-foto-scrapbook.html>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Álbum de família antigo.
<http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-679859452-album-de-fotografia-antigo-com-251-fotos-de-familia-no-rio-_JM>. Acesso em: 4 jul. 2016.

Slide bastante elucidativo que nos mostra o quanto a popularização das máquinas e das fotografias proporcionaram, como consequência direta, a difusão dos álbuns de família. Pois é uma forma estratégica das famílias conseguirem uma organização cronológica e afetiva de sua memória, através das várias fotos que agora tiravam nas suas próprias câmeras, muitas vezes. Assim, é importante salientar para o aluno que os álbuns de família, antes, eram símbolo de status, porque muito caros, e, portanto, muito mais restritos às casas das famílias aristocratas e burguesas.

21º slide



Casamento Kuikuro, Parque Indígena do Xingu (MT). 1978. Fotógrafo: Milton Guran. GURAN, Milton. *Filhos da Terra*. Rio de Janeiro: Centro Cultural dos Correios, 2013, p. 39.

Festa de casamento de Marli e Miguel. S/l. Anos 80. CASTILHO, C. "Casamento antes e hoje". *Noivas.net*. 09/02/2012. <<http://www.noivas.net/2012/02/09/casamento-antes-e-hoje/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

Casamento de Vinicius de Moraes com Gesse Gessy, celebrado em terreiro de candomblé. Salvador, 1973. *O Globo*. "Vinicius de Moraes em pilulas I: mulheres, amigos, diplomacia e jornalismo": 13/10/2013. <<http://oglobo.globo.com/cultura/vinicius-de-moraes-em-pilulas-mulheres-amigos-diplomacia-jornalismo-10349865>>. Acesso em: 04/07/16.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Slide que apresenta o ritual do casamento sendo praticado por algumas das mais diversas culturas existentes dentro do Brasil. Percebe-se isso pela indumentária, os cenários, os tons de pele das pessoas, tudo remetendo a um país repleto de muitas formas religiosas de casamento. A escola, infelizmente, ainda se mostra um ambiente muito hostil à diversidade, principalmente em relação aos jovens adeptos de religiões de raízes africanas (CAPUTO, 2012). Sendo assim, temos três fotos que procuram justamente provocar a quebra de preconceitos e estereótipos entre os alunos. No sentido horário temos: o casamento nos moldes cristãos tradicionais, de Marli e Miguel; em seguida, um casamento Kuikuro; e por fim, o casamento do poeta Vinicius de Moraes com Gesse Gessy, celebrado em terreiro de candomblé. Interessante o professor dizer que, embora o Candomblé seja uma religião majoritariamente frequentada por pessoas negras, da classe popular, contudo, ela também é frequentada por pessoas de outras cores, pertencentes a outros grupos sociais, como o caso do reconhecido poeta Vinicius de Moraes. Cabe então a pergunta: vocês

saberiam dizer uma característica que se repete entre os três rituais de casamento das fotos, e uma característica que faça os rituais das fotos distinguirem-se entre si? Todas as cerimônias ocorreram entre final dos anos 70 e início dos anos 80.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Todas foram tiradas por profissionais com máquinas portáteis analógicas. Já existe a possibilidade de se revelar em cores, como se percebe na primeira foto. Entretanto, os demais fotógrafos preferiram o preto e branco. Na primeira, o fotógrafo é provavelmente de uma agência voltada para a venda desse tipo de serviço especializado em fotografias de casamento e outras festividades; na segunda é um reconhecido fotógrafo brasileiro, Milton Guran (**vide verbete**), que naquele momento se dedicava a capturar rituais indígenas de tribos do Xingu; na terceira, um fotógrafo jornalista (ou fotojornalista), da agência *O Globo*, é quem tira a foto, com a intenção de revelar para a grande mídia um momento marcante da vida íntima de uma grande personalidade da vida pública brasileira, como Vinícius de Moraes. A primeira foto encontra-se guardada em arquivo pessoal e foi digitalizada e disponibilizada online através de site dedicado aos assuntos cotidianos das famílias. A segunda encontra-se no livro *Filhos da Terra* (GURAN, 2013), escrito pelo próprio Guran, mas também em arquivo próprio do fotógrafo, que o disponibilizou online para vários sites de notícias e entretenimento. A terceira pertence ao arquivo da agência *O Globo* e foi também utilizada no site oglobo.globo.com.

22º slide

Júnior brincando em casa. Niterói (RJ). Anos 70. Acervo pessoal do autor.



Cleide assoprando vela de aniversário. Interior de SP. Anos 80. SOUSA, Cleide. "Infância, Coisa Boa!!!" *Colcha de Retalhos*. 25/05/2011. <<https://cleidescully.wordpress.com/2011/05/25/infancia-coisa-boa/>> Acesso em: 4 jul. 2016.



Murilo recebendo presente de Natal da prima Priscila em sua casa. Cacheira Paulista (SP). 1994. Acervo pessoal do autor.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Neste slide, temos algumas fotos de crianças, do Rio de Janeiro e de São Paulo, nos anos 80 e 90. A menina Cleide (foto da esquerda), com seu laço rosa no cabelo, assopra a vela de aniversário. Um tipo de foto bastante comum de se tirar, pois refere-se a um ritual, do aniversário, ocasião, portanto, muito propícia a se fotografar. A mesma coisa podemos dizer de Murilo (canto inferior direito), que foi fotografado ganhando o trator amarelo de presente de Natal, pois esta é outra ocasião ritual propícia às fotografias. Observamos também Junior (canto superior direito), que brincava com seu boneco de herói infantil, quando então, de repente, envolve pescoço do cachorro com um terno abraço, para tirar a foto, numa pose que consegue capturar um misto de afeto, inocência e espontaneidade. Interessante notar como desde a tenra infância já se incutem valores de masculinidade e de feminilidade através de coisas tão singelas, como a cor de um acessório em destaque (laço rosa), ou pelo tipo de brinquedo que se ganha dos adultos (boneco de herói/trator). O professor pode

então fazer uma pergunta sugestiva: *quais brinquedos, na opinião de vocês, a menina ganhou no seu aniversário? Como é possível imaginarmos isso?*

As poses, capturadas em movimento, são, contudo, o que mais salta aos olhos. Cabe também a pergunta: *Vocês se lembram como eram aquelas fotos de crianças do início do século? Vocês saberiam dizer por que agora se tornou possível tirar esse tipo de foto de meninos e meninas em movimento?*

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

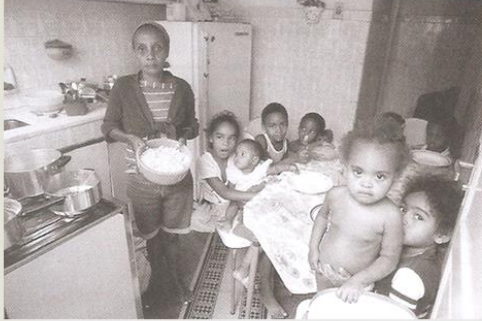
São fotos que, pela primeira vez nos slides, foram tiradas por fotógrafos amadores, com suas máquinas portáteis em punho. O elemento cor agora é predominante nas fotos, e realça os elementos evocados pelo mundo infantil. Estas fotos pertencem aos arquivos pessoais dessas famílias. A foto de Cleide foi também apresentada em um blog da internet, o *Colcha de Retalhos*, cujo título da matéria foi: “Infância, Coisa Boa!!!”. Neste blog, Cleide Sousa (2011) discute variados tipos de assuntos através de suas matérias, que abrangem um pouco de cultura pop, artes, cinema, literatura e curiosidades do cotidiano.

23º slide

“Cenários e atitudes específicas compõem, em cada época, o ambiente da criança. Nas fotos antigas, são brinquedos, bonecas, carrinhos e arcos que dão o tom adequado à infância. É com o arco na mão que o menino de terno e gravata prova sua meninice dentro da formalidade da pose. Hoje, ao contrário, quando a captura do instante passou a ser um valor na fotografia de família, busca-se marcar a infância congelando-a em momentos que expressem liberdade de ação e espontaneidade: nas brincadeiras, nos gestos, nos sorrisos.”
(BARROS; STROZENBERG, 1992, p.60-61)

Slide que confirma muito do que foi mostrado no slide anterior. Isto é, a ideia de que a revolução trazida pelas máquinas portáteis e de fácil manuseio vai instituir um novo marco, baseado em fotos que valorizam o espontâneo das ações.

24º slide



Mulher com seus filhos na cozinha de casa. S/I. Anos 1970/1980. Fotógrafo: Zeca Araújo/ N Imagens. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4.



Avô Iberê e avó Gircea, com seus netos no quintal de casa. Niterói (RJ), 1988. Acervo pessoal do autor.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Duas fotos. Na da esquerda, temos uma mãe, pobre e negra, rodeada pelos seus muitos filhos. Não há informação do local, mas provavelmente é na periferia de alguma cidade. A data situa-se no período dos anos 1970 e 1980, período que também abrange a foto da direita.

Cabe ao professor mostrar que essa foto retrata um outro tipo de situação, que também vem se tornando cada vez mais comum no Brasil: as famílias monoparentais, sobretudo as femininas. Isto é, apenas a mulher criando os filhos, no domicílio. Seja em decorrência do abandono do lar por parte do cônjuge, de sua morte, ou da separação, torna-se chefe exclusiva do lar. Contudo, o professor deve mostrar que as famílias monoparentais, sobretudo aquelas chefiadas por mulheres, geralmente vem associadas a índices maiores de pobreza, sobretudo entre mulheres idosas (MOTTA, 1998, p.78) e negras, que tiveram menos chance no passado de ter participado da força de trabalho e também da educação formal. Mas isso não se dá somente devido à falta do parceiro, mas também pelo fato “de as mulheres-chefes fazerem parte das

camadas populares”, embora este modelo venha se propagando também entre as camadas médias urbanas nos últimos anos (BERQUÓ, 1998). Se na década de 1970, entre as chefes de família, predominava a viuvez, nos anos 1990 em diante o que vai predominar são as separadas, divorciadas, ou mesmo as mães solteiras. Como diz Berquó, mulheres separadas e mães solteiras se dão em maior quantidade entre as mulheres mais jovens, isto é, as que têm menos de quarenta anos (BERQUÓ, 2010, p.431). Para estas, a grande novidade é o fato de estarem sozinhas não mais por algo alheio às suas vontades, como a morte ou o abandono do lar por parte do marido. Muito pelo contrário, estão sozinhas justamente pelo maior poder de decisão que agora, mais do que nunca, as mulheres vão passar a ter.

Uma outra questão interessante é a questão das desigualdades de renda evidenciadas entre, não somente homens e mulheres, mas também entre mulheres/homens brancos e mulheres/homens negros. Pois, como nos informam os dados emitidos pelo PNAD/IBGE (apud FONTOURA; LIMA JR. e CHERFEM, 2015), embora tenha havido na última década uma grande melhora no combate à pobreza no Brasil, essa questão das desigualdades entre gêneros e raças permanece quase sem alteração alguma, chegando ao ano de 2010 sem grande alteração.

Com relação à foto da direita, temos uma família de classe média, com dois avós rodeados por seus cinco netos, de suas duas filhas. Essa foto nos chama a atenção justamente pela ausência dos pais e das mães: eles, os pais e as mães, estão trabalhando fora. Essas mães já haviam conseguido se formar em nível superior, e assim poder contribuir financeiramente na mesma medida que seus maridos. É por isso, não tendo com quem deixar as crianças, torna-se cada vez mais comum a participação dos idosos na criação dos netos. Na medida em que a mulher sai para trabalhar fora, o ambiente doméstico ganha novas dinâmicas, como essa. Sem contar que a expectativa de vida no Brasil vem aumentando muito nas últimas décadas do século XX (NASCIMENTO, 2006, p.14), o que possibilita reais condições de se ter uma convivência entre diferentes gerações, além de um grande protagonismo dos idosos, inclusive no aspecto financeiro, através de suas pensões e rendas extras, para a renda familiar (MOTTA, 1998, p.74). A foto foi tirada em Niterói, RJ, 1988.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

A foto da esquerda foi tirada por Zeca Araújo, um fotojornalista, da agência N Imagens. Portanto, não é exatamente uma foto de família, pois a finalidade para a qual foi produzida são claramente jornalísticas. Ela também foi utilizada na coleção História da Vida Privada no Brasil (SCHWARCZ, 1998), e provavelmente se encontra sob a guarda da agência N Imagens. A da direita, com os avós, esta sim é uma foto de família, haja visto que foi tirada por fotógrafo amador, algum parente próximo, com a finalidade única de simplesmente fazer o registo daquele momento de entrosamento entre avós e seus netos. Aliás, interessante notar, na expressão espontânea das crianças, uma certa contrariedade no momento de tirar a foto, o que expõe muito dessa finalidade exclusivamente familiar da mesma. Ela se encontra guardada em arquivo pessoal do autor.

25º slide

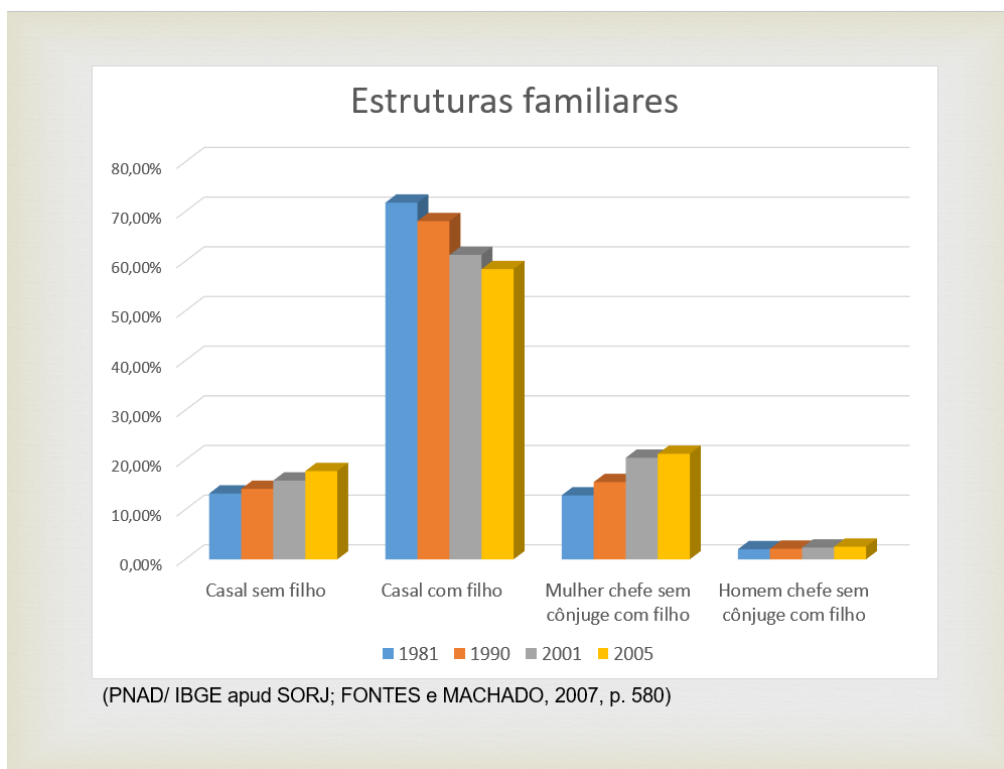


Gráfico que mostra como as estruturas familiares foram se modificando desde anos 1981 até 2005. Claramente o modelo tradicional de casal com filho perdeu

espaço para outras modalidades de família, como o caso de casais sem filho e, sobretudo, as famílias cujo chefe é a mulher, devido a uma série de modificações, conforme veremos no trecho de texto do próximo slide. Impressionante notar como algumas coisas, entretanto, não mudam, como no caso da proporção, quase inalterada ao longo dos anos, de homens que criam sozinhos seus filhos. Isto se explica em parte porque para o homem, conseguir casar-se novamente é muito mais fácil do que para a mulher, devido, principalmente, ao preconceito instituído pela mentalidade machista da sociedade, ainda bastante forte.

26º slide

“(...)as regras parecem ter mudado. O casamento não exprime [como antes] a obediência feminina ao marido, mas a garantia de auxílio mútuo. O casamento não é quase pensado como o ritual da fundação de uma família. Mas casa-se porque se têm filhos. Apresentam-se razões práticas para o casamento: facilitar a vida, oficializar a relação, obter o visto, pagar menos imposto ou dividir o aluguel da casa.” (Evelyne Sullerot apud LEITE, 1991, p.188)

“Dois fatores recentes precipitaram toda essa transformação na organização familiar. O primeiro fator foi a legalização do divórcio, que, no Brasil, virou lei em 1977. O segundo foi o surgimento da pílula anticoncepcional, que garantiu aos homens e às mulheres a alternativa de uma vida sexual desvinculada da paternidade/maternidade.” (NASCIMENTO, 2006, p.11)

Os dois trechos de textos são bem reveladores dos novos valores agora vigentes entre as famílias brasileiras: a ideia da busca pela felicidade orientada pela liberdade individual, acima de qualquer coisa, tal como diz Miriam Moreira Leite:

Hoje, as coisas se simplificaram e se processam mais rapidamente. Uma das fases da aproximação — o noivado (o compromisso) — chegou a desaparecer. E o aumento das separações e desajustes entre casais parece

provir de uma exigência crescente de felicidade como resultado do casamento. De certa forma, continuou-se a pensar no casamento como remédio milagroso para os problemas, quando em muitos casos vai provocar o agravamento deles. A solidão só desaparece quando a pessoa escolhida para o casamento encarna o papel de complemento insubstituível da primeira. Mas não existem diferenças fundamentais entre o casal casado e o não casado. (LEITE, 1991, p. 188).

Ou seja, não mais os valores rígidos, oriundos das antigas tradições religiosas, imperam sobre as pessoas no momento em que decidem se juntar para viverem maritalmente, sobretudo no caso das pessoas que vivem no meio urbano.

Famílias em fotografias feitas após meados do século XX

27º slide:



Índios Kyikatejê-gavião tirando selfie com smartphone. Praia de Marudá, Marapanim (PA). 2014. Foto: Laercio Esteves. ESTEVES, Laércio. *Flickr*. 06/09/14. <<https://www.flickr.com/photos/laercioesteves/15040043308/in/photostream/>> Acesso em: 4 jul. 2016.

Mãe e filho indígenas tirando foto com máquina digital. Praia de Marudá, Marapanim (PA). 2014. Foto: Sidney Oliveira/ Agência Pará. *Uol Notícias*. 04/09/2014. <<http://noticias.uol.com.br/album/2014/09/05/indios-de-15-etnias-participam-da-4-edicao-do-jogos-tradicionais-indigenas.htm#fotoNav=13>> Acesso em: 4 jul. 2016.



Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Em ambas as fotografias, são apresentados indígenas de diferentes etnias dispostos de máquinas digitais, o grande marco desse terceiro e último grupo de fotos, correspondente ao século XXI, propriamente. Na primeira foto, um indígena tirando selfie, com aquele que talvez seja seu filho no colo. Na segunda, uma indígena com uma máquina muito portátil em punho fotografando junto a seu filho também. Os indígenas das duas fotos estão no mesmo local e data, pois encontram-se participando da 4ª edição dos Jogos Tradicionais Indígenas, realizada em 2014, no distrito de Marudá, município de Marapanim, no Pará. Este evento reúne tribos das mais variadas etnias para competições tanto de jogos tradicionais indígenas, na arena

da praia de Marudá, como também dos esportes não tradicionais, como futebol, canoagem e natação, em outros distritos de Marapanim.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Estas fotos apresentam um diferencial: foram tiradas em máquinas digitais de alta definição, por fotojornalistas, Laércio Esteves e Sidney Oliveira, ao capturarem momentos que quebram com o estereótipo comum, baseado no mito do indígena selvagem, e, portanto, alheio a toda e qualquer tecnologia desenvolvida no mundo urbano. Tais fotos encontram-se publicadas nos sites mencionados nos slides, e qualquer pessoa com acesso à internet pode ter acesso a elas, inclusive os próprios indígenas.

28º slide

“Evolução maior veio com a fotografia digital, que revolucionou a arte acerca da revelação, antes algo ainda químico; na quantidade de poses, antes limitada pelo filme; e em algo simples, mas crucial: agora poderíamos ver a foto antes da revelação.

(...)

Hoje em dia quase todos os celulares possuem câmera fotográfica, o que ajudou pesadamente na disseminação da fotografia – só no Brasil, há mais celulares do que habitantes. (...) Essa “viralização” modificou drasticamente a noção de fotografia, afinal, o acesso a uma câmera está cada vez mais barato e sua captação, armazenamento, reprodução e disseminação cada vez mais fáceis, angariados pela internet e suas redes sociais, existindo algumas especializadas em fotos, como o Instagram.”(GUIMARÃES, 2015)

Este slide pretende oferecer informações importantes sobre esse momento novo trazido pela máquina digital. Agora se pode ver de antemão a fotografia, já na

tela da máquina ou do smartphone. Este está plenamente conectado com a internet, o que amplia enormemente a possibilidade de compartilhamento instantâneo de fotos entre muitas pessoas. São tecnologias cada vez mais simples e intuitivas de usar, encontradas por preços ainda mais acessíveis que os das máquinas portáteis analógicas. O elemento do armazenamento sem limite e do compartilhamento imediato, oferecidos pela internet e suas redes sociais, realmente intensificaram enormemente o acesso à fotografia e seus múltiplos usos. Algo inimaginável no século XX.

29º slide



Casamento de Rafael Carpejani Gislaine Cristina Nascimento. Macatuba, 2015. Foto: Padre Fernando Gurson Maróstica. SCHIAVONI, Eduardo. "Padre faz selfie com noivos e igreja tem aumento na procura por casamentos". *UOL*. 22/03/2015. <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/03/22/padre-faz-selfie-com-noivos-e-igreja-tem-aumento-na-procura-por-casamentos.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

Casamento de Karin Godoy e Kaio Murilo no terreiro de Umbanda Cazuá do C.H.A – Caboclo Sete Flechas, em Curitiba. ANTONELLI, Eli. "Ao som de tambores africanos". *Raça Brasil. UOL*. Ed. 188. 2014 <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/160/artigo240610-1.asp/>> Acesso em: 8 jul. 2016.



Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Dois casais de noivos durante suas cerimônias de casamento, ritual que se dá de maneiras diferentes, portanto, de acordo com cada cultura. Conforme observamos tanto nas vestimentas e acessórios religiosos como também no próprio templo em que foi realizada a cerimônia. Rafael e Gislaine casaram-se numa igreja católica da cidade

de Macatuba, SP, ano de 2015. Karin e Kaio casaram-se no terreiro de Umbanda Cazuá C.H.A. – Caboclo Sete Flechas, situado na cidade de Curitiba, PR, s/d.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

São duas fotos obtidas por câmeras digitais. A do canto superior, contudo apresenta baixa nitidez e qualidade. Foi uma *selfie*, através de smartphone, batida pelo próprio padre, durante a cerimônia. Claro, foi tudo previamente combinado entre os noivos e o padre, para que causasse a surpresa que causou entre os convidados na hora em que o padre levantou o “pau-de-selfie”, dando um ar de espontaneidade, aliás, bem característica desse tipo de foto. Já quanto a segunda foto, não se sabe do seu autor, mas provavelmente é um fotógrafo profissional, o que a diferencia, em termos de intenções e da própria qualidade da fotografia. Pois, no primeiro caso, o padre e os noivos desejam descontraír com uma *selfie* feita numa ocasião (noivos no altar) totalmente inusitada para esse tipo de foto. Foi tirada por um fotógrafo amador, por sua vez também completamente fora do habitual (o padre). Já na foto do canto inferior, trata-se de um fotojornalista, cuja intenção era de ilustrar a reportagem de Eli Antonelli (2014) sobre o recente aumento de casamentos feitos em religiões afro-brasileiras. Estas fotos estão localizadas nos sites que aparecem nos slides. Interessante notar que mesmo tendo sido feita por fotógrafo amador, a foto feita pelo padre foi usada, depois, em um site jornalístico de grande circulação, o *UOL*, através da matéria escrita por Schiavoni (2015). Ou seja, este é mais um exemplo de como as fotografias oferecem múltiplas possibilidades de usos sociais, de circulação, muitas vezes assumindo finalidades completamente distintas daquelas para as quais se destinaram no momento de sua produção.

30º slide:



Em sentido horário, a partir da avó Maria Dolores: Nicolas, Fabiana, Leon, Alessandro, Gabriel, Pedro e Gian, o patriarca. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 29, março. 2015.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Observa-se uma família muito grande, com muitos filhos, frutos de relacionamentos desfeitos no passado, e que hoje simbolizam a união de Fabiana com Gian. A família, que já era grande quando Fabiana e Gian começaram a namorar, passa a ser maior ainda, com o nascimento de Alessandro (com 3 anos, no canto superior esquerdo) e Nicolas (com 6 anos, no canto inferior esquerdo), totalizando 6 filhos. Há pessoas de várias faixas etárias, que variam desde os filhos mais novos, até a avó Maria Dolores (84 anos, no centro). Importante fazer o aluno perceber a consolidação dessa questão da convivência de várias gerações, possibilitada pelo aumento na expectativa de vida dos idosos, que vem ocorrendo fortemente desde as últimas décadas. Foi uma foto tirada no Rio de Janeiro, em 2015.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Foto tirada em máquina digital por Fabio Seixo (**vide verbete**), fotógrafo profissional, para a revista impressa *O Globo*, publicada em março de 2015. Mas foi também disponibilizada online, pois esse mesmo artigo da revista foi reproduzido, na íntegra, para o site do jornal *O Globo* <<http://oglobo.globo.com/sociedade/as-novas-familias-1-15728587>>. Interessante notar as intenções imprimidas na foto pelo fotógrafo: o ar de despojamento e de prazer, transmitido pelo cenário, através de uma estética que apela para a improvisação. Como que o próprio cenário fornecendo o tom certo para uma família que surge, meio ao acaso, algum tempo após Fabiana e Gian terem se divorciado de seus antigos cônjuges. Situação, portanto, bem típica dos dias atuais. Portanto, importante o professor enfatizar que não se trata exatamente de uma foto de família (tirada no ambiente íntimo da família por um amador), já que a finalidade para a qual foi produzida foi outra. Ela foi feita para uma reportagem sobre novas famílias, para o Jornal *O Globo*, intitulada “A vida como ela é”.

31º slide:



Joice, com o irmão (à esquerda) e os três filhos. S/L. 2012. Foto: Gabriel de Paiva / O Globo. ALMEIDA, Cássia. "Mulheres já são chefes de família em 37% do lares brasileiros". *O Globo*, out. 2012. <<http://oglobo.globo.com/economia/mulheres-ja-sao-chefes-de-familia-em-37-dos-lares-brasileiros-6438981>> Acesso em: 8 jul. 2016.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Uma mãe, na situação de chefe do lar, com o irmão e seus três filhos. A secretária executiva Joice Hurtado mora sozinha com os filhos. Conforme nos explica a autora do artigo, Cassia Almeida, "Após dois casamentos, que duraram 13 anos ao todo, ela vive hoje com os filhos gêmeos, de 9 anos, e o de 2 anos, de sua segunda união. Além disso, sustenta a mãe, desempregada e sem aposentadoria, e o irmão mais novo, de 20 anos, que recebe salário mínimo como estagiário de Direito.". Mais interessantes ainda são os dados revelados pela matéria, que confirmam o quanto o caso de Joice vem crescendo muito, sobretudo, nos últimos anos: "Assim como avança no mercado de trabalho, a mulher assume cada vez mais o papel de responsável pela família. Em dez anos, sua participação subiu de 22,2%, em 2000, para 37,3% em 2010, de acordo com os dados do Censo 2010, divulgados ontem pelo IBGE. O IBGE traçou um perfil de quem é esse chefe de família. A maioria ainda são mulheres sozinhas com filhos. Nos lares onde a presença feminina é a referência, só 46,4% são casadas. Quando o responsável é homem, o percentual sobe para 92,2%.

Essas proporções eram bem diferentes em 2000. Naquela época, só 19,5% tinham companheiro.” (ALMEIDA, 2012).

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

É uma foto digital, tirada por profissional fotógrafo, em trabalho para jornal O Globo. Portanto, não é uma foto de família comum, já que foi feita para uma reportagem sobre a participação das mulheres nas famílias da atualidade. O fotógrafo foi à casa dessa família, porém ele não foi identificado. Esta foto encontra-se disponível no site do jornal *O Globo*: <http://oglobo.globo.com/economia/mulheres-ja-sao-chefes-de-familia-em-37-dos-lares-brasileiros-6438981>.

32º slide:

Casal com o filho. S/l. 2015. Facebook. <<https://www.facebook.com/jean.wyllys/photos/a.964405480274126.1073741913.163566147024734/965236026857738/?type=3&theater>> Acesso em: 8 jul. 2016.



Eve e Adriano com a filha Yanis. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 25, março. 2015.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Fotos de casais formados por cônjuge negro e branco, que inspiram claramente a questão da diversidade de cores de pele que há no Brasil. Cada vez mais, como

vimos nos slides do segundo grupo em diante, as pessoas vêm optando pela felicidade em primeiro lugar, despojando-se dos preconceitos. Os preconceitos de ordem racial, por exemplo, vêm sendo cada vez mais colocados em xeque, inclusive porque há muitos grupos das chamadas “minorias” sociais, hoje, lutando para um tratamento menos desigual e com mais oportunidades. Na foto do canto superior direito, a mulher negra, com pano enrolado à cabeça (em estilo afro-brasileiro), segura uma folha de papel onde se lê: “Nossa família também existe”. Ela está protestando, através de uma campanha, no Facebook, liderada pelo então deputado Jean Wyllys, que convocava as pessoas a postarem suas fotos de famílias que não se enquadravam nos padrões de família ditados pelo polêmico Projeto de Lei que trata do Estatuto da Família (PL 6583/13), de autoria do deputado Anderson Ferreira (PR-PE), segundo o qual: “define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.”. Trata-se de um Projeto de Lei claramente preconceituoso, sobretudo, contra o público LGBT¹⁸ (o qual veremos a frente), e que inspirou uma luta pela diversidade. Esse projeto de lei visa assegurar a proteção da parte do Estado apenas aos arranjos familiares que se enquadrem nas definições de família propostas pelo Estatuto. No mais, a foto do canto superior não fornece local. Já a foto do canto inferior foi tirada no Rio de Janeiro. São fotos muito recentes, tiradas em 2015.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Tais fotos apresentam algumas diferenças em termos de produção. Pois a do canto superior foi tirada por fotógrafo amador, talvez em câmera de smartphone. A do canto inferior foi mais uma foto extraída da Revista *O Globo*, na mesma matéria (“A vida como ela é”) em que vimos anteriormente a foto da família recomposta, que

¹⁸ LGBT é a sigla mais atual através da qual os movimentos pela diversidade sexual têm nomeado o movimento. Significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. Esta sigla vem sofrendo variação histórica de acordo com as discussões internas que se dão. Antes de ser LGBT, era GLBT, por exemplo. A mudança se deu porque as lésbicas percebiam que ainda havia um tratamento desigual que lhes invisibilizava dentro do próprio movimento. De acordo com a Wikipédia tal mudança na nomenclatura se deu oficialmente em 2008. Ver: LGBT. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>> Acesso em: 10 jul. 2016.

somava seis filhos. Somente na foto do canto inferior esquerdo temos o nome do fotógrafo, porque profissional, Fabio Seixo. Interessante o professor reforçar que essas fotos do Fábio Seixo também estão disponíveis online, no site do jornal *O Globo* <<http://oglobo.globo.com/sociedade/as-novas-familias-1-15728587>>, que reproduziu, na íntegra, toda a matéria da revista. Isto é muito importante de dizer porque reforça a ideia no aluno de que as fotos circulam, ainda mais agora, com o advento da internet e das mídias sociais. No caso da foto do canto superior, encontra-se disponível no site do Facebook, e provavelmente está guardada também no arquivo pessoal do casal.

33º slide:



Lilian e o filho Rafael. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 27, março. 2015.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

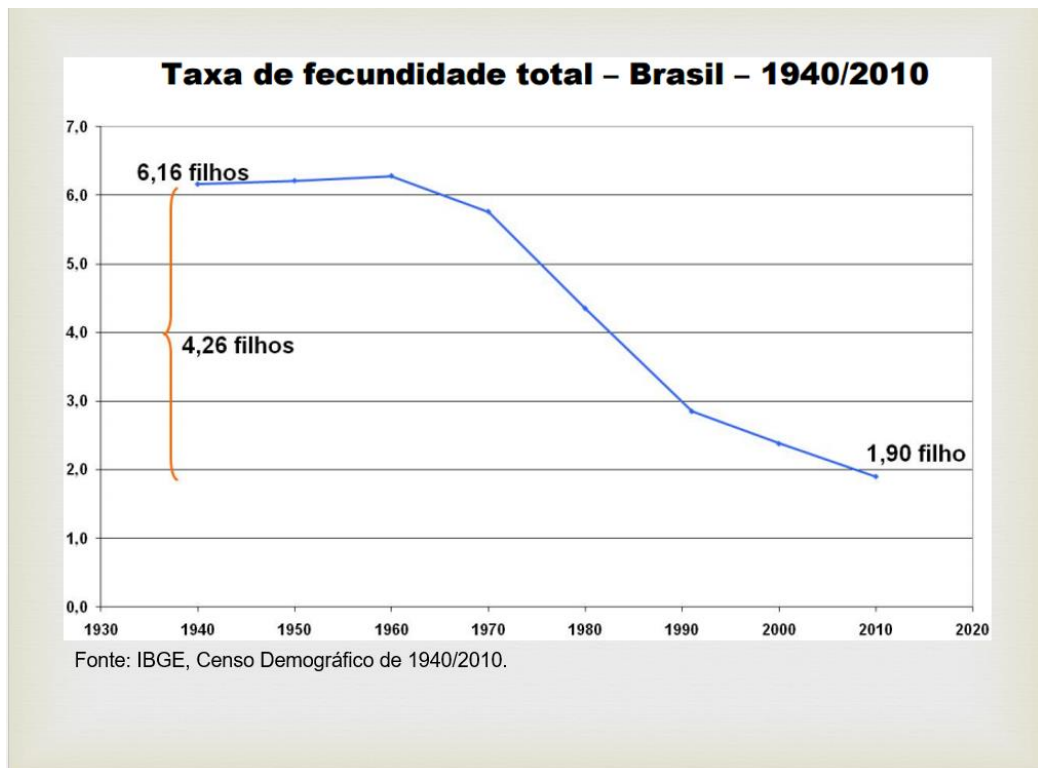
Apenas uma mãe com seu filho ao colo, muito felizes e espontâneos. Trata-se de um caso em que a mãe optou pela inseminação artificial. É um método muito avançado descoberto pela medicina, que permite a inseminação sem o contato sexual, e cujo doador do esperma a ser fecundado no óvulo da mulher fica em

anonimato. Isto é, a família se resume neles dois. A foto foi tirada no Rio de Janeiro, em 2015.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Esta foto foi tirada em máquina digital, mais uma vez pelo fotógrafo Fábio Seixo. Foi usada na matéria, mencionada anteriormente, na revista impressa *O Globo*, e também no site do Jornal *O Globo*: <<http://oglobo.globo.com/economia/mulheres-ja-sao-chefes-de-familia-em-37-dos-lares-brasileiros-6438981>>.

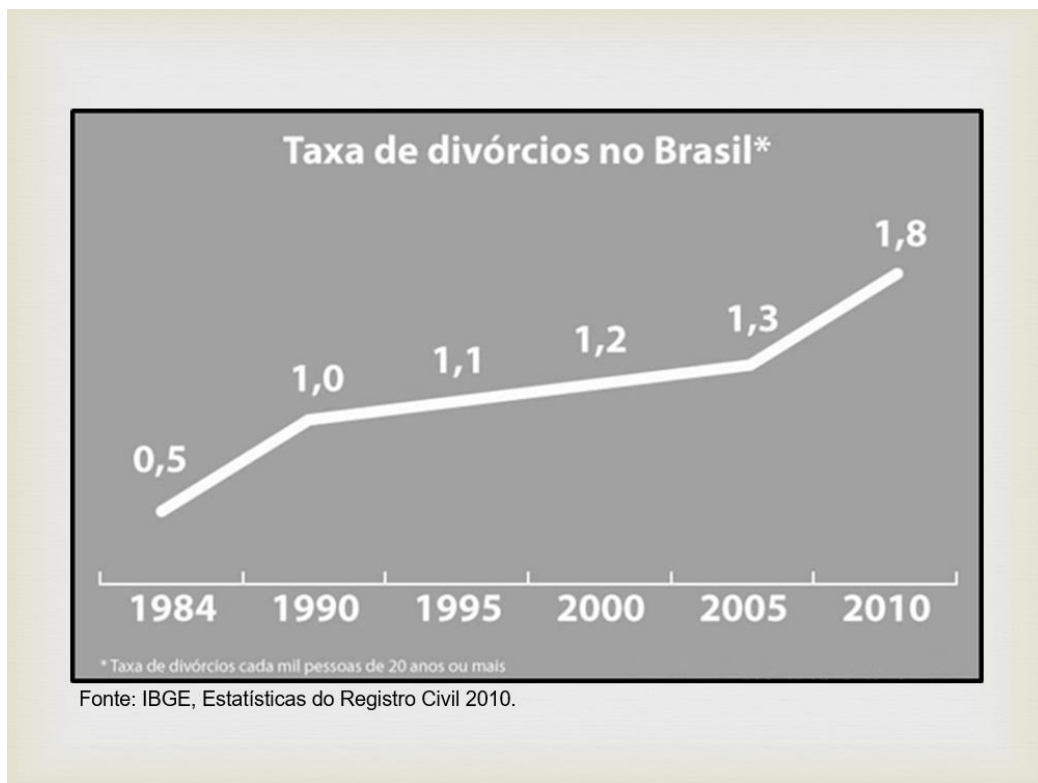
34º slide:



Slide informativo que pretende mostrar muito claramente ao aluno a questão de como cada vez mais as famílias têm menos filhos, como no exemplo do slide anterior. Influindo diretamente na taxa média de fecundidade do Brasil, ao longo das décadas, segundo os registros obtidos pelo IBGE. Conforme falado em slide anterior, alguns elementos impactaram diretamente na taxa média de fecundidade no Brasil,

provocando sua queda, como: o surgimento dos contraceptivos, bem como as razões práticas trazidas pela vida moderna, que mudaram a maneira de se entender o casamento, de maneira geral.

35º slide:



Slide que satisfaz uma pergunta que porventura possa ter o aluno: se a taxa média de fecundidade caiu, por que então algumas famílias nas fotos têm muitos filhos? Justamente porque, como vimos, nessas fotos em que as famílias são grandes, na verdade, elas são “recompostas”, isto é, são composições familiares feitas entre cônjuges que já foram casados anteriormente. Assim, ocorre de muitas vezes haver o somatório de filhos dessas outras uniões anteriores que não deram certo, num mesmo domicílio. Certamente, a lei do divórcio intensificou esse processo de recomposição das famílias. Porque é após a existência dessa lei, em 1977, que as pessoas, principalmente as mulheres, passam a poder oficializar o término da relação malsucedida, e assim se sentirem com maior liberdade e autonomia sobre seus próprios destinos para poderem investir com maior segurança em outras relações futuras.

36º slide:

Fábio com o cachorro Hugo, ao lado do marido, Marcos, e dos filhos, Felipe (à esquerda) e Davidson. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 31, março. 2015.



Casal com o filho. S/I, 2015. *Facebook*.
 <<https://www.facebook.com/jean.wyllys/photos/a.964405480274126.1073741913.163566147024734/965236026857738/?type=3&theater>>
 Acesso em: 8 jul. 2016.

Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

Em ambas as fotos são casais homoafetivos, com filhos adotivos. Interessante que a diversidade se faz notar não somente pela questão da orientação sexual, mas também pela mistura de cores de pele, evidenciadas nos cônjuges e nas crianças adotivas. Fábio, na foto do canto superior, inclusive, segura o cachorro Hugo no colo, como um integrante da família, ao lado do marido Marcos, e seus filhos posicionados atrás. Portanto, são fotos muito expressivas da pluralidade de modelos familiares que há hoje, mais do que nunca, no Brasil. Tal foto foi tirada no Rio de Janeiro, em 2015. Já em relação a foto do canto inferior, não temos informações sobre o local, porém podemos deduzir que estivessem festejando o Réveillon juntos, pelos fogos que estouraram atrás deles. Muito provavelmente ela foi tirada na virada do mesmo ano da campanha do Facebook para a qual foi feita, em 2015, contra o PL que pretende instituir o Estatuto da família. Como já foi visto em outro slide (o 31º), este Projeto de Lei prevê proteção especial do Estado a um modelo de família tradicional em

detrimento de todos os demais que não se enquadram em sua definição do que seria família. Com isso, pretende invisibilizar os demais tipos de famílias que há no Brasil, sobretudo os casais formados pelo público LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros).

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Ambas são fotos digitais. Porém, no caso da foto do canto superior, ela é claramente uma foto profissional, com enquadramento, iluminação, posicionamento, cenário, perfeitos aos objetivos do fotógrafo, de mostrar esses novos modelos de família que vêm lutando para sair da invisibilidade. Talvez por isso o fotógrafo tenha optado pelo fundo preto e uma forte iluminação sobre as pessoas, que, juntos, imprimem um efeito de, digamos, revelação do que antes estava no escuro. Foi mais uma foto tirada por Fabio Seixo para a matéria já mencionada na revista *O Globo*, a qual foi também disponibilizada no site do jornal *O Globo*. Já a foto localizada no canto inferior, não apresenta informações sobre o fotógrafo, se amador ou profissional. Provavelmente, era fotógrafo amador, igual às várias outras fotos, sempre espontâneas, que foram também postadas nessa campanha do *Facebook*, por iniciativa do então deputado federal Jean Wyllys, contra o Projeto de Lei que pretende instituir o tal Estatuto da Família. Isto é, cabe ao professor mostrar ao aluno que são fotos tiradas por pessoas com finalidades completamente diferentes: num caso, é uma foto feita para uma matéria em estilo de reportagem sobre as novas famílias; na outra, trata-se de uma foto com finalidade claramente destinada ao embate político promovido nas redes sociais.

37º slide

**Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?**

Mais uma foto de um casal homoafetivo, desta vez formado por mulheres, que, na ocasião da foto, já viviam juntas há 8 anos, em união estável. Foram o primeiro casal homoafetivo no Rio de Janeiro a conseguir registro de nascimento do filho direto no cartório, sem precisar entrar com recurso na justiça. Elas aparecem com sua filha no colo. As mães compartilham da mesma alegria, intensa, transmitida pelo sorriso da filha, que foi gerada na barriga de Carol, através do método de inseminação artificial com espermatozoides de doador anônimo. O método da inseminação artificial, portanto, viabilizou uma nova forma de geração de filhos, como aconteceu no caso desse casal de lésbicas. Essa foto, assim como as outras tiradas por Seixo (apresentadas em slides anteriores), foi tirada no Rio de Janeiro, em 2015.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

Esta é mais uma foto tirada por Fábio Seixo, em máquina digital. A fotografia, tal como as outras tiradas por Seixo, encontra-se tanto na revista impressa *O Globo*, como também online no site do jornal *O Globo*.

38º slide:



Thammy Miranda e Andressa Ferreira com Gretchen e irmãs Giulia e Valentina. Portugal, 2015. *Instagram* <https://www.instagram.com/thammymiranda/?hl=pt-br>. Acesso em: 8 jul. 2016.

Joana e Ique. Rio de Janeiro, 2015. RODRIGUES, Simone. *Nomes do Amor*. Foto: Simone Rodrigues. <http://www.nomesdoamor.com/galeria/> Acesso em: 8 jul. 2016.



Quem está na fotografia? Onde foi tirada? Quando?

São duas fotografias que apresentam casais formados por um dos cônjuges sendo transgênero. Importante o professor levar o aluno compreender que essas pessoas são exemplos vivos de como gênero é algo que não está determinado pelo sexo genital/biológico de maneira alguma (SCOTT, 1990). Gênero é algo totalmente construído social e culturalmente. Isto é, deve ser entendido como uma identidade relacionada ao que se constitui como masculino e ao que se constitui como feminino, numa dada sociedade. Outro cuidado importante que o professor deve ter: não

confundir gênero (“a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher”) e sexualidade/identidade sexual (“a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais”) (WEEKS apud LOURO, 2010, p.80).

Contudo, a maioria das pessoas pertencentes ao grupo LGBT, por terem construído uma identidade sexual e/ou uma identidade de gênero considerada “anormal” ou “desviante”, já sofreram algum tipo de violência física e/ou simbólica em suas vidas. As pesquisas mostram o quanto são excluídas do ambiente escolar, sobretudo no caso dos transgêneros. Quando jovens, geralmente sofrem *bullying* de todo o tipo na escola, o que pode gerar consequências muito danosas para a autoestima e o aprendizado, impactando diretamente no seu acesso à cidadania. (SEFFNER, 2009).

Na foto da esquerda, é um transgênero bastante conhecido da mídia brasileira, devido ao fato de ser filho da cantora Gretchen. Embora tenha mantido o nome de batismo, Thammy (canto inferior, sentado em frente à mãe), contudo, optou por modificar a sua identidade de gênero, indo do feminino para o masculino. A sua namorada, Andressa Ferreira, está no canto superior segurando, no colo, a irmã caçula de Thammy, Valentina. Atrás dela está Giullia, a irmã do meio, de Thammy. Na foto da direita, observamos Joana e Ique. Joana, assim como Thammy, resolveu trocar de identidade de gênero, mas no sentido oposto, foi do masculino para o feminino. A foto de Thammy e Andressa se deu em Portugal. A foto de Joana e Ique foi tirada no Rio de Janeiro. Ambas foram tiradas em 2015. Cabe ao professor, trazer ao entendimento do aluno que gênero é um elemento marcadamente identitário, portanto, e não algo definido desde o nascimento pela biologia. E o caso dos transgêneros, que incluem as travestis e transexuais, torna-se exemplo que deixa muito clara essa questão de como a valorização da liberdade individual veio a estimular novas experiências identitárias, que, inclusive, têm o poder de transformar o corpo, em busca da felicidade.

Quais os aspectos materiais? Quem tirou a foto? Onde a fotografia encontra-se guardada?

A foto da esquerda foi tirada por um fotógrafo amador em máquina digital comum, provavelmente de smartphone, para ser postada numa conhecida rede social de compartilhamento de fotos online, o Instagram. Já a foto da direita, foi tirada por

Simone Rodrigues (**vide verbete**), fotógrafa profissional, para o seu trabalho, chamado *Nomes do Amor*, publicado na rede online, através do site: <http://www.nomesdoamor.com/galeria/>. Nomes do Amor foi um trabalho artístico, semelhante ao trabalho feito por Fábio Seixo (mostrado em slides anteriores), também com fotografias relativas às famílias constituídas pelo público LGBT.

39º slide:

“Atualmente as famílias são formadas por diversas estruturas: por exemplo, há mães solteiras com seus filhos; pais com filhos adotivos; famílias formadas por casais que já tiveram outros casamentos com filhos e decidiram ter outros filhos dessa união; temos ainda famílias formadas por um casal e um “animal de estimação”... e, também, se questiona se podemos considerar família o solteiro adulto que vive sozinho.

(...) O flagrante da revolução contemporânea, porque passa a população e a família brasileira, se completa com núcleos familiares formados por minorias como os homossexuais (com casamento e adoção de crianças) e por conta das novas técnicas de reprodução (inseminação artificial, doador de esperma, barriga de aluguel, etc.)” (NASCIMENTO, 2006, p.11-12)

Último slide, com trecho de texto bastante elucidativo, escrito por Arlindo Mello de Nascimento (2006). O texto pretende fazer a conclusão da série fotográfica. Por isso, faz alusão à “revolução contemporânea, porque passa a população e a família brasileira”. Aqui, o professor deve então arrematar o raciocínio do aluno com uma pergunta conclusiva: *depois de observarmos, ao longo da história do Brasil, todas as famílias que vimos nas fotografias, podemos ainda dizer que só existe um modelo de família legítimo? Ou que, pelo contrário, não existe, na verdade, um modelo legítimo de família, pois a própria definição do que seria uma família é relativa?*

Verbetes

Augusto Malta:

Fotógrafo muito importante no período que abrange final do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Foi nomeado por Pereira Passos, durante o período das reformas, para registrar, por meio das fotos, os aspectos urbanísticos e arquitetônicos do então distrito federal, a cidade do Rio de Janeiro. Com isso, produziu enorme quantidade de fotografias que relatam a vida cotidiana também, constituindo um acervo de inestimável importância para a compreensão dos elementos sociais da cidade naquele contexto.

Centenário da independência:

Em 1922, ocorreram comemorações pelo Brasil inteiro, celebrando a independência do país e reafirmando a identidade nacional através de uma memória oficial de fatos e personalidades tidos como importantes para a nação. Sendo assim, a expedição da Comissão Rondon de 1922 esteve imbuída desse contexto propício a que se realizasse esse encontro com as origens, representado pelo elemento indígena, nesse interior do Brasil que os militares da Comissão naquele momento desbravavam e registravam em fotografias. Inclusive, os esportes também serviram como revitalizadores desta memória, em eventos esportivos de caráter comemorativo, como os Jogos Latino-americanos, ocorridos no Rio de Janeiro, e os Jogos Olímpicos, no Rio grande do Sul. (VICARI & SILVA, 2014)

Comissão Rondon:

A comissão Rondon ficou muito conhecida pelas suas expedições para a instalação e manutenção de linhas telegráficas no interior do Brasil. Eram construídas por militares brasileiros do setor de engenharia e construção do Exército. A Comissão foi financiada pelo governo brasileiro, e chefiada pelo conhecido marechal Rondon, que lhe dá o nome. Essas extensas linhas telegráficas eram instaladas no interior dos atuais

Estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em regiões de fronteira com os países vizinhos. Contudo, a Comissão Rondon também visava um maior conhecimento estratégico da parte do governo sobre essas regiões de fronteiras, bem como sobre suas múltiplas etnias indígenas ali residentes, com as quais essas expedições da Comissão foram se deparando. Assim, negociava-se com essas tribos a instalação, em seus territórios, dessas linhas telegráficas. Encontros esses, por vezes tensos, que eram registrados, através de fotógrafos como José Louro.

Fábio Seixo:

Fábio Seixo é fotógrafo, formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dedicou-se à fotografia comercial e autoral. É professor de fotografia e colabora para várias revistas e jornais brasileiros, como no jornal *O Globo* (2013-2015), realizando editoriais, ensaios e reportagens especiais. Num de seus trabalhos autorais, o *Photoland* – que já teve exposições na cidade do Rio de Janeiro e no espaço no festival Paraty em Foco –, Seixo procurou “refletir de que modo o ato de fotografar se tornou mais importante do que a vivência e como, em uma espécie de compulsão, ganha fôlego no fértil terreno da tecnologia digital.” Também é autor do projeto *Marca-D’água*, “que mostra o impacto das chuvas de 2011 na região serrana do estado do Rio de Janeiro por meio das lonas utilizadas pelos moradores para cobrir as encostas e se proteger”. (GOMBATA, 2013).

José Louro:

Fotógrafo e cinegrafista que participou de expedições muito importantes da chamada Comissão Rondon. Segundo Laura Maciel, ele

(...) documentou em inúmeras fotografias os contatos com os grupos indígenas da região, prestando serviços também para o Serviço de Proteção ao Índio com o registro dos primeiros povos indígenas organizados e, posteriormente, para o Serviço de Inspeção de Fronteiras, tendo participado já na primeira expedição de 1927. Sua produção independente e comercial parece ter se resumido a um único filme – *Nas selvas do extremo Norte*, produção carioca dirigida por Antonio Leal em 1925. (MACIEL, 1998, p.199)

Lindolfo Collor:

Exerceu importantes cargos políticos no período que vai do início até meados do século XX. Foi deputado estadual e federal pelo Rio Grande do Sul. Foi também ministro de estado no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (1930-1932). Participou da Revolução Constitucionalista (1932). Autor de diversas obras, entre as quais, "Garibaldi e a Guerra dos Farrapos" (1938), "Europa 1939" (1941) e "Sinais dos tempos" (1942). (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2009)

Luiz Simões Lopes:

Foi oficial de gabinete na Secretaria da Presidência da República (1930,1937); Presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público-DASP (1938-1945). Foi também presidente da Fundação Getulio Vargas 1944-1992. Presidente, Sociedade Nacional de Agricultura 1960,1979. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2009)

Milton Guran:

Fotógrafo, jornalista e antropólogo brasileiro que ficou conhecido pelo engajamento político de sua obra. Segundo Ana Mauad, Guran consegue reunir uma vasta obra que exemplifica muito claramente o quanto a percepção do olhar do fotógrafo é orientada por suas finalidades presentes, além de estarem diretamente conectadas ao contexto social e político experienciados. Sendo assim,

a sua trajetória profissional pode ser delineada em três tempos: o tempo da política, o tempo dos índios e o tempo dos Agudás, cada qual cobrindo uma forma de visualizar e conhecer diferentes dimensões da experiência social pela fotografia. (MAUAD, 2009).

Nelson de Melo:

Foi militar a maior parte da vida, desde início do século XX. Também assumiu cargos políticos. Em julho de 1924, Néelson de Melo aderiu ao movimento tenentista, participando da tomada do quartel de Quitaúna, juntamente com os tenentes Orlando Ribeiro e Custódio de Oliveira. Após os rebeldes terem ocupado a capital paulista por três semanas, deslocaram-se para o interior do Paraná. Foi nesse período que os rebeldes guerrearam contra as tropas do famoso general Cândido Rondon e foram derrotados. Cumpriu pena de dois anos de prisão, após o que participou da revolução de 30. Em 1932, aliou-se a Vargas, lutando contra a revolução constitucionalista. Anos depois, participou da Segunda Guerra mundial. Ele assumiu várias patentes altas no exército e também importantes cargos na política, nos governos de Getúlio Vargas, de Juscelino Kubitschek e de João Goulart. Apoiou o golpe militar de 1964, tendo sido reformado logo depois, em 1969. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2009)

Otávio Marcondes:

Formou-se em Engenharia Eletrotécnica na França, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em abril de 1955, durante o governo do presidente João Café Filho, foi nomeado ministro da Viação e Obras Públicas, em substituição a Rodrigo Otávio Jordão Ramos. Após o golpe de 1964, foi nomeado presidente da Eletrobrás pelo chefe do governo, o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2009)

Simone Rodrigues:

Fotógrafa e professora de fotografia. Também é pesquisadora, formada em História (UFRJ) e possui Mestrado em História Social da Cultura (PUC-Rio, 1997), com pesquisa e dissertação sobre a Fotografia Moderna no Brasil. Possui vários projetos autorais, como O Corpo Inventado (2003), Olhares Femininos (2011), Caleidoscópicas (2012), dentre outros. Seu trabalho mais atual quis dar visibilidade às chamadas novas famílias (LGBTs), através do projeto Nomes do Amor (2015).

Vincenzo Pastore:

Fotógrafo italiano (1865-1918) que dedicou parte de sua vida à fotografia. Tanto para fins comerciais, no seu estúdio, fotografando as pessoas da alta sociedade; como também para fins de interesse pessoal, nas horas vagas, registrando, de maneira inovadora, as pessoas comuns e os acontecimentos cotidianos das ruas da ainda pacata cidade de São Paulo, durante a década de 1910. Estas pessoas comuns podiam também ser fotografadas em seu estúdio, tal como observamos no exemplo da fotografia destacada para este material. As fotografias da crônica cotidiana que foram tiradas nas ruas da cidade de São Paulo foram, na maioria das vezes, batidas através de uma máquina muito moderna, de pequeno formato, que não necessitava de tripé, como as outras (INSTITUTO MOREIRA SALLES). Isto, portanto, significou uma enorme inovação, pois, como vemos ao longo de todo esse trabalho, para o caso Brasileiro, somente após década de 1930 – sobretudo a partir de meados de século XX –, essas máquinas começam a se tornar comuns, mesmo entre os fotógrafos profissionais.

Referências bibliográficas:

ABREU, Jorge; ANDRADE, Thamyres. “A compreensão do Conceito e Categoria Gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola”, s/d. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_01_2010.pdf> Acesso em: 10 jul. 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Editora Catavento, 2003.

ALMEIDA, Cássia. “Mulheres já são chefes de família em 37% do lares brasileiros”. O Globo, out. 2012. <<http://oglobo.globo.com/economia/mulheres-ja-sao-chefes-de-familia-em-37-dos-lares-brasileiros-6438981>> Acesso em: 8 jul. 2016.

ANHORN, Carmen Teresa Gabriel; COSTA, Warley da. “Currículo de História, política da diferença e hegemonia: diálogos possíveis.” *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 36, n.1, 2011, pp. 187-210. Disponível em <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acesso em: 15 jul. 2016.

BERQUÓ, Elza. “Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica”. *História da vida privada no Brasil*, v. 4, p. 411-437, 1998.

BITTENCOURT; Circe Maria F. “Livros e materiais didáticos de História”. In *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo. Ed Cortez, 2008.

_____. “Livros didáticos entre textos e imagens”. In: _____ (org). *O Saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

BOULOS, Alfredo. *História Sociedade e Cidadania*, vols. 2 e 3, 2013.

BRAICK, Patrícia Ramos & Myriam Becho Mota. *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, vols.2 e 3, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2ª ed., MEC. Brasília, DF, 2016.

CALDATTO, Ana. “Fotos Crianças com seus Brinquedos e bonecas antigas”. *Ana Caldatto*. 20/03/2011. <http://anacaldatto.blogspot.com.br/2011/03/fotos-criancas-com-seus-brinquedos-e.html>Acesso em: 1 jul. 2016.

CASTILHO, C. “Casamento antes e hoje”. *Noivas.net*. 09/02/2012. <<http://www.noivas.net/2012/02/09/casamento-antes-e-hoje/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

CHLAMTAC, Alexia. “Haja casamento...”. *Tribo Fashion*. 29/03/2012. <<https://tribofashion.wordpress.com/category/estilo/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

CHOPPIN, Alain. “História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte”. In *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. *Estudos Feministas*, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 241-282, mai. 2013. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e Geral*, vols. 2 e 3, 2013;

DELGADO, Andréa Ferreira. “Por que pesquisar e ensinar história sob a perspectiva das relações de gênero”. *História e Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História*. Londrina: UEL, v.3, p. 37-45. p.37, 1997.

DIAS, Maria. Odila. L. S. . “Novas Subjetividades Na Historiografia Feminista: Hermenêutica das Diferenças”. *REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS, RIO DE JANEIRO*, v. 2, n. 2, p. 273-285, 1994.

FERNANDES, Elisângela. “Introdução à demografia com os dados do Censo”. *NOVA ESCOLA*. Edição 238, 2010. Título original: Além dos números 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/introducao-demografia-dados-censo-611910.shtml?page=1>> Acesso em: 10 jul. 2016.

FERNANDES, Rubens. “Desconhecidos Íntimos: O imaginário do fotógrafo lambe-lambe”. *Mnemocine*. 2009. Disponível em:

<<http://www.mnemocine.com.br/index.php/fotografia/32-fototexto/166-lambe-lambe>>
Acesso em 28 de jun. de 2016.

FERREIRA, Angela Ribeiro; CERRI, Luis Fernando. “História das mulheres no ensino de História do Brasil: uma análise das abordagens do livro didático”. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1108.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2016.

FONTOURA, Natalia; LIMA JR., Antonio Teixeira e CHERFEM, Carolina Orquiza. “PNAD 2014 – Alterações Recentes no Mundo do Trabalho, segundo marcadores de gênero e raça”. CALIXTRE, André; VAZ, Fábio (Orgs.) *PNAD 2014 - breves análises* 2015. Brasília, 30/12/2015. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/conversaafiada/estudo-pnad-2014-breves-anlises> > Acesso em 28 de jun. de 2016.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). 2009. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/>>. Acesso em 20 de jul. 2016.

GOLDANI, Ana Maria. “As Famílias brasileiras: mudanças e perspectivas”. *Cad. Pesq.*, São Paulo, nº91, p. 7-22, nov. 1994.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. “O Historiador e a fotografia”. *Projeto História*, 24, São Paulo, jun. 2002, pp.9-26. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10610/7891>> Acesso em: 19 jan. 2016.

GRANJEIRO, Candido Domingues. *As Artes de um Negócio: no Mundo da Técnica Fotográfica do Século XIX*. Dissertação de mestrado. Orientadora: Maria Clementina Pereira da Cunha. IFCH/UNICAMP, SP, 1994.

GUIMARÃES, Gustavo. “De invenção do diabo até a selfie: os 176 anos da fotografia”, s/d. In *Capital Teresina*. Disponível em: <http://www.capitalteresina.com.br/noticias/cultura/de-invencao-do-diabo-ate-a-selfie-os-176-anos-da-fotografia-30808.html> > Acesso em: 4 jul. 2016.

GURAN, Milton. *Filhos da Terra*. Rio de Janeiro: Centro Cultural dos Correios, 2013.

HAMBURGER, Esther. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano". In NOVAES, Fernando A.(dir.); SCHWARCZ, Lilia M. (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). "Vincenzo Pastore". RJ.1999. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/vincenzo-pastore/perfil>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

KNAUSS, Paulo. "O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual." *Artcultura - Revista do Instituto de História da UFU, Uberlândia*, v. 8, n. 12, p.97-115, 2006.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira; revisão técnica de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LEITE, Miriam Moreira. "O retrato de casamento". In: *Novos Estudos CEBRAP*, n.29, p. 182-189, mar. 1991.

LGBT. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>> Acesso em: 10 jul. 2016.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes e STROZENBERG, Ilana. *Álbum de Família*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1993.

LOPES, José Carlos Neves. *Memórias Ourinhenses*. 6/03/2011. Disponível em: <<https://ourinhos.blogspot.com.br/2011/03/arte-da-foto-em-estudio-em-ourinhos.html>> Acesso em: 28 jun. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. RJ: Petrópolis, 2010.

MACHADO, Vanderlei e LOHN, Reinaldo Lindolfo. "Gênero e imagem: relações de gênero através das imagens dos livros didáticos". In *Gênero*, Niterói, v.4, n.2, p.119-134, 1. sem. 2004.

MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio – Caminhos, práticas e imagens da 'Comissão Rondon'*, SP, Educ/Fapesp, 1998.

MARIA, Neuza. “GRIOTs’...A História com começo, meio e finalidades...AXÉ!!! Simples assim...#vamos que vamos#”. *Acervo Cultural Afro-Brasileiro (ACAFRO)*. 26/01/2014. <<https://acafroararas.wordpress.com/2014/01/26/74/>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro F. S. “História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”. In: CARDOSO, C.F.S.; VAIFAS; R. (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, p. 401-418, 1997.

MAUAD, A. M. “Milton Guran, a fotografia em três tempos”. *Studium*, n. 28, Inverno 2009. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/28/01.html>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

MAUAD, Ana Maria. *Tempo*. “Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces”. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, p. 73-98, 1996.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 – 2003.

MIRANDA, Anadir dos Reis. “Reflexões Sobre Mulheres, Gênero e Aprendizagem Histórica”. In *Historiæ*, Rio Grande, v. 4, n. 2: 103-114, 2013.

MOTTA, Alda Britto da. “Reinventando Fases: a Família do idoso”. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 29, p. 69-87, jul./dez. 1998.

MUAZE, Mariana. “Por uma micro-história da família”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, julho 2011.

NASCIMENTO, Arlindo Mello de. “População e família brasileira: ontem e hoje”. Trabalho apresentado no XV Encontro de Estudos Populacionais, *ABEP*, realizado em caxambu – MG - Brasil, de 18 – 22 de Setembro de 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_476.pdf> Acesso em: 11 jul. 2016.

OLIVEIRA, Itamar Freitas; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. "Cultura histórica e livro didático ideal: algumas contribuições de categorias rüsenianas para um ensino de História à brasileira". *Revista* v. 21, n. 2, Passo Fundo, p. 223-234, jul./dez. 2014 | Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/view/4298/2824>> Acesso em 10 jul. 2016.

PEDRO, Joana Maria. "Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica". In *HISTÓRIA, SÃO PAULO*, v.24, N.1, P.77-98, 2005

RAGO, Margareth. "Epistemologia Feminista: Gênero e História" in PEDRO, J.M & e GROSSI, Miriam Pillar. (orgs.) *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 1998.

ROCHA, Helenice. "A Narrativa Histórica nos livros didáticos, entre a unidade e a dispersão", *Revista Territorios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, nº3, dez., 2013.

ROCHA, Raquel. "No tempo em que se escreviam dedicatórias nas fotos". *Baba Yaga*.08/05/2013.<<http://babayagamoda.blogspot.com.br/search?q=casamento+>> Acesso em: 4 jul. 2016.

RÜSEN, Jörn. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010.

_____. "O Historiador e o Livro Didático". In *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas (11): 5-24, Abr. 02.

SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". *Revista O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 29, março. 2015.

SAMARA, Eni de Mesquita. "As mulheres, o poder e a família". São Paulo: Marco Zero, 1989.

SCHAPOCHNIK, Nelson. "Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade". In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras. v. 3, p. 457- 489. 1998.

SCHMIDT, BARCA e MARTINS (org.). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: UFPR, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, vol.4, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nem Preto, Nem Branco Muito Pelo Contrário: Cor e Raça Na Intimidade Brasileira". In SCHWARCZ (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, vol.4, 1998.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria de análise histórica". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

SEFFNER, FERNANDO. "Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar". Rogério Diniz Junqueira (organizador). In *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

SILVA, Cristiani Bereta da. "O Saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero nos livros didáticos de história". *Caderno Espaço Feminino*, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.

SILVA, Edlene Oliveira. "Relações entre Imagens e Textos no Ensino de História". *SÆculum – Revista de História* [22]; João Pessoa, jan./ jun. 2010.

SILVA, Gilvan da. "Prisioneiras do esquecimento: a representação das mulheres nos livros didáticos de história". *Dimensões*, vol. 23 – 2009.

SOIHET, Rachel. "História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um debate". In Neuma Aguiar (Org.). *Gênero e ciências humanas - desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. 1ed.Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SOIHET, Rachel. "Introdução". In ABREU, Martha Campos; SOIHET, R. (Orgs). *Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologias*. 1ª. ed. RJ: Casa da Palavra. v. 1. 247p, 2003.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. "Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil: issues and policies in Brazil". *Cad. Pesqui.*, São Paulo , v. 37, n. 132, p. 573-594, dezembro de 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300004&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 07 jun. 2016.

SOUSA, Cleide. “Infância, Coisa Boa!!!” *Colcha de Retalhos*. 25/05/2011. <<https://cleidescully.wordpress.com/2011/05/25/infancia-coisa-boa/>> Acesso em: 4 jul. 2016.

TERUYA, Marisa Tayra. “A Família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas”, s/d. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>> Acesso em 10 jul. 2016.

VAINFAS, Ronaldo; Castro Faria SHEILA de; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos. (Orgs.) *História* (vols. 2 e 3), SP: Saraiva, 2013.

VICARI, Paulo Renato; SILVA, Carolina Fernandes da. “Manifestações esportivas nas comemorações do centenário da Independência do Brasil (1822-1922) no Rio Grande do Sul”. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 485-502, jan./mar. 2014.

VILLA, Simone Barbosa. “Os formatos familiares contemporâneos: transformações demográficas”. *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.4, n.12, p. 02-26, dez. 2012.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. 1ª Edição. Brasília – DF – 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf > Acesso em: 28 jun. 2016.



Flashes de Famílias

Relações de Gênero no Brasil através
de Fotografias (Séculos XX e XXI)

Breno Bersot da Silva (UFF) & Angela de Castro Gomes (orientadora/UFF)



Fotos de Famílias

(primeira metade do século XX)



Nelson de Mello e família. S/L. Anos 1910. Arquivo de Nelson de Mello. Rio de Janeiro. FGV/CPDOC.



A família Jeová de Figueiredo Matos. Dedicatória no verso, endereçada a Regina e Luiz Simões Lopes e a Getúlio Vargas. S/l. 1951. Arquivo Luiz Simões Lopes (LSL). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.



Otaviano e Rosa Marcondes Ferraz com os filhos. Cartão postal. S/L. Década de 1910. Photo Compagnie Belge (Estúdio). Srebnicki, C. de (Fotógrafo). Arquivo Otávio Marcondes (OMF). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.



Aspecto de morro da Favela, atual morro da Providência. Destaque para família na foto. Rio de Janeiro. 1927. Foto: Arquivo Augusto Malta. RJ, Museu da Imagem e do Som (MIS)



Família de moradores do morro da Babilônia. Rio de Janeiro, s/d. Foto: Augusto Malta. SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nem Preto, Nem Branco Muito Pelo Contrário: Cor e Raça Na Intimidade Brasileira". In SCHWARCZ (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4, p.187.



Casal de índios Urumi e filhos. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.



Casal Nambikwára Nenê do rio Juína. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.



O chefe Abaitará e sua família, índios Takuatíb. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.

Os estúdios fotográficos



Homem ao lado do fotógrafo Vincenzo Pastore, no estúdio. SP, 1900. RJ, Instituto Moreira Salles.



Miniatura de estúdio do início do século feita pelo artista turco Ali Alamedy. <<http://photos.com.br/artista-cria-miniatura-de-estudio-fotografico-do-seculo-xx/>>. Acesso em: 1 jul. 2016.



KODAK Folding Pocket Brownie n°2. Modelo: A. Fabricada entre 1894 e 1909 nos EUA. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

As Câmeras



Rolleiflex Original com lentes Carl Zeiss Jena Tessar. Foi fabricada a partir de 1929 e foi a primeira máquina a usar o filme em rolo modelo 120. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rolleiflex>> Acesso em: 1 jul. 2016.

Câmera em estilo lambe-lambe, do início do século XX. <<http://www.camerasantigas.com.br>> Acesso em: 1 jul. 2016.



Os lambe-lambes



Lambe-lambe fotografando na praça.
<<http://visiondigittal.blogspot.com.br>> Acesso em: 4 jul. 2016.



Lambe-lambe fotografando.
<<http://www.fotografiaparatos.com.br>> Acesso em: 1 jul. 2016.

Os lambe-lambes tinham esse nome, principalmente, devido à antiga técnica da ferrotipia, em que se usava a saliva para descolar da chapa a fotografia revelada. Eles foram muito comuns nos anos 20, 30 e 40. Estavam nos locais públicos das cidades tirando fotos a um custo mais acessível aos trabalhadores e à classe média. As fotos tiradas pelos lambe-lambes são bem mais difíceis de serem hoje localizadas, pois geralmente não se encontram nas instituições de guarda de memória. (Boris Kossoy apud FERNANDES, 2009)



Dedicatória: "Para Tia Noemia, Tonheiro e primos uma recordação de Munizinho e Norma. Rio, 8-12-51". ROCHA, Raquel. "No tempo em que se escreviam dedicatórias nas fotos". *Baba Yaga*. 08/05/2013. <<http://babayagamoda.blogspot.com.br/search?q=casamento+>>Acesso em: 4 jul. 2016.



Casal de noivos. Rio de Janeiro (RJ), 1945. CHLAMTAC, Alexia. "Haja casamento...". *Tribo Fashion*. 29/03/2012. <<https://tribofashion.wordpress.com/category/estilo/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Crianças posando para foto. Paraíso, SP, 1923. CALDATTO, Ana. "Fotos Crianças com seus Brinquedos e bonecas antigas". *Ana Caldatto*. 20/03/2011. <http://anacaldatto.blogspot.com.br/2011/03/fotos-criancas-com-seus-brinquedos-e.html>Acesso em: 1 jul. 2016.



No verso:
"À amiguinha Alyde e família para recordação do Xandinho aos 9 meses Em 29/10/936. Alexandre Domingos". Acervo pessoal do autor.



Maria Rita, a “mãe Ritinha de Ogum”, Neuz Maria e Neide Aparecida. Araras/SP. Anos 50. MARIA, Neuz. “GRIOTs’...A História com começo, meio e finalidades...AXÉ!!! Simples assim...#vamos que vamos#”. *Acervo Cultural Afro-Brasileiro (ACAFRO)*. 26/01/2014.

<[https://acafroararas.wordpress.com/2014/01/26/74/](https://acaфроararas.wordpress.com/2014/01/26/74/)>. Acesso em: 1 jul. 2016.



Lindolfo Collor, sua esposa Hermínia Collor e suas filhas: Leda(em pé) e Lígia (sentada). Porto Alegre (RS). 1922. Arquivo Lindolfo Collor. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.



Família de imigrantes japoneses, São Paulo, s/d. Arquivo do Museu Histórico da Imigração Japonesa. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4.



Família Pasis. Imigrantes gregos pelo comitê Intergovernamental para Migrações europeias. S/l. 1952. Arquivo Artur Hehl Neiva. Rio de Janeiro. FGV/CPDOC.



Família libanesa antes de partir para o Brasil. Trípoli, 1956. PINTO, Paulo Gabriel. *Árabes no Rio de Janeiro. Uma identidade plural*. RJ: Cidade Viva, Instituto Cultural Cidade Viva, 2010.



Fotos de Famílias

(após meados do século XX)



Maria Thereza Goulart e João Goulart em exílio no Uruguai, anos 1960. Arquivo João Goulart, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV.



A famosa câmera Leica equipada com o flash externo. Fabricada em 1933, na Alemanha. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Olympus Trip 35. A câmera mais utilizada pelos amadores nas décadas de 70 e 80 no Brasil. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Polaroid One Step. Ano de Fabricação: década de 1990, nos Estados Unidos. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Câmera em estilo Lambe-Lambe ao lado de uma máquina portátil. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Família da Favela de Heliópolis, SP, anos 1960. Foto: Juca Martins/ Pulsar. HAMBURGER, Esther. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano". In NOVAES, Fernando A.(dir.); SCHWARCZ, Lilia M. (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



No verso: “Ao casal José Pinto Osório, como recordação das suas Bodas de Ouro, oferece ao distinto casal, Governador, 2/7/1960. Etelvania e Antonio Machado”. Acervo pessoal do autor.

Com a popularização das fotografias, houve também uma maior necessidade de organização cronológica das fotos da família através dos álbuns. Eles se tornam lugares da memória familiar.



Álbum de família antigo.
<<http://anacaldatto.blogspot.com.br/2011/09/antigo-album-de-foto-scrapbook.html>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Álbum de família antigo.
<http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-679859452-album-de-fotografia-antigo-com-251-fotos-de-familia-no-rio-_JM>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Casamento Kuikuro, Parque Indígena do Xingu (MT). 1978. Fotógrafo: Milton Guran. GURAN, Milton. *Filhos da Terra*. Rio de Janeiro: Centro Cultural dos Correios, 2013, p. 39.

Festa de casamento de Marli e Miguel. S/l. Anos 80. CASTILHO, C. "Casamento antes e hoje". *Noivas.net*. 09/02/2012. <<http://www.noivas.net/2012/02/09/casamento-antes-e-hoje/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

Casamento de Vinicius de Moraes com Gesse Gessy, celebrado em terreiro de candomblé. Salvador, 1973. *O Globo*. "Vinicius de Moraes em pílulas I: mulheres, amigos, diplomacia e jornalismo": 13/10/2013.<<http://oglobo.globo.com/cultura/vinicius-de-moraes-em-pilulas-mulheres-amigos-diplomacia-jornalismo-10349865>>. Acesso em: 04/07/16.



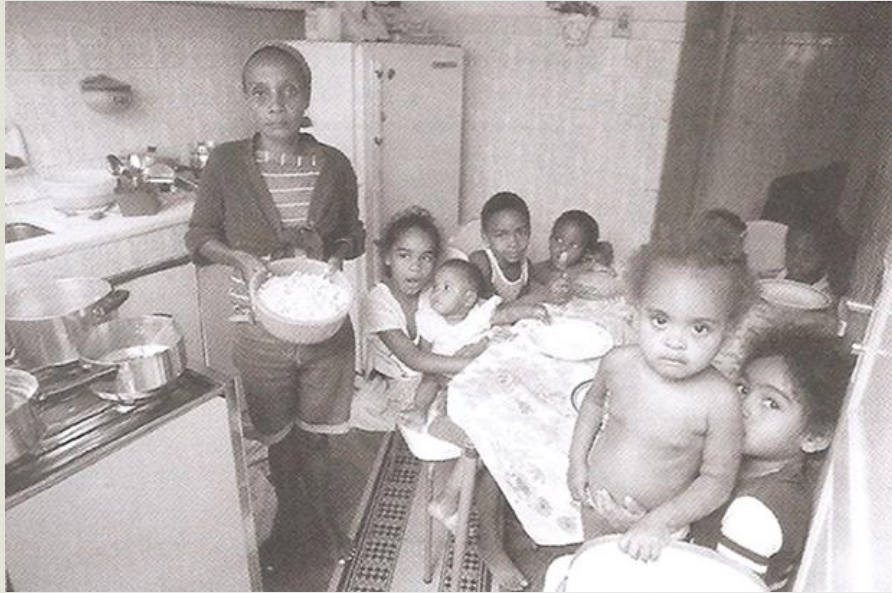
Júnior brincando em casa. Niterói (RJ). Anos 70. Acervo pessoal do autor.



Cleide assoprando vela de aniversário. Interior de SP. Anos 80. SOUSA, Cleide. "Infância, Coisa Boa!!!" *Colcha de Retalhos*. 25/05/2011. <<https://cleidescully.wordpress.com/2011/05/25/infancia-coisa-boa/>> Acesso em: 4 jul. 2016.



Murilo recebendo presente de Natal da prima Priscila em sua casa. Cacheira Paulista (SP). 1994. Acervo pessoal do autor.

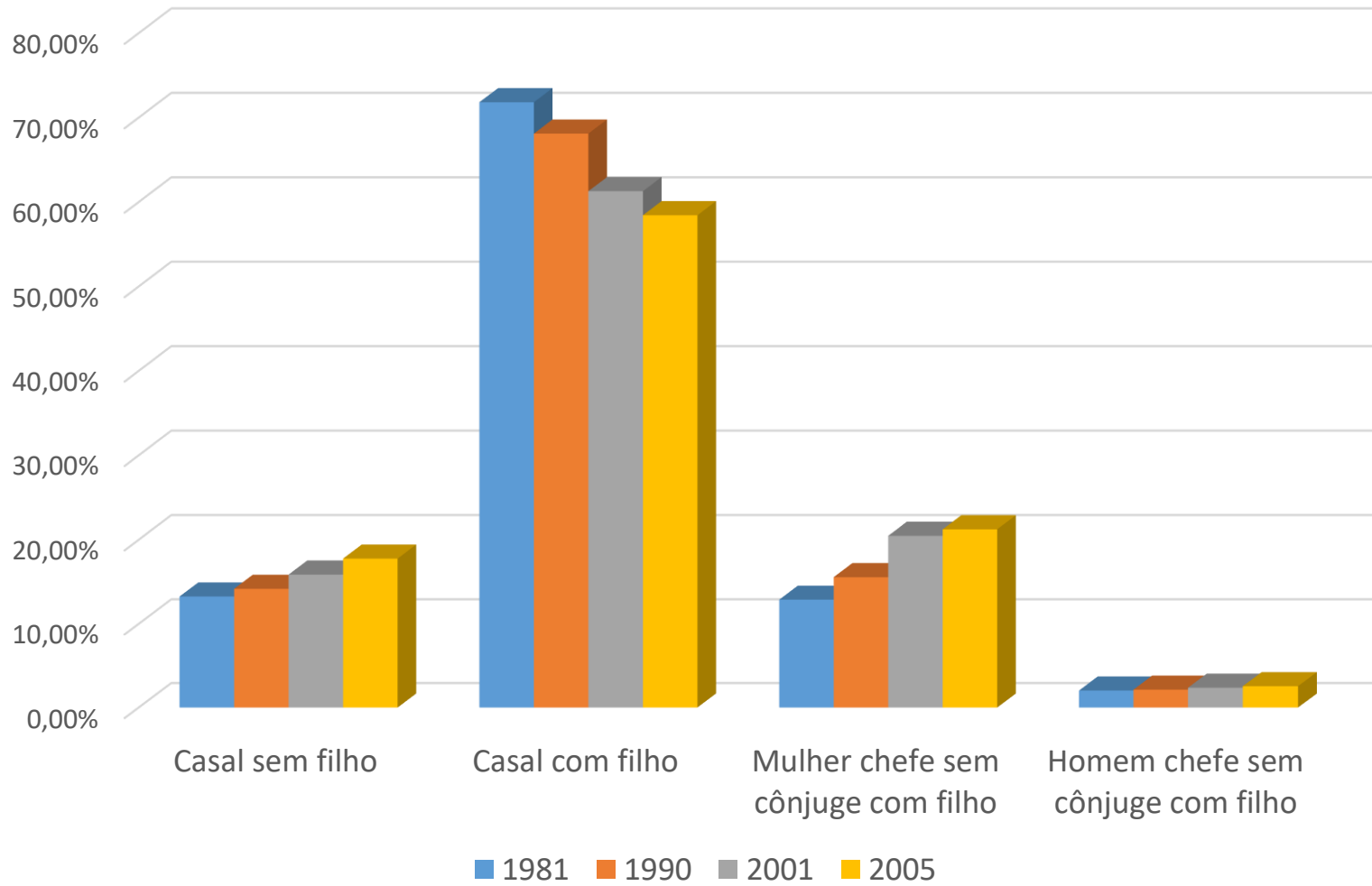


Mulher com seus filhos na cozinha de casa. S/l. Anos 1970/1980. Fotógrafo: Zeca Araújo/ N Imagens. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4.



Avô Iberê e avó Gircea, com seus netos no quintal de casa. Niterói (RJ), 1988. Acervo pessoal do autor.

Estruturas familiares



(PNAD/ IBGE apud SORJ; FONTES e MACHADO, 2007, p. 580)



Fotos de Famílias

(final do século XX e início do XXI)



Índios Kyikatejê-gavião tirando selfie com smartphone. Praia de Marudá, Marapanim (PA). 2014. Foto: Laercio Esteves. ESTEVES, Laércio. *Flickr*. 06/09/14. <<https://www.flickr.com/photos/laercioesteves/15040043308/in/photostream/>> Acesso em: 4 jul. 2016.

Mãe e filho indígenas tirando foto com máquina digital. Praia de Marudá, Marapanim (PA). 2014. Foto: Sidney Oliveira/ Agência Pará. *UOL*. 04/09/2014. <<http://noticias.uol.com.br/album/2014/09/05/indios-de-15-etnias-participam-da-4-edicao-do-jogos-tradicionais-indigenas.htm#fotoNav=13>> Acesso em: 4 jul. 2016.





Casamento de Rafael Carpejani Gislaine Cristina Nascimento. Macatuba, 2015. Foto: Padre Fernando Gurson Maróstica. SCHIAVONI, Eduardo. “Padre faz selfie com noivos e igreja tem aumento na procura por casamentos”. *UOL*. 22/03/2015. <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/03/22/padre-faz-selfie-com-noivos-e-igreja-tem-aumento-na-procura-por-casamentos.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

Casamento de Karin Godoy e Kaio Murilo no terreiro de Umbanda Cazuá do C.H.A – Caboclo Sete Flechas, em Curitiba. ANTONELLI, Eli. “Ao som de tambores africanos”. *Raça Brasil*. *UOL*. Ed. 188. 2014 <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/160/artigo240610-1.asp/>> Acesso em: 8 jul. 2016.



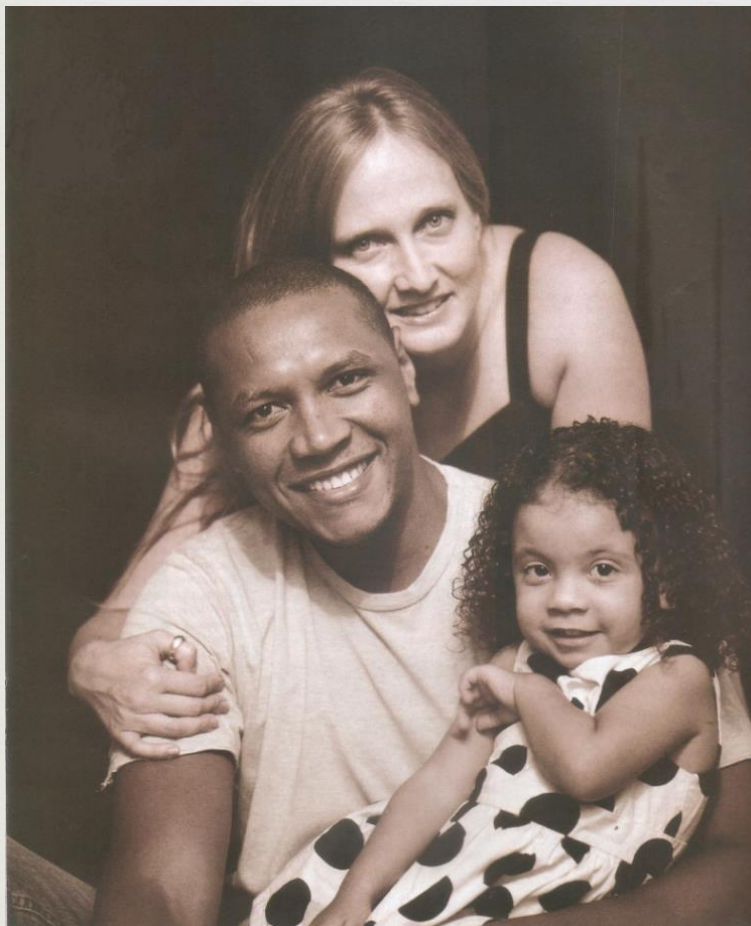


Em sentido horário, a partir da avó Maria Dolores: Nicolas, Fabiana, Leon, Alessandro, Gabriel, Pedro e Gian, o patriarca. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 29, março. 2015.



Joice, com o irmão (à esquerda) e os três filhos. S/L. 2012. Foto: Gabriel de Paiva / O Globo. ALMEIDA, Cássia. “Mulheres já são chefes de família em 37% do lares brasileiros”. *O Globo*, out. 2012.<<http://oglobo.globo.com/economia/mulheres-ja-sao-chefes-de-familia-em-37-dos-lares-brasileiros-6438981>> Acesso em: 8 jul. 2016.

Casal com o filho. S/l. 2015. Facebook.
<<https://www.facebook.com/jean.wyllys/photos/a.964405480274126.1073741913.163566147024734/965236026857738/?type=3&theater>> Acesso em: 8 jul. 2016.

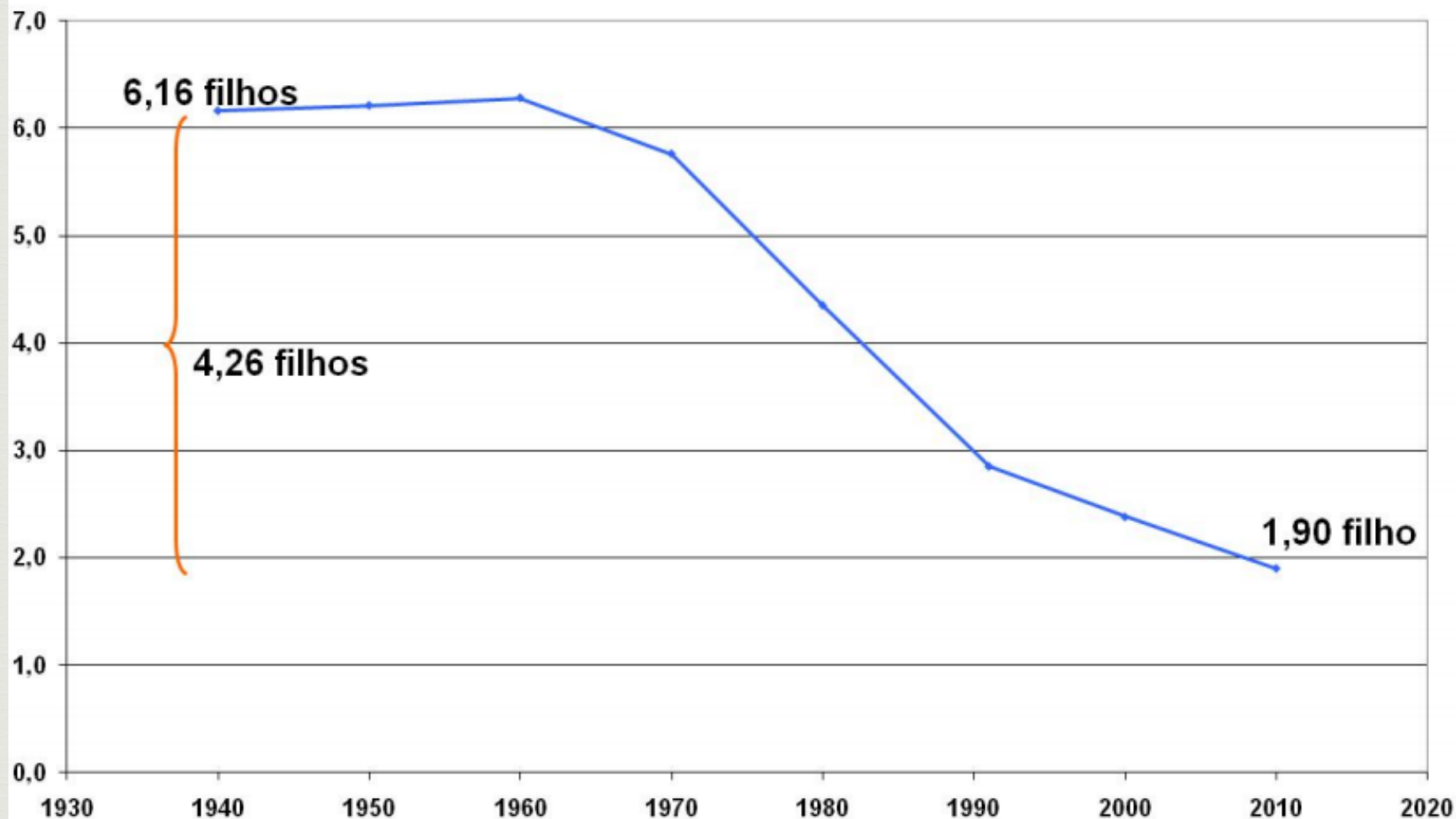


Eve e Adriano com a filha Yanis. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 25, março. 2015.



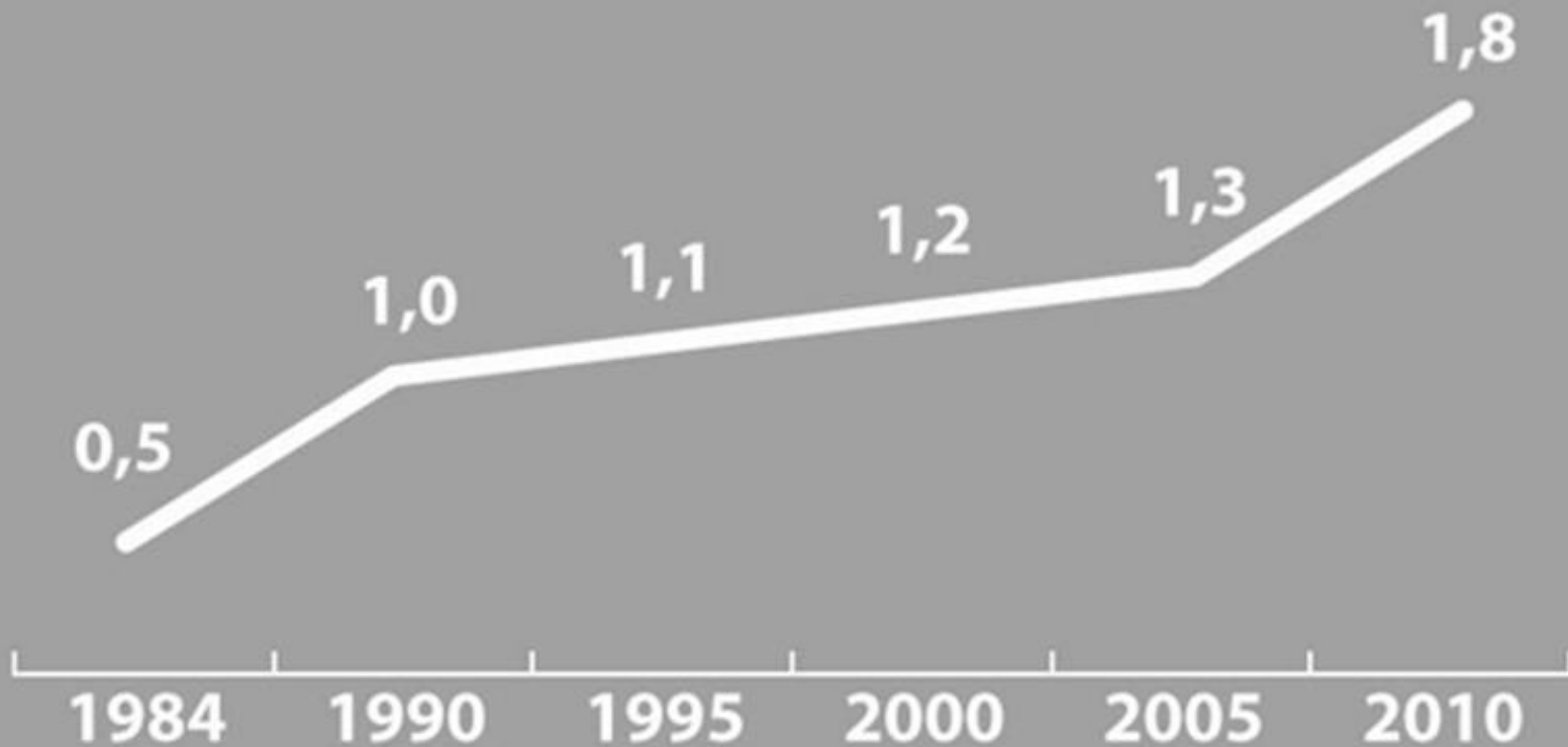
Lilian e o filho Rafael. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 27, março. 2015.

Taxa de fecundidade total – Brasil – 1940/2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1940/2010.

Taxa de divórcios no Brasil*



* Taxa de divórcios cada mil pessoas de 20 anos ou mais

Fonte: IBGE, Estatísticas do Registro Civil 2010.

Fábio com o cachorro Hugo, ao lado do marido, Marcos, e dos filhos, Felipe (à esquerda) e Davidson. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. “A vida como ela é”. Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 31, março. 2015.



Casal com o filho. S/I, 2015. *Facebook*.
<<https://www.facebook.com/jean.wyllys/photos/a.964405480274126.1073741913.163566147024734/965236026857738/?type=3&theater>>
Acesso em: 8 jul. 2016.



Kika Kotta e Carol Machado com a filha Tereza. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 31, março. 2015.



Thammy Miranda e Andressa Ferreira com Gretchen e irmãs Giullia e Valentina. Portugal, 2015. *Instagram* <https://www.instagram.com/thammymiranda/?hl=pt-br>. Acesso em: 8 jul. 2016.



Joana e Ique. Rio de Janeiro, 2015. RODRIGUES, Simone. *Nomes do Amor*. Foto: Simone Rodrigues. <<http://www.nomesdoamor.com/galeria/>> Acesso em: 8 jul. 2016.

VERSÃO COM TEXTOS COMPLEMENTARES



Flashes de Famílias

Relações de Gênero no Brasil através
de Fotografias (Séculos XX e XXI)

Breno Bersot da Silva (UFF) & Angela de Castro Gomes (orientadora/UFF)



Fotos de Famílias

(primeira metade do século XX)



Nelson de Mello e família. S/L. Anos 1910. Arquivo de Nelson de Mello. Rio de Janeiro. FGV/CPDOC.



A família Jeová de Figueiredo Matos. Dedicatória no verso, endereçada a Regina e Luiz Simões Lopes e a Getúlio Vargas. S/l. 1951. Arquivo Luiz Simões Lopes (LSL). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.



Otaviano e Rosa Marcondes Ferraz com os filhos. Cartão postal. S/L. Década de 1910. Photo Compagnie Belge (Estúdio). Srebnicki, C. de (Fotógrafo). Arquivo Otávio Marcondes (OMF). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.



Aspecto de morro da Favela, atual morro da Providência. Destaque para família na foto. Rio de Janeiro. 1927. Foto: Arquivo Augusto Malta. RJ, Museu da Imagem e do Som (MIS)



Família de moradores do morro da Babilônia. Rio de Janeiro, s/d. Foto: Augusto Malta. SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nem Preto, Nem Branco Muito Pelo Contrário: Cor e Raça Na Intimidade Brasileira". In SCHWARCZ (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4, p.187.



Casal de índios Urumi e filhos. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.



Casal Nambikwára Nenê do rio Juína. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.



O chefe Abaitará e sua família, índios Takuatíb. 1922. Foto: José Louro. LASMAR, Denise. *O Acervo Imagético da Comissão Rondon*. RJ: Museu do Índio, 2011.

Os estúdios fotográficos



Homem ao lado do fotógrafo Vincenzo Pastore, no estúdio. SP, 1900. RJ, Instituto Moreira Salles.



Miniatura de estúdio do início do século feita pelo artista turco Ali Alamedy. <<http://photos.com.br/artista-cria-miniatura-de-estudio-fotografico-do-seculo-xx/>>. Acesso em: 1 jul. 2016.



KODAK Folding Pocket Brownie n°2. Modelo: A. Fabricada entre 1894 e 1909 nos EUA. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

As Câmeras



Rolleiflex Original com lentes Carl Zeiss Jena Tessar. Foi fabricada a partir de 1929 e foi a primeira máquina a usar o filme em rolo modelo 120. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rolleiflex>> Acesso em: 1 jul. 2016.

Câmera em estilo lambe-lambe, do início do século XX. <<http://www.camerasantigas.com.br>> Acesso em: 1 jul. 2016.



Os lambe-lambes



Lambe-lambe fotografando na praça.
<<http://visiondigittal.blogspot.com.br>> Acesso em: 4 jul. 2016.



Lambe-lambe fotografando.
<<http://www.fotografiaparatos.com.br>> Acesso em: 1 jul. 2016.

Os lambe-lambes tinham esse nome, principalmente, devido à antiga técnica da ferrotipia, em que se usava a saliva para descolar da chapa a fotografia revelada. Eles foram muito comuns nos anos 20, 30 e 40. Estavam nos locais públicos das cidades tirando fotos a um custo mais acessível aos trabalhadores e à classe média. As fotos tiradas pelos lambe-lambes são bem mais difíceis de serem hoje localizadas, pois geralmente não se encontram nas instituições de guarda de memória. (Boris Kossoy apud FERNANDES, 2009)



Dedicatória: "Para Tia Noemia, Tonheiro e primos uma recordação de Munizinho e Norma. Rio, 8-12-51". ROCHA, Raquel. "No tempo em que se escreviam dedicatórias nas fotos". *Baba Yaga*. 08/05/2013. <<http://babayagamoda.blogspot.com.br/search?q=casamento+>>Acesso em: 4 jul. 2016.



Casal de noivos. Rio de Janeiro (RJ), 1945. CHLAMTAC, Alexia. "Haja casamento...". *Tribo Fashion*. 29/03/2012. <<https://tribofashion.wordpress.com/category/estilo/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

“As despesas com o fotógrafo e o material fotográfico, mesmo em famílias de poucos recursos, passaram a fazer parte do desperdício alimentar e da ostentação dos trajes que marcam a festa do casamento. Os retratos são objetos de exibição e distribuição entre convidados e parentes que não puderam comparecer, desenvolvendo assim uma função integradora[...].E passam a construir a memória da família, fixando lembranças da crônica oral e registrando para os descendentes o grande evento matricial.

Como o retrato deve tornar pública a união, existe uma preocupação que é não só dos noivos, mas das famílias de origem, de produzir um espetáculo para ser apreciado por todos os conhecidos, parentes ou não, para reafirmar que se realizou um "bom casamento“(LEITE, 1991, p.187)



Crianças posando para foto. Paraíso, SP, 1923. CALDATTO, Ana. “Fotos Crianças com seus Brinquedos e bonecas antigas”. *Ana Caldato*. 20/03/2011. <http://anacaldatto.blogspot.com.br/2011/03/fotos-criancas-com-seus-brinquedos-e.html>Acesso em: 1 jul. 2016.



No verso:
“À amiguinha Alyde e família para recordação do Xandinho aos 9 meses Em 29/10/936. Alexandre Domingos”. Acervo pessoal do autor.

“A criança, mais do que qualquer outro personagem, sintetiza, na sua imagem, a imagem da família. Das poses demoradas das fotos antigas às tentativas modernas de captura do instantâneo das emoções, ela aparece sempre como um marco de referência, centro da razão de ser do grupo familiar. Através dela, fala-se simultaneamente de tradição e renovação” (BARROS; STROZENBERG, 1992, p.41)



Maria Rita, a “mãe Ritinha de Ogum”, Neuz Maria e Neide Aparecida. Araras/SP. Anos 50. MARIA, Neuz. “GRIOTs’...A História com começo, meio e finalidades...AXÉ!!! Simples assim...#vamos que vamos#”. *Acervo Cultural Afro-Brasileiro (ACAFRO)*. 26/01/2014. <[https://acafroararas.wordpress.com/2014/01/26/74/](https://acaфроararas.wordpress.com/2014/01/26/74/)>. Acesso em: 1 jul. 2016.



Lindolfo Collor, sua esposa Hermínia Collor e suas filhas: Leda(em pé) e Lúgia (sentada). Porto Alegre (RS). 1922. Arquivo Lindolfo Collor. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC.

“Chama a nossa atenção a figura da mulher-mãe. Nem sempre, no centro do grupo fotografado, sua imagem se sobressai. As rendas dos vestidos claros que nos poderiam trazer a impressão de fragilidade são apenas uma pequena parte do que conseguimos perceber. A mão que pousa sobre o ombro do marido não demonstra submissão. Apoiada no alpendre da casa familiar, com um gesto enérgico, a mulher marca seu espaço no universo familiar. Numa sociedade construída e regida por leis masculinas, a figura feminina demonstra a existência de um poder ditado por outras leis, situado numa área específica e absolutamente fundamental – a vida doméstica.” (BARROS; STROZENBERG, 1992, p.41)



Família de imigrantes japoneses, São Paulo, s/d. Arquivo do Museu Histórico da Imigração Japonesa. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4.



Família Pasis. Imigrantes gregos pelo comitê Intergovernamental para Migrações europeias. S/l. 1952. Arquivo Artur Hehl Neiva. Rio de Janeiro. FGV/CPDOC.



Família libanesa antes de partir para o Brasil. Trípoli, 1956. PINTO, Paulo Gabriel. *Árabes no Rio de Janeiro. Uma identidade plural*. RJ: Cidade Viva, Instituto Cultural Cidade Viva, 2010.



Fotos de Famílias

(após meados do século XX)



Maria Thereza Goulart e João Goulart em exílio no Uruguai, anos 1960. Arquivo João Goulart, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV.

“A difusão do retratismo de caráter amador, por volta dos anos 30 (...) correspondeu paulatinamente à diminuição das prerrogativas [atribuições] do fotógrafo profissional. Este não deixou de ser contratado para documentar os momentos mais solenes da vida familiar, no entanto as situações mais informais passaram à alçada de algum membro da família” (SCHAPOCHNIK, 1998, p.471)

“(...)No início do século XX, já era possível contar com as indústrias Kodak e a máxima da fotografia amadora: “You press the botton, we do the rest” (MAUAD, 1996, p. 8-9)



A famosa câmera Leica equipada com o flash externo. Fabricada em 1933, na Alemanha. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Olympus Trip 35. A câmera mais utilizada pelos amadores nas décadas de 70 e 80 no Brasil. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Polaroid One Step. Ano de Fabricação: década de 1990, nos Estados Unidos. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Câmera em estilo Lambe-Lambe ao lado de uma máquina portátil. <<http://www.camerasantigas.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Família da Favela de Heliópolis, SP, anos 1960. Foto: Juca Martins/ Pulsar. HAMBURGER, Esther. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano". In NOVAES, Fernando A.(dir.); SCHWARCZ, Lilia M. (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



No verso: “Ao casal José Pinto Osório, como recordação das suas Bodas de Ouro, oferece ao distinto casal, Governador, 2/7/1960. Etelvania e Antonio Machado”. Acervo pessoal do autor.

Com a popularização das fotografias, houve também uma maior necessidade de organização cronológica das fotos da família através dos álbuns. Eles se tornam lugares da memória familiar.



Álbum de família antigo.
<<http://anacaldatto.blogspot.com.br/2011/09/antigo-album-de-foto-scrapbook.html>>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Álbum de família antigo.
<http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-679859452-album-de-fotografia-antigo-com-251-fotos-de-familia-no-rio-_JM>. Acesso em: 4 jul. 2016.



Casamento Kuikuro, Parque Indígena do Xingu (MT). 1978. Fotógrafo: Milton Guran. GURAN, Milton. *Filhos da Terra*. Rio de Janeiro: Centro Cultural dos Correios, 2013, p. 39.

Festa de casamento de Marli e Miguel. S/l. Anos 80. CASTILHO, C. "Casamento antes e hoje". *Noivas.net*. 09/02/2012. <<http://www.noivas.net/2012/02/09/casamento-antes-e-hoje/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

Casamento de Vinicius de Moraes com Gesse Gessy, celebrado em terreiro de candomblé. Salvador, 1973. *O Globo*. "Vinicius de Moraes em pílulas I: mulheres, amigos, diplomacia e jornalismo": 13/10/2013.<<http://oglobo.globo.com/cultura/vinicius-de-moraes-em-pilulas-mulheres-amigos-diplomacia-jornalismo-10349865>>. Acesso em: 04/07/16.



Júnior brincando em casa. Niterói (RJ). Anos 70. Acervo pessoal do autor.

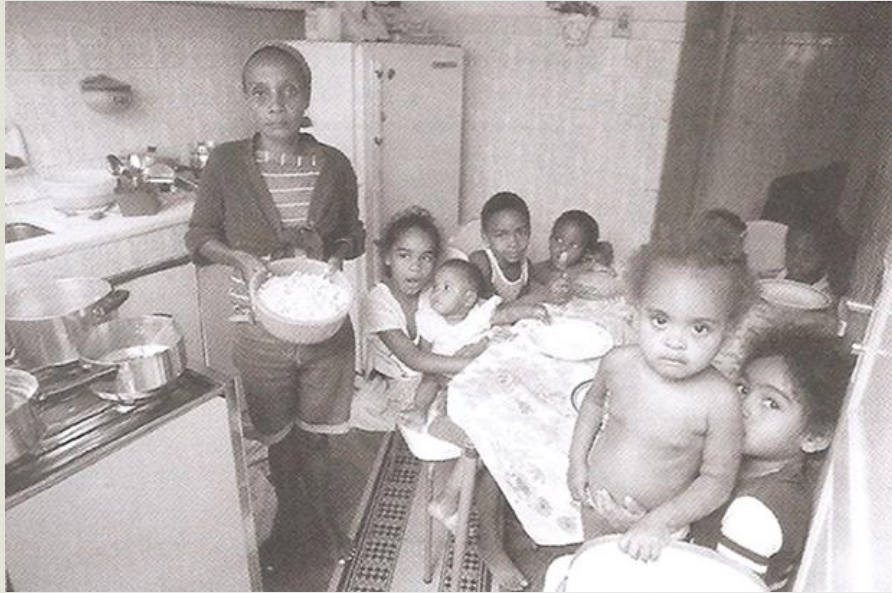


Cleide assoprando vela de aniversário. Interior de SP. Anos 80. SOUSA, Cleide. "Infância, Coisa Boa!!!" *Colcha de Retalhos*. 25/05/2011. <<https://cleidescully.wordpress.com/2011/05/25/infancia-coisa-boa/>> Acesso em: 4 jul. 2016.



Murilo recebendo presente de Natal da prima Priscila em sua casa. Cacheira Paulista (SP). 1994. Acervo pessoal do autor.

“Cenários e atitudes específicas compõem, em cada época, o ambiente da criança. Nas fotos antigas, são brinquedos, bonecas, carrinhos e arcos que dão o tom adequado à infância. É com o arco na mão que o menino de terno e gravata prova sua meninice dentro da formalidade da pose. Hoje, ao contrário, quando a captura do instante passou a ser um valor na fotografia de família, busca-se marcar a infância congelando-a em momentos que expressem liberdade de ação e espontaneidade: nas brincadeiras, nos gestos, nos sorrisos.”
(BARROS; STROZENBERG, 1992, p.60-61)

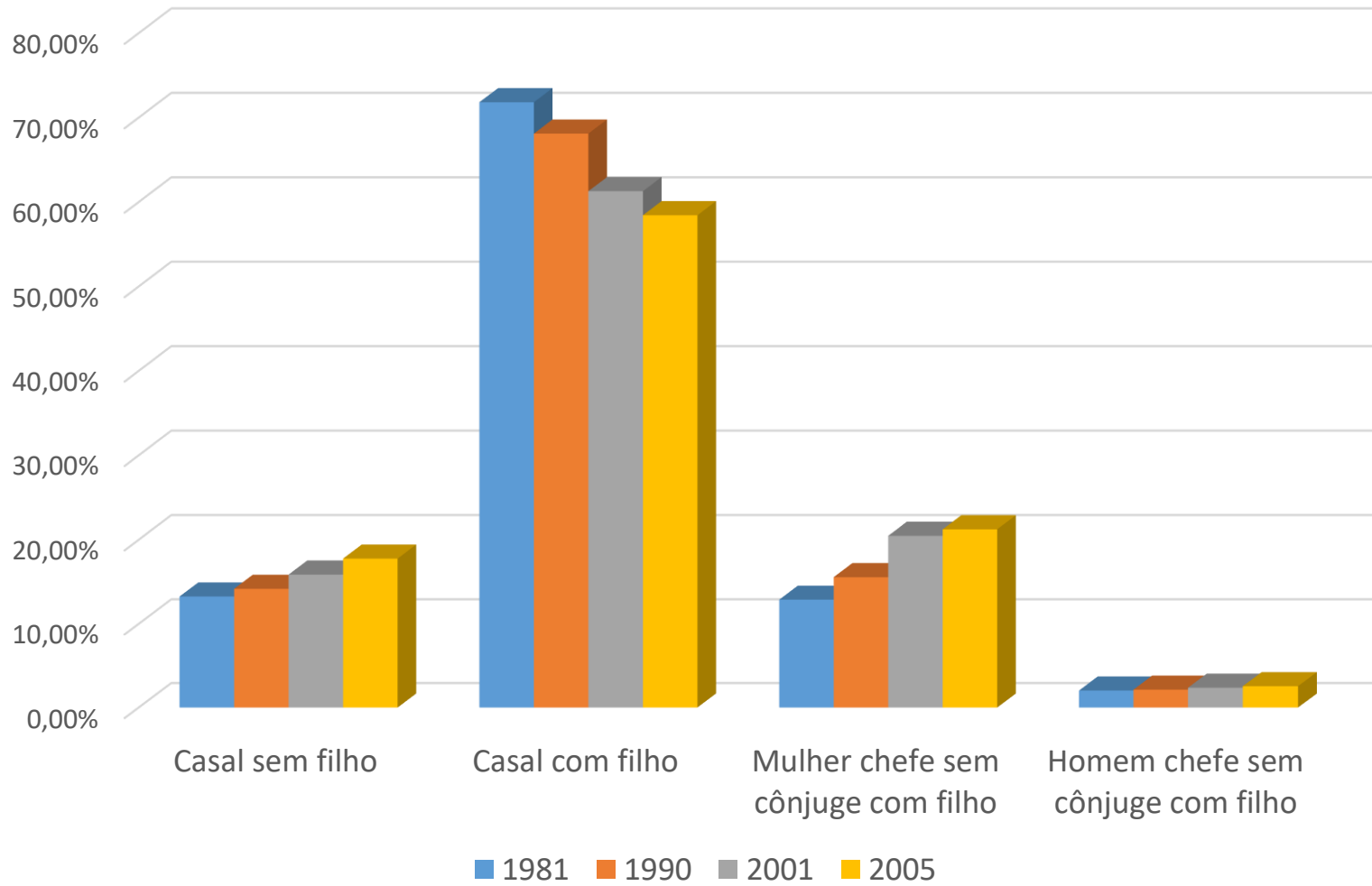


Mulher com seus filhos na cozinha de casa. S/l. Anos 1970/1980. Fotógrafo: Zeca Araújo/ N Imagens. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, vol.4.



Avô Iberê e avó Gircea, com seus netos no quintal de casa. Niterói (RJ), 1988. Acervo pessoal do autor.

Estruturas familiares



(PNAD/ IBGE apud SORJ; FONTES e MACHADO, 2007, p. 580)

“(…)as regras parecem ter mudado. O casamento não exprime [como antes] a obediência feminina ao marido, mas a garantia de auxílio mútuo. O casamento não é quase pensado como o ritual da fundação de uma família. Mas casa-se porque se têm filhos. Apresentam-se razões práticas para o casamento: facilitar a vida, oficializar a relação, obter o visto, pagar menos imposto ou dividir o aluguel da casa.” (Evelyne Sullerot apud LEITE, 1991, p.188)

“Dois fatores recentes precipitaram toda essa transformação na organização familiar. O primeiro fator foi a legalização do divórcio, que, no Brasil, virou lei em 1977. O segundo foi o surgimento da pílula anticoncepcional, que garantiu aos homens e às mulheres a alternativa de uma vida sexual desvinculada da paternidade/maternidade.” (NASCIMENTO, 2006, p.11)



Fotos de Famílias

(final do século XX e início do XXI)



Índios Kyikatejê-gavião tirando selfie com smartphone. Praia de Marudá, Marapanim (PA). 2014. Foto: Laercio Esteves. ESTEVES, Laércio. *Flickr*. 06/09/14. <<https://www.flickr.com/photos/laercioesteves/15040043308/in/photostream/>> Acesso em: 4 jul. 2016.

Mãe e filho indígenas tirando foto com máquina digital. Praia de Marudá, Marapanim (PA). 2014. Foto: Sidney Oliveira/ Agência Pará. *UOL*. 04/09/2014. <<http://noticias.uol.com.br/album/2014/09/05/indios-de-15-etnias-participam-da-4-edicao-do-jogos-tradicionais-indigenas.htm#fotoNav=13>> Acesso em: 4 jul. 2016.



“Evolução maior veio com a fotografia digital, que revolucionou a arte acerca da revelação, antes algo ainda químico; na quantidade de poses, antes limitada pelo filme; e em algo simples, mas crucial: agora poderíamos ver a foto antes da revelação.

(...)

Hoje em dia quase todos os celulares possuem câmera fotográfica, o que ajudou pesadamente na disseminação da fotografia – só no Brasil, há mais celulares do que habitantes. (...) Essa “viralização” modificou drasticamente a noção de fotografia, afinal, o acesso a uma câmera está cada vez mais barato e sua captação, armazenamento, reprodução e disseminação cada vez mais fáceis, angariados pela internet e suas redes sociais, existindo algumas especializadas em fotos, como o Instagram.”(GUIMARÃES, 2015)



Casamento de Rafael Carpejani Gislaine Cristina Nascimento. Macatuba, 2015. Foto: Padre Fernando Gurson Maróstica. SCHIAVONI, Eduardo. “Padre faz selfie com noivos e igreja tem aumento na procura por casamentos”. *UOL*. 22/03/2015. <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/03/22/padre-faz-selfie-com-noivos-e-igreja-tem-aumento-na-procura-por-casamentos.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

Casamento de Karin Godoy e Kaio Murilo no terreiro de Umbanda Cazuá do C.H.A – Caboclo Sete Flechas, em Curitiba. ANTONELLI, Eli. “Ao som de tambores africanos”. *Raça Brasil*. *UOL*. Ed. 188. 2014 <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/160/artigo240610-1.asp/>> Acesso em: 8 jul. 2016.



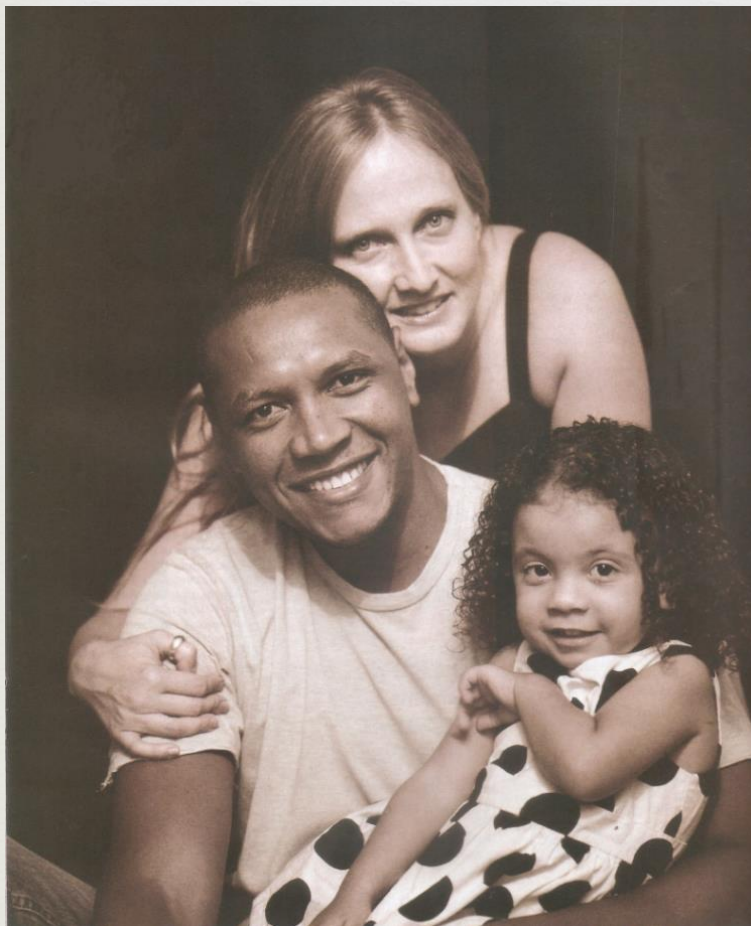


Em sentido horário, a partir da avó Maria Dolores: Nicolas, Fabiana, Leon, Alessandro, Gabriel, Pedro e Gian, o patriarca. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 29, março. 2015.



Joice, com o irmão (à esquerda) e os três filhos. S/L. 2012. Foto: Gabriel de Paiva / O Globo.
ALMEIDA, Cássia. “Mulheres já são chefes de família em 37% do lares brasileiros”. *O Globo*, out. 2012.<<http://oglobo.globo.com/economia/mulheres-ja-sao-chefes-de-familia-em-37-dos-lares-brasileiros-6438981>> Acesso em: 8 jul. 2016.

Casal com o filho. S/l. 2015. Facebook.
<<https://www.facebook.com/jean.wyllys/photos/a.964405480274126.1073741913.163566147024734/965236026857738/?type=3&theater>> Acesso em: 8 jul. 2016.

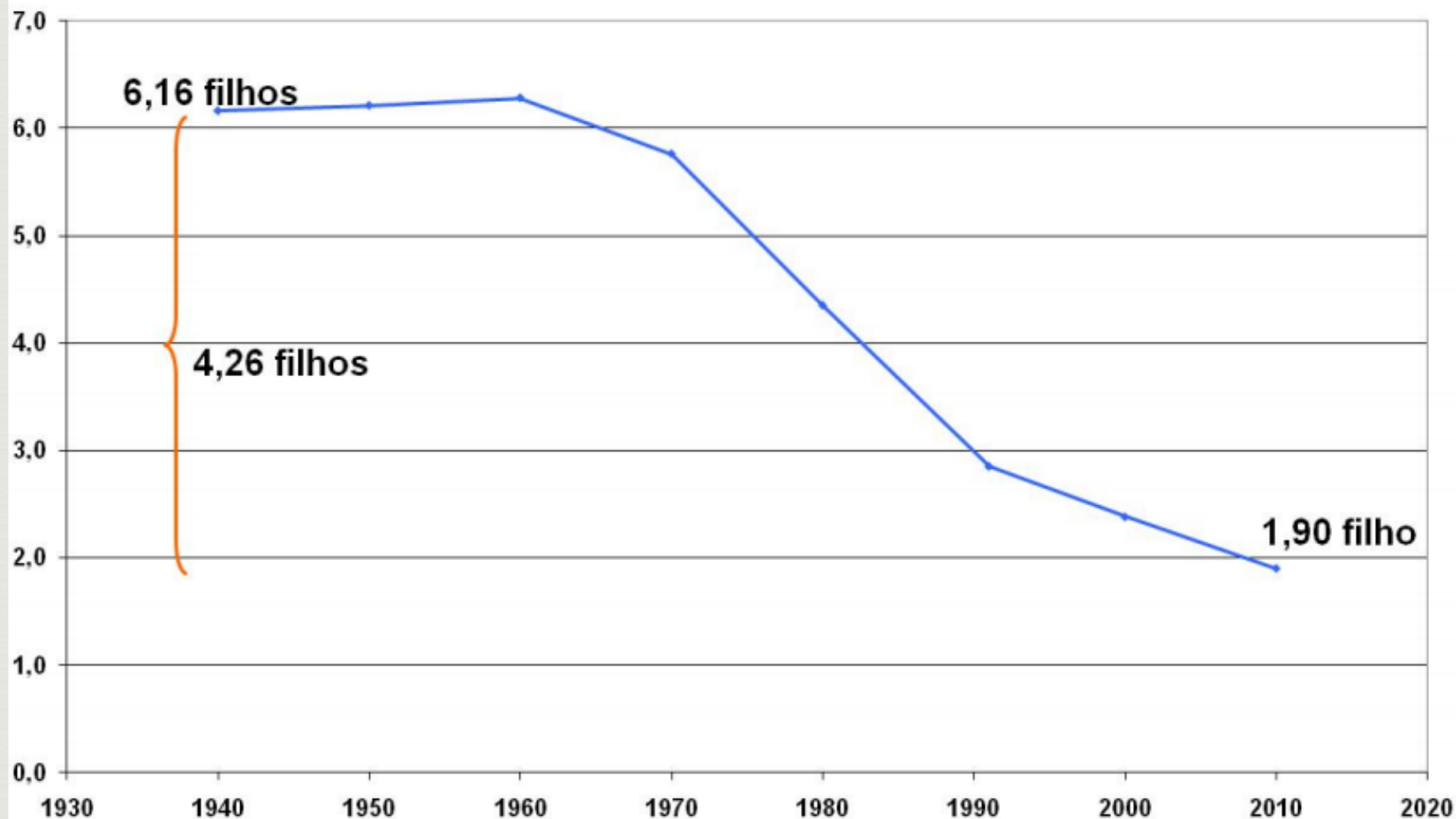


Eve e Adriano com a filha Yanis. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 25, março. 2015.



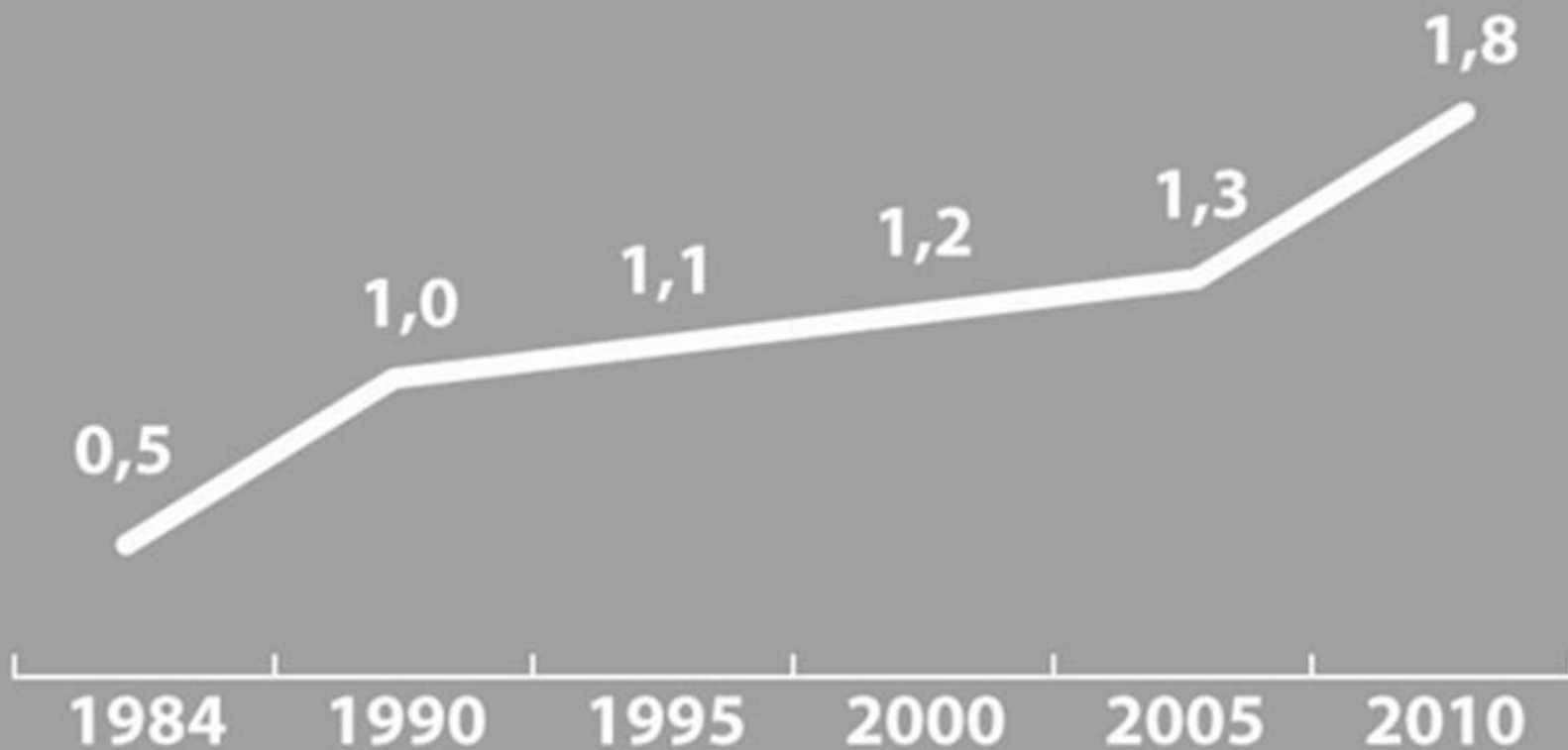
Lilian e o filho Rafael. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 27, março. 2015.

Taxa de fecundidade total – Brasil – 1940/2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1940/2010.

Taxa de divórcios no Brasil*



* Taxa de divórcios cada mil pessoas de 20 anos ou mais

Fonte: IBGE, Estatísticas do Registro Civil 2010.

Fábio com o cachorro Hugo, ao lado do marido, Marcos, e dos filhos, Felipe (à esquerda) e Davidson. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 31, março. 2015.



Casal com o filho. S/I, 2015. *Facebook*.
<<https://www.facebook.com/jean.wyllys/photos/a.964405480274126.1073741913.163566147024734/965236026857738/?type=3&theater>>
Acesso em: 8 jul. 2016.



Kika Kotta e Carol Machado com a filha Tereza. Rio de Janeiro (RJ). Foto: Fabio Seixo. SALOMONE, Roberta. "A vida como ela é". Revista *O Globo*, vol. 1, nº 557, p. 31, março. 2015.



Thammy Miranda e Andressa Ferreira com Gretchen e irmãs Giullia e Valentina. Portugal, 2015. *Instagram* <https://www.instagram.com/thammymiranda/?hl=pt-br>. Acesso em: 8 jul. 2016.



Joana e Ique. Rio de Janeiro, 2015. RODRIGUES, Simone. *Nomes do Amor*. Foto: Simone Rodrigues. <<http://www.nomesdoamor.com/galeria/>> Acesso em: 8 jul. 2016.

“Atualmente as famílias são formadas por diversas estruturas: por exemplo, há mães solteiras com seus filhos; pais com filhos adotivos; famílias formadas por casais que já tiveram outros casamentos com filhos e decidiram ter outros filhos dessa união; temos ainda famílias formadas por um casal e um “animal de estimação”... e, também, se questiona se podemos considerar família o solteiro adulto que vive sozinho.

(...) O flagrante da revolução contemporânea, porque passa a população e a família brasileira, se completa com núcleos familiares formados por minorias como os homossexuais (com casamento e adoção de crianças) e por conta das novas técnicas de reprodução (inseminação artificial, doador de esperma, barriga de aluguel, etc.).” (NASCIMENTO, 2006, p.11-12)

Referências Bibliográficas:

GUIMARÃES, Gustavo. “De invenção do diabo até a selfie: os 176 anos da fotografia”. In *Capital Teresina*. Disponível em:
<<http://www.capitalteresina.com.br/noticias/cultura/de-invencao-do-diabo-ate-a-selfie-os-176-anos-da-fotografia-30808.html>>

Acesso em: 4 jul. 2016.

LEITE, Miriam Moreira. O retrato de casamento. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n.29, p. 182-189, mar. 1991.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes e STROZENBERG, Ilana. *Álbum de Família*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1993.

MAUAD, Ana Maria. Tempo. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98.

NASCIMENTO, Arlindo Mello de. População e família brasileira: ontem e hoje. Trabalho apresentado no XV Encontro de Estudos Populacionais, *ABEP*, realizado em Caxambu – MG - Brasil, de 18 – 22 de Setembro de 2006.
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_476.pdf> Acesso em: 11 jul. 2016.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 457- 489.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. “Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil: issues and policies in Brazil”. *Cad. Pesq.*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 573-594, dezembro de 2007